

João Franco Lima

**ETHEL BAUZER MEDEIROS: TRAJETÓRIA NO CAMPO
DA RECREAÇÃO E DO LAZER**

**BELO HORIZONTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA
OCUPACIONAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

2009

João Franco Lima

**ETHEL BAUZER MEDEIROS: TRAJETÓRIA NO CAMPO
DA RECREAÇÃO E DO LAZER**

BELO HORIZONTE

2009

João Franco Lima

**ETHEL BAUZER MEDEIROS: TRAJETÓRIA NO CAMPO
DA RECREAÇÃO E DO LAZER**

Dissertação apresentada ao Colegiado do Mestrado em Lazer – Interdisciplinar – da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de Concentração: Lazer, cultura e educação.

Linha de Pesquisa: Lazer, História e Diversidade Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Christianne Luce Gomes.

Co-orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2009

L732e Lima, João Franco
2009 Ethel Bauzer Medeiros: trajetória no campo da recreação e do lazer. [manuscrito] / João Franco Lima. – 2009.
121 f., enc.:il.

Orientadora: Christianne Luce Gomes
Co-orientador: Tarcísio Mauro Vago

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 84- 90

1. Lazer – Teses. 2. Recreação - Teses. 3. Ethel Bauzer Medeiros. I. Gomes, Chistianne Luce. II. Vago, Tarcísio Mauro. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 379.8



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Mestrado em Lazer
Área Interdisciplinar

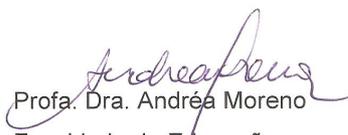
Dissertação intitulada "*Ethel Bauzer Medeiros: trajetória no campo da recreação e lazer*" de autoria do mestrando João Franco Lima, defendida e aprovada em 23 de abril de 2009, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:



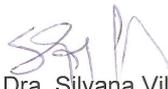
Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientadora)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais



Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (Co-orientador)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais



Profa. Dra. Andréa Moreno
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais



Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner
Escola Superior de Educação Física
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Para meu irmão,
José Franco Lima (em memória).

Para minha esposa e nossa filha,
Nádia Afonso das Chagas Lima e Gabriela das Chagas Lima.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa, agradeço à Grande Energia Criadora, pois, sem ela coisa alguma seria possível.

Aos meus pais, Pedro Bezerra Lima e Maria Aurenice Franco Lima, pelo apoio total. Sem a ajuda deles, seria muito difícil, talvez impossível, concluir esta etapa.

À minha irmã, Maria Bernadeth Franco Lima, pelo apoio.

À Ethel Bauzer Medeiros, por toda a colaboração dispensada para a realização deste trabalho.

Aos orientadores, Christianne Luce Gomes e Tarcísio Mauro Vago, principalmente pela sabedoria na condução deste processo acadêmico.

À Andrea Moreno e à Silvana Vilodre Goellner, por terem aceito participar da banca, bem como pelas observações em relação ao projeto de pesquisa, que muito contribuíram para o desenvolvimento.

Aos colegas de mestrado, principalmente Leonardo Lacerda por me receber em sua casa no período de seleção, Cleide Souza e Gabriela Pinto por toda a ajuda dispensada, Tarcila Lopes e Kássio Gomes pela amizade e apoio, Tiago Tonial pela amizade e as conversas sobre a operação historiográfica.

À Cinira Veronezi, sempre prestativa e amiga.

Ao meu primo Bruce e família, à minha tia Risoleta, por me receberem tão bem, quando da minha ida ao Rio de Janeiro para entrevistar Ethel.

Ao meu primo José Francisco e família, pela companhia no meu primeiro carnaval fora da Bahia por motivo do mestrado.

Aos amigos da Casa do Sr. Alberto Abutaca, o publicitário Carlos Soares (Cacá), o Magnata da construção Stan Marco Stancioli, o comerciante de carros David, Wallace e Lorrán.

À professora da disciplina Didática no Ensino Superior, Dra. Adla Betsaida M. Teixeira e aos colegas da turma, com os quais aprendi muito.

Aos colegas e amigos do SESI dos vários DR, pelo incentivo e a torcida.

Ao Colegiado do Mestrado em Lazer da UFMG e à CAPES.

À Ludymilla Soares pela revisão.

E a todos os colegas e amigos.

RESUMO

A presente pesquisa investiga a trajetória de formação e atuação profissional de Ethel Bauzer Medeiros, cuja relevância no campo da recreação e do lazer é destacada tanto por autores contemporâneos de sua época, como por estudiosos da atualidade, em virtude da sua produção intelectual. As seguintes questões nortearam o estudo: Como ocorreu o despertar de Ethel pela temática da recreação e do lazer? Como a sua formação profissional vinculou-se ao campo do lazer? Quais teorias, autores e profissionais a influenciaram? Quais foram suas produções, estratégias, representações e impactos neste campo? Os encaminhamentos metodológicos adotados envolveram revisão bibliográfica, história de vida, construção de cronologia, e entrevista. A análise foi realizada a partir da construção iterativa para elaboração de uma explicação lógica da trajetória estudada, por meio do exame dos dados bibliográficos, documentais, tramas identificadas na história de vida de Ethel. O contexto de três períodos distintos foi levado em consideração. Entre as décadas de 1920 e 1940, ainda na infância, ocorreu o primeiro contato com a recreação valorizada como meio de educar, tanto no seio familiar como no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. O período marca ainda o início da formação profissional de Ethel nesse Instituto, que era símbolo da Escola Nova. De 1940 a 1950, estabeleceu-se o interesse pela recreação e o vínculo profissional com esse campo e também com a psicologia. E entre as décadas de 50 e 80, Ethel publicou os livros *Jogos para recreação na escola primaria* (1959), *Lazer: necessidade ou novidade?* (1975), *O lazer no planejamento urbano* (1975), *O município e a recreação* (1976), com os quais registrou seu legado no campo do lazer. As teorias da psicologia educacional e desenvolvimentista, que embasavam as práticas da Escola Nova, foram as que mais a influenciaram. Os autores e profissionais, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Nicanor Miranda, Arnaldo Sussekind, Frederico Gaelzer, Francisco Albizú, Maria Carlota de Macedo Soares e Joseph Lee. Ethel investiu em sua capacitação de forma continuada, estabeleceu contato com outros profissionais, participou de associações profissionais de recreação e lazer, produziu e disseminou conhecimento. E obteve considerável reconhecimento por suas realizações.

Palavras chave: Ethel Bauzer Medeiros, história de vida, lazer, recreação.

ABSTRACT

The present research investigates the formation and professional acting trajectory of Ethel Bauzer Medeiros, whose relevance in the recreation and of the leisure's field is detached so much by contemporary authors of his time, and also for scholars of the present, owing to her intellectual production. The following questions guided the study. How Ethel's awakening took place for the theme of the recreation and of the leisure? How was the professional formation linked to the field of the leisure? Which theories did authors and professionals influence it? What were her productions, strategies, representations and impacts in this field? The research methodology adopted was bibliographical revision, history of life, construction of chronology, and interview. The analysis was carried out from the iterative construction for preparation of a logical explanation of the studied trajectory, though the examination of the bibliographical, documentary data, woofs identified in the history of Ethel's life. The context of three different periods was taken into account. Between the decades of 1920 and 1940, still in the childhood, the first contact took place with the recreation valued as a mean of educating, both in the family and in the *Instituto de Educação do Rio de Janeiro*. The period also marks the beginning of the professional formation of Ethel in this Institute, which was a symbol of the *Escola Nova*. From 1940 to 1950, there was established the interest for the recreation and the professional bond with this field and also with the psychology. And between the decades of 1950 and 1980, Ethel published the books *Jogos para recreação na escola primaria* (1959), *Lazer: necessidade ou novidade?* (1975), *O lazer no planejamento urbano* (1975), *O município e a recreação* (1976), with which she registered her legacy in the Field of the leisure. The theories of educational and developmental psychology, which based *Escola Nova*'s practices, which were the most affected. The authors and professionals, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Nicanor Miranda, Arnaldo Sussekind, Frederico Gaelzer, Francisco Albizú, Maria Carlota de Macedo Soares and Joseph Lee. Ethel invested in her continuous Professional training, established contact with other professionals, participated of Professional associations of recreation and leisure, produced and disseminated knowledge. And obtained considerable recognition for her achievements.

Words key: Ethel Bauzer Medeiros, history of life, leisure, recreation.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 01. Ethel no Parque de Recreação Darcy Vargas dos Serviços de Educação Musical e de Educação Física, Recreação e Jogos do Departamento de Educação Complementar – Prefeitura do Rio de Janeiro, década de 1940.....***24**
- Imagem 02. Primeira parte da carta de Vivaldi Moreira para Anísio Teixeira, datada de 16/09/1957.....***42**
- Imagem 03. Segunda parte da carta de Vivaldi Moreira para Anísio Teixeira, datada de 16/09/1957.....***43**
- Imagem 04. Matéria do jornal O Estado do Paraná sobre o Curso de Recreação Infantil ministrado a professores em Curitiba no ano de 1953.....***45**
- Imagens 05. Ethel Bauzer Medeiros em Curso de Recreação Infantil, Curitiba 01/08/1953.....***121**
- Imagens 06. Ethel Bauzer Medeiros em Curso de Recreação Infantil, Curitiba 01/08/1953.....***121**

SUMÁRIO

Introdução	2
Uma investigação historiográfica	2
Encaminhamentos metodológicos	8
Capítulo I – Primeiras influências	12
1.1 A constituição familiar	12
1.2 Experiências de Ethel no âmbito familiar	14
1.3 A formação no Instituto de Educação do Rio de Janeiro	16
Capítulo II – Estabelecendo vínculos	22
2.1 A Recreação no início da experiência profissional.....	22
2.2 Entrelaçamento da Psicologia e da Recreação na atuação profissional.....	28
2.3 O primeiro livro sobre recreação.....	31
Capítulo III – Ampliando o raio de ação	50
3.1 Recreação, Lazer e Planejamento Urbano: Ampliando o raio de ação.....	50
3.2 Participando do debate no campo do lazer.....	60
3.3 Recreação como veículo de educação para o lazer	75
Considerações finais	80
Referências	84
Apêndice	91
Entrevistas com Ethel Bauzer Medeiros	91
Anexo	117
Termo de consentimento livre e esclarecido.....	117
Cronologia de Ethel Bauzer Medeiros:.....	118
Edital em cópia do Diário Oficial de dez. de 1946.....	120

INTRODUÇÃO

Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim, e esta estrutura de parada chega até a introdução, já organizada pelo dever de terminar.

(Michel de Certeau, 2007, p. 94)

Uma investigação historiográfica

A pesquisa tem como objeto de estudo a trajetória de vida de Ethel Bauzer Medeiros, pois ela é reconhecida por seus pares como alguém que muito contribuiu para o Campo da Recreação e do Lazer. Sua relevância é destacada tanto por autores de sua época, como Ferreira (1959) e Requixa (1977), como por estudiosos da atualidade, dentre os quais Marcellino (1987), Gomes e Melo (2003).

Segundo Certeau (2006), a operação historiográfica refere-se à combinação de um lugar social (um recrutamento, um meio, uma profissão, entre outros), procedimentos de análise e uma escrita. Engajar nesta construção foi aceitar o desafio de traçar objetivos; formular e organizar questões capazes de guiar a pesquisa; adotar métodos para a elaboração de uma história, e, principalmente, estimular e possibilitar novos estudos a respeito de Ethel.

Assim, foram empreendidos esforços para analisar “um material para transformá-lo em história” (CERTEAU, 2006, p. 79). E neste caso, a opção foi escrever uma possível história de Ethel, pois a marcante presença no Campo da Recreação e do Lazer motiva este trabalho com objetivo de investigar sua trajetória, com foco na formação e atuação profissional. As seguintes questões nortearam a pesquisa: Como ocorreu o despertar de Ethel pela temática da recreação e do lazer? Como a sua formação profissional vinculou-se ao campo do lazer? Quais teorias, autores e profissionais a influenciaram? Quais foram suas produções, estratégias, representações e impactos neste campo?

Como apontam Gomes e Melo (2003), é imprescindível esclarecer que grande parte das análises sobre o lazer restringe-se a relatos de experiência que não partem de uma compreensão teórica aprofundada, e, raramente, os trabalhos de pesquisa apontam caminhos para promover um ganho qualitativo nas intervenções. E, de acordo com Werneck (2003) ainda são incipientes e escassas as pesquisas e reflexões sistematizadas na perspectiva histórica do campo da Recreação e do Lazer. Além de necessária, a realização desse estudo tornou-se ainda mais instigante.

A insuficiência de publicações sobre o campo do lazer em território nacional foi notada ainda na década de 1950, já que Gomes (2003, p. 34-35) cita uma observação de Ferreira, em meados do século XX, referindo-se à escassez de bibliografia brasileira sobre o lazer: “Exceção dos trabalhos de Inezil Marinho, Arnaldo Sussekind, Ethel Bauzer Medeiros e de mais alguns poucos estudiosos, nada conseguimos encontrar sobre o assunto [...]”. Dessa forma, o livro publicado por Ferreira no ano de 1959, que representa um importante trabalho para o campo de estudos do lazer, evidencia que Ethel já produzia conhecimentos sobre lazer naquela época.

Referindo-se ao ano de 1971, Requixa destaca a obra de Ethel:

No mesmo ano é editado o livro mais de uma vez citado neste trabalho, “O Lazer no Planejamento Urbano.” Trata-se de importante obra da professora e pedagoga Ethel Bauzer Medeiros, quer pela experiência prática revelada pela autora, como participante, assessora e coordenadora de diversos projetos teóricos, fruto de reflexões em torno da temática da educação, da psicologia, da sociologia, e principalmente, da organização do lazer. (REQUIXA, 1977, p.99).

É essencial salientar que a contribuição de Ethel é também reconhecida por autores de outros países sul-americanos. O uruguaio Vilas (2005, p. 263) ressalta que: “[...] algunos de los libros mas significativos a nuestro entender son: Juegos de Recreación de Ethel Bauzer Medeiros – *profesora brasilera* quien tuvo una gran importancia en el desarrollo de la recreación en su país [...]”. E o autor argentino Waichman (2004) que também menciona esse mesmo livro pela qualidade.

De acordo com as informações que fundamentaram a palestra proferida no IV Seminário *O lazer em debate*, a educadora, então com quase 80 anos de idade, relata ter atravessado mais de meio século de trabalho na área de recreação e lazer, e, se considera, ainda assim, uma “eterna aprendiz” (MEDEIROS, 2003, p.23). São exemplos de sua trajetória profissional: envolvimento em ações de planejamento e capacitação de recreadores no SESI e, sobretudo, no SESC; atuação paralela em recreação e lazer e Medidas e Avaliação Educacionais; primeira Diretora da *International Recreation Association* em 1956, reeleita para as gestões seguintes, até 1976; uma das Vice-Presidentes da *World Leisure and Recreation Association*; primeira Presidente da *Associação Brasileira de Recreação (ABDR)*; cooperação na fundação e uma das primeiras Vice-Presidentes da *Asociación Latinoamericana de Tiempo Libre y Recreación (ALATIR)*; participação no projeto de construção do parque do aterro do Flamengo no Rio de Janeiro. Ethel realizou o Mestrado em Educação na Northwestern University, Illinois, em 1949 (área de Medidas); formação como Normalista Especializada em Educação Física e Desportos pela Universidade do Brasil. Enfim, Medeiros sentencia (2003, p.29): “ao longo de sessenta anos, estudei e aprendi, fiz pesquisa bibliográfica e empírica, compartilhei meu conhecimento em debates e publicações, sempre em profícuo intercâmbio com outros profissionais”.

A trajetória de formação e de atuação profissional de Ethel está inserida em uma rede de relações, permeada por atividades de destaque para o campo da recreação e do lazer, repleta de experiências e descobertas, que favoreceram a realização desse estudo. Que revelou diversas facetas dessa mulher, nos espaços familiares, de formação, de atuação profissional; de sua imagem como filha, esposa, mãe, estudante, professora, formadora e profissional.

Esta pesquisa foi desenvolvida com o intuito de contribuir para melhor compreensão e aprofundamento dos conhecimentos sobre o Campo da Recreação e do Lazer na realidade brasileira. Foi realizada com a ciência de que o fazer historiográfico não se limita à mostra da existência de um tempo passado, mas converte os indícios do pretérito em fonte ou documento para ir além do que é visto, do que é dito; é o meio pelo qual o pesquisador busca interpretar uma realidade.

Ao consultar bancos de dados de dissertações/teses da biblioteca da UFMG, Scielo e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, foi possível constatar a escassez de pesquisas sobre a vida de profissionais, estudiosos(as), pesquisadores(as), intelectuais do campo do lazer, o que evidencia ainda mais a importância deste estudo.

O ser humano, como observa Teixeira (2002), é multideterminado; é sócio-histórico, possui a capacidade de se apropriar da cultura criada pelas gerações precedentes. A relação com o mundo pauta-se em um conjunto de significados, espaço de atividades, que se inscreve no tempo. Charlot (2000) define a interação do sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros como a relação com o saber.

Ethel manteve uma estreita relação com o saber, pela apropriação do mundo, pela construção de si mesma e pelo ingresso nas redes de relacionamento. A investigação historiográfica possibilitou rastrear as influências, a inserção no campo da recreação e do lazer, as representações, a rede de relações, que foram determinantes para a formação e atuação profissional.

No desenrolar dessa pesquisa, aspectos como a complexidade e a multiplicidade dos espaços ocupados por Ethel e as distintas identidades assumidas por ela em diferentes recortes sociais foram levados em consideração.

A respeito da multiplicidade dos espaços sociais e dos indivíduos que o ocupam, Chamon (2005, p. 37) esclarece:

Tanto o sujeito quanto o espaço social que ele ocupa são múltiplos, variados, criados e recriados incessantemente e só existem em relação um com o outro, não podendo, por isso, ser tomados como elementos separados de uma mesma operação. O espaço social, o sujeito e sua trajetória são um “vir-a-ser”, sendo antes o resultado do percurso, das escolhas, das experiências do que o ponto de partida; não estando dados e prontos a priori, eles são a própria história e não condição para seu desenrolar.

Dos múltiplos espaços ocupados por Ethel, registramos a família de origem; a família constituída por ela e o marido; as escolas; as faculdades; os locais de trabalho e as entidades das quais fez parte.

O mesmo espaço social é, continuamente, transformado. Ainda que não ocupe diversos espaços sociais, um sujeito apropria-se de diferentes recortes do mesmo espaço e, em cada espaço particular, se relaciona com diferentes sujeitos. Em cada um desses ambientes, o indivíduo assume uma determinada identidade. Segundo Pesavento (2005, p. 91), “as identidades podem dar conta dos múltiplos recortes do social, sendo étnicas, raciais, religiosas, etárias, de gênero, de posição social, de classe ou de renda, ou ainda então profissionais.” A autora aponta ainda que:

As identidades são múltiplas e vão desde o eu, pessoa, construtor da personalidade, aos múltiplos recortes do social, fazendo com que um mesmo indivíduo superponha e acumule, em si, diferentes perfis identitários. Estes não são, a rigor, excludentes por si mesmos, nem forçosamente atingem uma composição harmônica e sem conflitos nessa espécie de rede poli-identitária que cerca o indivíduo. (PESAVENTO, 2005, p. 90).

Ao tratar da história de Ethel, procurei levar em consideração aspectos políticos, sócioeconômicos, culturais e históricos do período estudado; percursos e deslocamentos geográficos e sociais; experiências; conflitos internos e externos; práticas; múltiplos recortes do social e, ainda, pessoas que fizeram parte da sua vida. De acordo com Goellner (2007, p. 20),

[...] os sujeitos não são apenas homens ou mulheres, mas homens e mulheres de várias etnias, classes, religiões, gerações, etc.; portanto, há diferentes mulheres e diferentes homens, sendo que suas identidades se constroem ao longo da vida através de inúmeras práticas sociais.

As experiências ficam gravadas na mente de quem as vivenciou. Portanto, é necessário lembrar que quem atua com história lida com memória, que na concepção de Le Goff (2003, p. 419) é a “[...] propriedade de conservar certas informações [...]”.

Simson (2000, p.63), por sua vez, afirma que a memória busca “[...] reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.)”.

De acordo com o autor, a memória pode ser individual ou coletiva. A individual refere-se àquela guardada por um único indivíduo, já a coletiva é constituída por fatos e aspectos considerados relevantes e guardados como oficiais pela sociedade (SIMSON, 2000).

Segundo Pesavento (2005), ao lidar com a memória as múltiplas mediações no processo de recordar devem ser levados em conta. Entre o tempo do vivido, o lembrado e narrado, o fato recordado já sofreu reflexão, julgamento, resignificação. Quem relembra incorpora tanto o que foi preservado na memória pessoal quanto na memória social, uma vez que o faz em outro contexto, marcado por um jogo de lembrar e esquecer. O sujeito que lembra no presente não é mais aquele que vivenciou a experiência no passado.

Conforme Goellner (2007, p. 21), memória e história mantêm uma íntima relação:

Compreendo a história como uma narrativa capaz de fazer conhecer um tempo que já passou, recordando, assim, o passado no presente. É, pois, uma tentativa de estabelecer nexos entre diferentes épocas estando ciente de que o passado é algo que se transforma ininterruptamente. Daí a história ser sempre um entretempo onde o(a) historiador(a) produz uma possível versão do acontecido a partir dos vestígios que conseguiu reunir do tempo transcorrido e do seu próprio tempo na medida em que está imerso nele, sendo por ele subjetivado.

Acredito que a história está sujeita a influência do momento da elaboração e relacionada às múltiplas mediações no processo de recordar, já que envolve e é escrita por pessoas. Ao repassar o tempo vivido, o sujeito o faz com novas reflexões, julgamentos, significados. Ansart (2001, p. 31) alerta que:

Por mais diversos e contraditórios que tenham sido os sofrimentos de cada um, pode-se afirmar que o indivíduo não esquece os fatos dos quais foi ator ou vítima, mas esquece-se ou, ao menos, aferra-se bem menos às lembranças dos ressentimentos.

Assim, percebo que o pesquisador deve atentar para o não dito, aos vestígios, a fim de identificar possíveis conflitos. Diante de tal complexidade, compreendo a constatação de Borges (2001, p. 300-301): “[...] toda história é uma construção, e o problema de descobrir ‘a verdade’ é bem mais complicado do que parece [...].”

Nessa empreitada, empenhei-me em recorrer às fontes, procurar evidências, buscar o apoio de outros autores e inovar no objeto de estudo, visando uma representação inteligível da realidade, que fosse capaz de responder as questões norteadoras, levantar novos questionamentos e estimular outros estudos.

Assumir o desafio de realizar essa pesquisa proporcionou compartilhamento e troca de idéias, reflexão individual, encanto com o exercício de redigir e insegurança diante dos resultados. Tudo isso me fez compreender as palavras de Goellner (2007, p. 13), que descrevem o ato de se debruçar sobre a mesa de trabalho: “Momentos de solidão, às vezes partilhada, em que me abandono e me reencontro e onde pulsam, com intensidade, prazer, paciência, ousadia e receio.”

Encaminhamentos metodológicos

Critérios e princípios metodológicos foram utilizados com o intuito de buscar consistência e profundidade, bem como uma interpretação compreensível da realidade na pesquisa sobre a trajetória de vida de Ethel, por acreditar que investigar o passado é um procedimento relevante.

De acordo com Santos [s.d.], embora a história de vida possa estar centrada em um único indivíduo, ela abrange relações estabelecidas num determinado contexto da época e inclui, em sua narrativa, outros atores importantes. Para Alberti (2004), é possível entrever determinadas representações características da geração, da formação, da comunidade, dentre outras.

Santos ([s.d.], p.6) esclarece que:

Construir uma trajetória de vida não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois, transitando por suas lembranças tem-se

contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer suas mobilidades social e espacial. Os papéis sociais definem atitudes e experiências do entrevistado, e estão relacionados aos diferentes momentos da existência de cada um.

Para responder as questões norteadoras dessa pesquisa e atingir o objetivo proposto, os encaminhamentos metodológicos adotados envolveram revisão bibliográfica, história de vida, construção de cronologia¹, e entrevista.

Tourtier-Bonazzi (2006) recomenda que, para a preparação da entrevista, seja realizada consulta a livros e outras fontes que abordem vida e obra do entrevistado, a fim de subsidiar os questionamentos.

Nesse trabalho, foi realizada uma revisão da produção intelectual de Ethel e de outros textos relacionados ao tema e objeto de estudo. A identificação e contextualização dos momentos históricos permitiram aprofundar o estudo.

As fontes utilizadas para a realização dessa pesquisa, entre outras, foram: o depoimento coletado por meio de entrevistas², o relato de experiências para o IV Seminário *O lazer em debate* (MEDEIROS, 2003), Medeiros (1999), Medeiros (1959), Medeiros (1961), Medeiros (1975a), Medeiros (1975b), Medeiros (1976a)³, teses, dissertações, ensaios derivados de teses e dissertações, e material cedido pela própria Ethel (fotos, cópias de entrevistas e matérias publicadas em jornais, revistas, trechos de livros). Segundo Pesavento (2005), tudo aquilo que contém pistas para a solução de questões trazidas pela história pode se tornar fonte.

Contudo, o relato de experiências produzido por Ethel (MEDEIROS, 2003) foi o principal guia – não só para a preparação das entrevistas, mas também para toda a pesquisa – pois a obra resgata fatos significativos de sua trajetória de vida.

Nas entrevistas, foram tomados os cuidados sugeridos por Tourtier-Bonazzi (2006), tais como procurar criar uma relação de confiança com a testemunha, evitar

¹ A cronologia de Ethel Bauzer Medeiros encontra-se em anexo.

² As entrevistas encontram-se em apêndice e, no decorrer do texto, trechos são exibidos em itálico.

³ O extrato da bibliografia de Ethel Bauzer Medeiros pode ser visto em Medeiros (2003).

questões excessivamente minuciosas relacionadas à cronologia, ouvi-la com paciência, orientá-la sem precipitação, não impedir possíveis subterfúgios, evitar falar ao mesmo tempo em que ela depõe e não ser insistente quando perceber resistência.

Inicialmente foi realizado um contato telefônico com Ethel a fim de verificar a disponibilidade para participar da pesquisa e comunicá-la a respeito de cada etapa. Uma anuência formal por escrito foi solicitada e a coleta de dados orais foi iniciada somente após a aprovação do projeto pelo COEP/UFMG.

A coleta dos relatos orais foi realizada, no dia 04 de agosto de 2008, por meio de uma entrevista não-dirigida⁴ (TOURTIER-BONAZZI, 2006). O tema da pesquisa foi apresentado e solicitei a Ethel que ela contasse toda sua história de vida, contemplando a formação e atuação profissional. Uma entrevista semidirigida foi realizada no dia 6 de agosto e, no dia 7, houve uma complementação da entrevista anterior.

As questões da entrevista semidirigida foram elaboradas a partir da ordenação e análise dos dados coletados por meio da pesquisa bibliográfica, documental e da entrevista inicial.

Tourtier-Bonazzi (2006) adverte que o local da entrevista condiciona o depoimento e, então, sugere um ambiente favorável, como a própria casa do(a) entrevistado(a), onde o pesquisador pode ter acesso a cartas, diários e/ou outros documentos. Por esse motivo, a entrevista ocorreu na residência de Ethel, que disponibilizou acesso a um vasto material, tais como fotos, livros, recortes de jornal e cartas.

Após a coleta dos relatos, foram realizadas as transcrições, a organização dos dados e a delimitação do tema desenvolvido na narrativa. Conforme recomenda

⁴ As entrevistas classificadas por Tourtier-Bonazzi (2006) como dirigidas, não-dirigidas, semidirigidas são denominadas por Triviños (1987) como estruturadas ou fechadas, livres ou abertas, semi-estruturadas, respectivamente.

Meihy (1996), os aspectos éticos foram observados e somente o conteúdo revisto e aprovado por Ethel foi utilizado nesse trabalho.

A análise foi realizada a partir da construção iterativa de uma explicação, de acordo com Laville, C.; Dionne, J.; Siman, L. M. C. (1999), pois não havia uma hipótese estabelecida, mas questões norteadoras. A análise foi construída com reflexão, observação e interpretação dos dados coletados durante todo o processo, para elaboração de uma explicação lógica da trajetória estudada. Foram levados em consideração o exame dos dados bibliográficos e documentais e tramas identificadas na história de vida de Ethel.

O texto contém três capítulos: o primeiro aborda a constituição da família de Ethel, o seu ingresso neste grupo social na década de 1920 e, principalmente, a formação no Instituto de Educação da Prefeitura do antigo Distrito Federal, concluída no início dos anos de 1940. O segundo trata das experiências ocorridas entre as décadas de 1940 e 1950, incluindo capacitação e atuação profissional. O último versa acerca de assuntos referentes a sua trajetória entre meados da década de 1950 e início da década de 1980, quando afastou-se, voluntariamente, da vice-presidência da WLRA. Esses três momentos caracterizam a sua formação inicial, as primeiras experiências profissionais e ampliação de suas ações no âmbito da recreação do lazer e planejamento urbano.

CAPÍTULO I – PRIMEIRAS INFLUÊNCIAS

É necessário estabelecer o ponto de partida ao pesquisar a história de vida de uma pessoa. Diante das diversas possibilidades, uma das alternativas é iniciar a investigação pelas experiências na esfera familiar. A família é a primeira instituição social da qual o indivíduo faz parte, de quem recebe os primeiros ensinamentos para construir os próprios referenciais para a vida adulta. Na concepção de Feller (2000, p. 20). “[...] a primeira instituição da qual fazemos parte antes mesmo de nascermos uma vez que, ao sermos concebidos, de imediato entramos no seio de um grupo social denominado família”.

Embora esse trabalho tenha como foco a trajetória de formação e atuação profissional de Ethel, o início de sua formação, desde o ingresso no seio familiar na década de 1920, foi levado em conta. A narrativa encerra no momento da sua substituição como uma das Vice-Presidentes da *World Leisure and Recreation Association* (WLRA), no começo da década de 1980.

Esse capítulo trata especialmente da origem familiar de Ethel, da sua infância e da época de sua formação no Instituto de Educação da Prefeitura do antigo Distrito Federal. A delimitação desse contexto é fundamental para o entendimento de quem é Ethel e para a construção de bases das respostas às questões iniciais da pesquisa.

1.1 A constituição familiar

O período compreendido entre as décadas finais do século XIX – quando, segundo Oliveira (2008), o ideário higienista e o método intuitivo na educação já haviam sido disseminados na Europa e Estados Unidos – e as primeiras décadas do século XX caracterizam-se pelo grande fluxo de imigrantes europeus para o Brasil, relacionado à expansão da cultura cafeeira e ao colapso da mão de obra escrava. De acordo com Salles (1996), nesta época um grupo particular de imigrantes, o de médicos italianos, veio buscar inserção profissional, sobretudo no estado de São Paulo, em

um contexto de constituição incipiente da medicina clínica, no qual, tanto na Itália⁵ como no Brasil, a medicina não desfrutava do mesmo prestígio social em relação a outras carreiras.

Salles (1996) sinaliza também que, nessas circunstâncias, foram criadas sociedades médicas italianas para consolidar profissionalmente o grupo diante de seus pares, a sociedade paulista e a colônia italiana. A comunidade buscava a construção da identidade, por meio de um processo de integração, ascensão social e profissional – “[...] ou da sua italianidade, como queria a elite italiana – ‘como compatriotas de Dante e Michelângelo’” (SALLES, 1996, p.33).

Nesta conjuntura e em decorrência da Primeira Grande Guerra Mundial, o russo Samuel Bauzer veio para o Brasil, na condição de médico, formado pela Escola de Medicina de Nápoles, região da qual emigrou o maior número de médicos italianos, seguido posteriormente⁶ por sua esposa Maria Coppola Bauzer, uma condessa italiana.

Sobre a imigração de seus pais, Ethel declarou:

*[...] tangidos pela Primeira Guerra Mundial, tinham vindo buscar a paz em outro continente. [...].
[...] Haviam escolhido vir para o Brasil, por vê-lo como um “país do futuro”. E com a vantagem de não ter aqueles invernos rigorosos, que tinham de enfrentar. (MEDEIROS, 2008, p.4)*

O casal Samuel e Maria Coppola Bauzer dirigiu-se inicialmente para o estado de São Paulo e, então, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde o doutor Bauzer foi atuar como voluntário no período da epidemia de febre amarela. Nesta capital, fixaram residência e, em 18 de dezembro de 1924, nasceu Ethel Bauzer, a caçula de três filhos.

⁵ Na Itália, “a carreira militar, a carreira jurídica e outras eram mais viáveis e desfrutavam de maior prestígio do que a Medicina” (SALLES, 1996, p. 10).

⁶ De acordo com informações da página da internet *I personaggi, ramo primogênito* em <http://www.qdangelo.it/personaqqi.htm>, que apresenta a árvore genealógica da família Coppola, Errico Coppola, avô paterno de Ethel, não aceitava a ideia de sua filha transferir-se para outro país.

1.2 Experiências de Ethel no âmbito familiar

Com base no exposto, é possível intuir que Ethel foi criada em uma família empenhada em transmitir seus valores, na condição de sujeitos envolvidos em um processo de integração, ascensão social, de conservação e criação de uma identidade. Trechos do depoimento de Ethel reforçam a valorização do trabalho, da disciplina, do aprendizado, da arte, da recreação pela família:

[...] sozinhos, criaram os três filhos, todos cariocas, num clima de companheirismo pautado por princípios éticos, de muito trabalho e disciplina. Vida difícil de imigrantes, mas imigrantes que também cultivavam o estudo, a arte e atividades recreativas, que viam como parte natural da vida. [...] com seu exemplo ensinaram os filhos a gostar de estudar, trabalhar com amor, valorizar atividades culturais e reservar tempo para se recrear. Lições de vida que foram transmitindo aos filhos sem palavras, e que da mesma forma procurei repassar a meus filhos. [...]. (MEDEIROS, 2008, p. 4.).

E deste modo, cresci em meio a livros e objetos de arte, música erudita tocada ao piano por meu pai, passeios junto à natureza (freqüentemente na Floresta da Tijuca e em excursões ao Alto da Boa Vista, ambos relativamente perto da nossa casa), visitas ao Museu Nacional e outras ocupações prazerosas, que aos poucos fui incorporando aos meus hábitos. [...]. (MEDEIROS, 2008, p. 4.).

[...]. Fomos alfabetizados pela mãe, que lia muito, e tinha prazer de nos inculcar o mesmo gosto. [...]. (MEDEIROS, 2008, p. 5.).

O fato de os pais de Ethel terem criado os filhos sozinhos pode significar uma barreira a influências de outros grupos, com vistas a preservar a identidade de origem, por meio do exemplo. Ao mesmo tempo, outra identidade era construída e reconhecida, uma vez que, mesmo sendo filha de europeus, Ethel é brasileira/carioca. A educação no seio familiar parece ter sido regulada por princípios éticos e ideais iluministas, que valorizavam o trabalho e a disciplina, incorporados por Ethel na educação dos próprios filhos.

É importante observar, no depoimento seguinte, que embora as atividades recreativas fossem valorizadas principalmente pelo pai de Ethel, a obrigação deveria vir em primeiro lugar, indicando o peso atribuído ao trabalho e às obrigações de diferentes naturezas em nossa sociedade.

Na minha infância, meu pai fazia questão de que todos reservassem tempo para atividades recreativas, que considerava parte importante e natural da vida. Passeava conosco, contava-nos histórias, tocava música para nós e nos lia poesias. Já minha mãe, muito atarefada com os afazeres domésticos, e sempre dando atenção e carinho aos filhos, costumava repetir “primeiro a obrigação, depois a diversão”. Era uma pessoa muito disciplinada, mas que gostava de brincar com os filhos, mas sempre dentro deste conceito. [...]. (MEDEIROS, 2008, p. 10.).

É interessante notar também que os papéis masculinos e femininos eram diferenciados – o pai era médico e a mãe, dona de casa. De acordo com o depoimento, ela vivia atarefada com os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos. Em geral, as atividades da mulher, nesta época, estavam relacionadas ao ato de cuidar, fosse de pessoas doentes, no caso das enfermeiras ou de crianças, a exemplo das professoras ou, até mesmo, das tarefas do lar.

Segundo Lopes e Galvão (2001), há o reconhecimento de que a educação, tal como a história, é sexuada, que há diferenciação para os públicos masculino e feminino. Garcia (2004) aponta que, em meados do século XIX, com a proliferação de Escolas Normais no Brasil, o magistério “[...] passou a ser visto como função primordialmente feminina.” (GARCIA, 2004, p. 2).

O encaminhamento de Ethel e da irmã ao Instituto de Educação da Prefeitura do antigo Distrito Federal, para o magistério, e do seu irmão a um Colégio Militar evidencia essa diferenciação. De acordo com Gomes (1999), no período de 1920 a 1940, o País passa por profundas transformações políticas e culturais. Nesse contexto, o Rio de Janeiro – marcado pelo crescente aprimoramento urbano e pela posição estratégica na condição de capital – atraiu intelectuais de várias partes do Brasil.

1.3 A formação no Instituto de Educação do Rio de Janeiro

Ao ingressar na Escola Primária do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1932, Ethel, deparou-se com “‘jogos dirigidos’, brincadeiras cantadas, dramatizações e danças folclóricas como prática regular” e sentiu-se “em casa”, pois a “família cultivava música, leitura, excursões na mata e outras atividades ditas ‘desinteressadas’” (MEDEIROS, 2003, p. 24). Essas práticas também integravam o cotidiano da “‘Escola Nova’, que promovia esse fazer *lúdico* como *meio educativo*”. No Instituto, Ethel conheceu “de perto dois dos seus maiores propugnadores – Anísio Teixeira e Lourenço Filho [...]. Anos depois iria reencontrá-los, ao prestar concurso para Técnica de Educação do MEC (área de orientação e seleção profissional), onde seriam chefes imediatos e mestres amigos.” (MEDEIROS, 2003, p. 24. Grifos da autora). O testemunho ratifica o contato inicial com a “Escola Nova” e com alguns de seus defensores:

Eu e minha irmã cursamos o Instituto de Educação, escola pública modelar, criada dentro do “Movimento da Escola Nova”, propugnado por educadores do porte de Anísio Teixeira (defensor dessa nova filosofia de educação), Lourenço Filho (pioneiro dos estudos de Psicologia em nosso meio) e Florestan Fernandes (sociólogo, com uma visão do papel maior da escola na sociedade e na cultura). (MEDEIROS, 2008, p. 5.).

Anísio Teixeira e Manoel Bergström Lourenço Filho estavam entre outros intelectuais brasileiros atraídos para o Rio de Janeiro e eram influenciados pelos ideais iluministas, principalmente, pelas ideias de John Dewey. Eles viriam a fazer parte da rede de relacionamentos de Ethel. Como sinaliza Fontes (2006), o intelectual e educador Anísio Teixeira tinha sido orientado no mestrado na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, por Dewey. Santos (2000) assinala que Lourenço Filho, fundamentado em Dewey, defendia o ensino ativo da Escola Nova, em oposição ao passivo da tradicional e “valorizava o jogo como situação adequada de aprendizagem, uma vez que estimulava o aluno a se relacionar, criativamente, com o conhecimento.” (SANTOS, 2000, p. 186-187).

De acordo com Oliveira (2008, p. 332), Fernando de Azevedo, “um dos principais teóricos brasileiros da Escola Nova, afirmou que, uma vez que as artes populares (a música, as canções, a literatura, o folclore) são criações do gênio coletivo de um povo, deixam de ser um privilégio de iniciados para tornarem-se acessíveis a todos.”

Baseado nesses ideais, Fernando de Azevedo foi o relator de *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, lançado em 19 de março de 1932, no mesmo dia da publicação do decreto nº 3.810, que criou o Instituto de Educação (antes, a Escola Normal, inaugurada em 1930) congregando o jardim de infância e as escolas primária, secundária e de professores, em nível superior, como aponta Paulilo (2007).

Segundo Lopes (s.d.)⁷, a transformação da recém-inaugurada Escola Normal em Instituto de Educação foi iniciativa de Anísio Teixeira, enquanto ocupava o cargo de Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal entre 1931 e 1935. Ele associou-se a Lourenço Filho, que assumiu a direção da Instituição, para alavancar o projeto de formação de professores no Instituto de Educação do Distrito Federal.

Fernando de Azevedo, em entrevista concedida ao jornal *A Noite*, em 24 de maio de 1927, discorreu sobre o prédio que seria transformado no Instituto de Educação:

O edifício será por si só uma forte, luminosa lição de higiene e de civismos. As suas linhas esculturais brasileiras ensinam o gosto das nossas coisas, a inteligência e o bem-querer do país, pelo cultivo de nossas tradições mais belas e significativas. As salas amplas, harmoniosas, lavadas de luz, incutem a par com a idéia de limpeza, a de alegria tropical e sadia força de nossa natureza. (AZEVEDO, 1929, p.82, citado por LOPES, s.d., p. 4).

É plausível considerar que este espaço de educação e formação de educadores, mesmo antes de se tornar o Instituto de Educação, foi construído para representar um lugar de poder, a fim de promover a reconstrução da nacionalidade, com estrutura adequada para uma “educação nova”, alinhada aos ideais dos Pioneiros da Educação Nova.

⁷ Provavelmente esta publicação é do ano de 2003.

Na entrevista, Ethel descreveu a estrutura do Instituto de Educação:

Uma instituição magnífica, com corpo docente de primeira grandeza e facilidades materiais excelentes -- que incluíam salas especiais para música, desenho e trabalhos manuais, laboratórios de História Natural, de Física e de Química, um grande auditório para solenidades e comemorações (com palco e cadeiras especiais), mas também usado para aulas de canto coral (e, nas férias, para concorridas sessões do “Clube de cinema”). Tinha também um ginásio coberto, amplo e bem equipado, complementado por um terreno enorme, com acomodações para atividades externas de educação física, como pista de atletismo e de corrida com barreiras, quadras de esporte, caixas de salto, trave de equilíbrio e outras instalações, onde aprendi a gostar, e muito, de praticar exercícios físicos. (MEDEIROS, 2008, p. 5).

Instalado num edifício majestoso de três andares, num terreno amplo, e com salas de aula espaçosas em torno de um pátio central muito amplo, tinha ótimas acomodações e instalações funcionais para tudo: desde a grande biblioteca até salas especiais para várias atividades. Havia salas para: música (com piano de cauda e carteiras confortáveis), desenho (com pranchetas individuais ajustáveis) e trabalhos manuais (com instrumental variado e bancadas), além de laboratórios bem equipados de Química, de Física e de História Natural. E ainda oferecia um grande auditório para celebrações e solenidades (com cadeiras especiais e palco com lindas cortinas), ginásio coberto (com aparelhos como barras e escadas), campo de esportes (com pista de atletismo, quadras de esportes, caixa de saltos de altura e distância, trave, e outras facilidades, como um excelente gabinete médico, banheiros confortáveis um corredor, escaninhos). Tudo isso funcionava em dois turnos, bem e com muita disciplina. (MEDEIROS, 2008, p. 8-9).

A citação pactua com as ideias de Lopes (s.d.) de que havia a imagem de um poder instituído, o propósito de assegurar condições para uma instituição modelo de educação, a influência dos princípios da escola ativa⁸, do ideário higienista e do pensamento escolanovista.

No Instituto de Educação, a música, o cinema, o esporte eram tratados em igualdade de valor com as demais atividades educacionais. O depoimento de Ethel sugere que todos esses espaços foram cuidadosamente planejados.

⁸ A influência dos princípios da escola ativa é percebida pela incorporação e valorização de atividades físicas e manuais como práticas de ensino.

O Instituto de Educação era uma instituição modelo para a formação de professores em todo o País, na opinião de (LOPES, s.d., p. 19): “a obra-síntese da reconstrução educacional.”

De acordo com *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), a educação tinha primazia nos planos de reconstrução nacional.

Todas as práticas oferecidas pelo Instituto de Educação, inclusive a música e o cinema, eram utilizadas para educar, disciplinar, preparar cidadãos para o desenvolvimento da nação.

No ensaio a respeito das atividades e instituições escolares entre os anos de 1920 e 1950, Souza (2008) menciona a forte influência do movimento escolanovista e os princípios da escola ativa:

As diversas atividades e instituições escolares intentavam disciplinar, higienizar e moralizar. Formar cidadãos limpos, ordeiros e trabalhadores era o ideal da Escola Nova, e as práticas proporcionadas pelas escolas não deveriam perder tais objetivos de vista. (SOUZA, 2008, p. 379.).

Para a autora, “a utilização do cinema como recurso educativo era uma das defesas dos escolanovistas, desde que as fitas escolhidas atendessem bem aos objetivos educacionais. [...]. (SOUZA, 2008, p. 393). Como visto no depoimento de Ethel, esta prática ultrapassava o calendário letivo, pois era oferecida também no período de férias escolares.

Flávio Couto e Silva de Oliveira em seu texto sobre a escolarização da música, cita as palavras do educador musical José Eutrópio (em maio de 1925): “A aula de canto, além de ser um momento de alegria para as crianças, fica sendo também um prolongamento das aulas, uma lição que, a rir alegremente, o aluno aprende. [...].” (EUTRÓPIO, 1925, p. 23. Citado por OLIVEIRA, 2008, p. 329).

No Instituto de Educação – um símbolo do movimento escolanovista – Ethel estudou por 11 anos. Foi matriculada na terceira série da Escola Primária, aos 7 anos de idade e, ao completar 10, foi aprovada no “*disputadíssimo*” exame de admissão para a Escola Secundária (o Ginásio). Aos 15 anos, fez um ano de curso complementar (sexto ano da Escola Secundária) e, em 1942, concluiu, aos 17, os dois anos do Curso Normal, que já incluía a disciplina Recreação no programa.

O ingresso de Ethel no Instituto de Educação aos 7 anos na terceira série da Escola Primária aponta uma situação diferenciada, de destaque da família ou influência do pai, já que a idade era inferior à definida para esse estágio escolar.

Pesquisas realizadas por Lopes (s.d.) esclarecem que:

O processo de seleção iniciava-se por um rigoroso exame de saúde e somente os aprovados eram submetidos aos testes de inteligência com objetivo de aproveitar os de maior capacidade intelectual. A partir dessa primeira seleção, processavam-se as provas escritas eliminatórias [...], sendo considerados habilitados aqueles que, no conjunto, conseguissem o mínimo de 50 pontos. Uma última prova – de Desenho – servia para classificar os candidatos, que muitas vezes, nem chegavam a preencher as vagas oferecidas. (LOPES, s.d., p. 13).

A seleção rigorosa a que estas crianças eram submetidas revela, em larga medida, o grau de exclusão operado pela instituição, bem como uma contradição com os princípios da educação renovada, pelo tipo de avaliação que se processava a partir de um conhecimento verbalístico, sofregamente acumulado nos cursinhos e em escolas preparatórias que só beneficiavam as de melhor condição socioeconômica, embora houvesse algumas exceções, como por exemplo, certas alunas muito aplicadas que obtinham aulas gratuitas nas tais escolas ou um reforço, graças à generosidade de suas professoras da rede pública. Sem disfarçar o orgulho, algumas ex-alunas revelam a experiência traumática por que passaram, submetidas a todos esses testes [...]. (LOPES, s.d., p. 13).

Em seu depoimento, Ethel também chamou a atenção para a grande quantidade de inscritos, o rigor e a recompensa⁹ desse processo seletivo:

⁹ Considero como recompensa a nomeação do sujeito que passou por todo o processo de formação no Instituto de Educação, para o ensino público da capital do País como professor primário, sem a exigência de mais um concurso.

O Instituto atraía numerosos candidatos. A questão era ser aprovada no disputadíssimo exame de admissão para o Ginásio (com provas escritas e orais) e alcançar as médias exigidas ao longo de todos os seus cursos, nas provas mensais, parciais e finais, com padrões rigorosos de desempenho. De outro lado, os que concluíam todos os seus cursos eram logo nomeados “professores primários” do ensino público da capital do país. (MEDEIROS, 2008, p. 8)

O testemunho de Ethel e o parecer de Lopes comungam sobre o intento do Instituto de Educação em selecionar, exclusivamente, “os melhores”, o alto grau de exclusão, o orgulho dos “aprovados” e concluintes de todo o processo de formação nesta instituição, que valorizava a recreação como meio para educar.

A respeito da inserção da disciplina *Recreação* no Curso Normal, Ethel escreveu no relato de experiências: “A idéia era capacitar na área as professorandas e, ao mesmo tempo, ir formando massa crítica, favorável à nova mentalidade que desejavam instaurar.” (MEDEIROS, 2003, p. 24.).

Isso quer dizer, habilitar professoras para o Ensino Primário e preparar intelectuais, partidários dos ideais da Escola Nova.

Em síntese, esse capítulo evidencia o contato de Ethel com a recreação – como meio de educar – ainda na infância. Filha de imigrantes europeus, Ethel conviveu com as estratégias da educação pelas sensibilidades. E ainda estudou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, uma instituição representativa da Escola Nova no Brasil, desde o jardim de infância até a conclusão do Curso Normal.

CAPÍTULO II – ESTABELECENDO VÍNCULOS

Esse capítulo versa sobre as experiências profissionais de Ethel entre as décadas de 1940 e 1950, como professora primária e recreadora do Departamento de Educação Complementar da Prefeitura do Rio de Janeiro até a sua atuação como Técnica de Educação do Ministério da Educação. Trata ainda de detalhes a respeito da recreação como atuação profissional, da capacitação, das influências recebidas e da produção intelectual.

2.1 A Recreação no início da experiência profissional

Após a conclusão do Curso Normal do Instituto de Educação, as normalistas passavam, obrigatoriamente, pela prática do magistério no subúrbio do Rio de Janeiro. Quando Ethel realizou esse estágio, enfrentou resistência para desenvolver atividades recreativas na escola. Ela relata que o pai de um dos alunos da primeira série requereu a transferência do filho:

Isto porque “o menino (de sete anos) chegava em casa alegre demais” (MEDEIROS, 2008, p.19), [...], sinal de que “boa coisa” nela não devia estar fazendo... E isto em 1942, um ano após o próprio MEC ter criado o Conselho Nacional de Desportes, em reconhecimento formal do valor educativo e cultural de atividades assim, “não produtivas” [...]. (MEDEIROS, 2003, p. 24).

Tanto no relato de suas experiências como no depoimento, Ethel confirma a relutância, no âmbito escolar, à aceitação das novas práticas educacionais, defendidas pela Escola Nova. “Recreação organizada em escolas, então, soava estranho, senão descabido. O ‘recreio’ servia mais para um pouco de movimentação, descanso, merenda e uso do banheiro... (MEDEIROS, 2003, p. 24)

Comecei a lidar profissionalmente com recreação, quando, entre nós, merecia pouca atenção. Era “coisa de criança” e algo supérfluo para os demais, sempre atarefados. Como que um domingo tentando se intrometer nos “dias úteis”... Na escola, então, nem cabia, pois era lugar de “ocupações sérias”. [...]. (MEDEIROS, 2008, p. 18-19)

Apesar da resistência a atividades recreativas no ambiente escolar e da pouca atenção dispensada à recreação na década de 1940, Antunes (2004) aponta que, por volta dos anos de 1920, emergia a defesa da organização de um sistema nacional de Educação com a implantação de uma reforma eminentemente pedagógica¹⁰. Nesse contexto, foram empreendidas reformas estaduais de ensino, intimamente relacionadas à introdução de novas ideias educacionais e pedagógicas, representadas pela Escola Nova.

Souza (2008) descreve como o movimento escolanovista e os princípios da escola ativa eram incorporados, nos períodos de 1920 a 1950:

[...]. Muitas eram as recomendações para que as escolas inovassem nas maneiras de ensinar, transformando o ensino excessivamente livresco a partir da incorporação de atividades físicas e manuais e incentivando a participação dos alunos. (SOUZA, 2008, p. 379).

No entanto, apesar das iniciativas da Escola Nova e outras ações, tanto do poder público como do privado, em favor da recreação como meio de educação, havia ainda relutância em aceitá-las no domínio escolar.

Transcorrido o período obrigatório de magistério em área suburbana (cerca de um ano e meio), Ethel foi designada para a Escola Primária do Instituto de Educação¹¹, onde a recreação, além de aceita, fazia parte do currículo, com intuito de preparar as futuras professoras para a prática de atividades recreativas no exercício da profissão.

Nessa época, Ethel se preparava para cursar Letras Anglo-Germânicas na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil com intenção de lecionar no segundo grau. Após ter sido aprovada no vestibular e concluir o primeiro semestre, por dificuldade de conciliar horários de trabalho e estudos, Ethel pediu transferência para o curso de bacharelado em Pedagogia. Em 1946, requereu

¹⁰ Antunes (2004) aponta ainda que, neste contexto, surgiram os primeiros profissionais da Educação vindos da Medicina, do Direito e de outras áreas e foram criadas entidades representativas de educadores, como a Associação Brasileira de Educadores – ABE.

¹¹ No Instituto de Educação, Ethel lecionou no curso primário, Recreação no Curso Normal e Psicologia no curso superior.

remanejamento na Secretaria de Educação, devido à oposição da Diretora da escola, recorreu ao Diretor do Departamento de Educação Complementar da Prefeitura do Rio de Janeiro, o médico Pedro Poppe Gyrão, e foi designada para o Parque de Recreação Darcy Vargas, pertencente a esse Departamento, que envolvia os Serviços de Educação Musical, Educação Física, Recreação e Jogos.

A fotografia (**imagem 01**) dos profissionais e usuários do Parque Darcy Vargas, sugere que a maioria dos educadores eram mulheres, formadas pelo Instituto de Educação. As crianças e adolescentes ficaram em segundo plano e, naquela circunstância, o “clima” era formal. Ethel ocupa posição central.



Imagem 01. Ethel (destacada com um x feito por ela mesma) no Parque de Recreação Darcy Vargas dos Serviços de Educação Musical e de Educação Física, Recreação e Jogos do Departamento de Educação Complementar – Prefeitura do Rio de Janeiro, década de 1940.

Fonte: arquivo pessoal de Ethel Bauzer Medeiros.

Nessa ocasião, Ethel teve Lourenço Filho¹² como professor de Psicologia Educacional no curso de Pedagogia da Faculdade Nacional de Filosofia. Ethel acredita que as disciplinas ampliavam seus horizontes a partir do Curso Normal,

¹² Em 1946 Lourenço Filho “deixa em janeiro, a direção do Inep. Reassume a cátedra de Psicologia Educacional, na Faculdade Nacional de Filosofia. Publica: ‘Formação do professor secundário’ e ‘O aproveitamento de diplomados pelas Faculdades de Filosofia em cargos e funções do serviço público’ na revista Formação; e ‘Congressos e conferências de educação: rápida resenha histórica’ nos *Anais do I Congresso Nacional de Educação*, cujo editor foi o MEC.” (MONARCHA e LOURENÇO FILHO, 2001, p. 39).

sobretudo a Psicologia, e afirma: “[...] Apliquei-me às matérias do curso de Pedagogia e tratei de me capacitar profissionalmente para o trabalho em recreação. [...]” (MEDEIROS, 2008, p. 20)

Esse novo contato com a Psicologia e também com Lourenço Filho certamente exerceu grande influência em sua formação. Mas para lidar com a recreação fora do âmbito escolar, Ethel foi buscar fundamentação teórica em outros domínios e passou a:

Freqüentar as bibliotecas dos Ministérios da Educação e Cultura e do Trabalho e também a biblioteca do Instituto Brasil /Estados Unidos [...]. Nelas consegui material excelente, inclusive documentação do trabalho do SESC (então mais voltado para atividades físicas e recreativas) e do SESI (mais preocupado com desportos, excursões, espetáculos de cinema e de teatro, artesanato). A par disto, em contatos pessoais, obtive material das Prefeituras de São Paulo (onde Nicanor Miranda desenvolvia primoroso trabalho em Parques Infantis) e de Porto Alegre (em que Frederico Gaelzer promovia atividades desportivas em praças públicas). (MEDEIROS, 2008, p. 20-21).

Além do trabalho de Nicanor Miranda em parques infantis, como consta no relato de experiência, Ethel utilizou nesta época a coletânea de “200 Jogos Infantis”¹³ elaborada pelo autor, pois esse material

[...] dava precioso subsídio a muitos professores, entre eles os do Serviço de Educação Física, Recreação e Jogos da Prefeitura do DF (onde eu trabalhava, sem qualquer estranhamento com o título “jogos e recreação...”). (MEDEIROS, 2003, p. 25).

Ethel começou a vivenciar novas experiências profissionais com a recreação e ampliou tanto os espaços de atuação/aprendizagem como também a rede de relacionamentos.

Nesse momento, de acordo com Miranda (1941, p. 19), o Brasil vinha “encarando o problema dos Parques Infantis com relativo interesse”. O autor chamou a atenção

¹³ De acordo com Gomes (2008), esta coletânea é um autêntico “manual de recreação”, pioneiro na produção brasileira na área.

para os trabalhos existentes em São Paulo, no antigo Distrito Federal, no Rio Grande do Sul, no estado do Rio, na Bahia, em Minas Gerais e no Amazonas.

Miranda (1941) definia os Parques Infantis de São Paulo como logradouros públicos, onde a recreação e o jogo organizado eram utilizados para educar a criança, e toda a assistência necessária lhes era fornecida, com base no conceito norte americano, que envolvia assistência educacional, médica, nutricional e serviço social. O autor destacava que os Parques Infantis e os Centros de Recreação do antigo Distrito Federal eram anexos a Centros Cívicos. Chamava a atenção para a existência de Parques organizados no Rio Grande do Sul com pessoal especializado e criticava os outros sem direção.

Miranda (1941, p. 22) faz ainda o seguinte apelo:

[...]. Devemos nutrir esperanças de que, muito mais ainda, se faça pela criança brasileira, não raras vezes faminta, miserável, esquelética, infeliz, tão precisada de alguém que lhe estenda a mão para que ela sobreviva, se robusteça e se enfileire entre os obreiros diligentes na construção de um Brasil grandioso!

Era preciso preparar sujeitos capazes de viabilizar o modelo nacional-desenvolvimentista, com base na industrialização, que caracterizava o Estado Novo, sob o governo de Getúlio Vargas¹⁴.

O Parque de Recreação Darcy Vargas, no qual Ethel foi trabalhar, era anexo a uma escola primária municipal, dirigido por um médico e freqüentado por um público de faixas etárias variadas, da primeira infância ao fim da adolescência, oriundo, em parte, de uma comunidade carente próxima. Portanto, o parque estava voltado à assistência educacional, à saúde e social, para a preparação condizente com os requisitos dos tempos modernos, de um país em vias de crescimento urbano e industrial.

¹⁴ Segundo Ribeiro (2003), o modelo nacional-desenvolvimentista com base na industrialização compreende três instantes: o Estado Novo sob o governo de Getúlio Vargas (1937 – 1945); o governo de Eurico Gaspar Dutra, em reação ao Estado Novo (1946 – 1950); e o retorno de Getúlio Vargas à Presidência por via eleitoral (1951 – 1954).

Outros serviços de recreação existiam no Brasil nesta época, patrocinados tanto pelo Estado como pela iniciativa privada, para promover a recreação como meio de educação, restauração das energias para o trabalho, promoção do bem-estar do trabalhador e de seus dependentes.

Arnaldo Sussekind, ao tratar dos fundamentos do Serviço de Recreação Operária (SRO), mantido pelo Estado, elucida o porquê da recreação nessa conjuntura.

Ademais, a recreação dos trabalhadores, além de concorrer decisivamente para restaurar o equilíbrio biológico entre o espírito e o corpo, tornando-se, assim fonte de saúde do povo e da produção do país, desempenha relevante papel na educação social do operário e na dignificação do trabalhador, que deve usufruir dos benefícios e prazeres incorporados à civilização a que pertence. (SUSSEKIND, 1958, p. 8).

Gomes (2003, p. 280) observa que o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Social da Indústria (SESI), que viriam a somar forças ao SRO, foram instituídos em 1946, a partir da assinatura de Decretos, “que previam a criação de entidades de direito privado, mantidos exclusivamente pela contribuição patronal e destinados à produção de bem-estar dos trabalhadores do comércio e da indústria, respectivamente, bem como de seus dependentes.” A autora ressalta ainda que, inicialmente, essas instituições prestavam assistência em educação e saúde, mas, por volta da década de 1950, passaram a contemplar, com maior ênfase, atividades de cunho recreativo e cultural. O SESI contratou Nicanor Miranda, em 1949, para organizar o departamento de Recreação. O SESC criou uma Divisão de Recreação e Cultura, em meados de 1950 e, no final da década de 60, definiu o lazer como uma das linhas prioritárias de ação.

Em busca de novos conhecimentos no campo da recreação, Ethel manteve contato com publicações norte-americanas, serviços de recreação oferecidos em parques públicos de alguns estados brasileiros, trabalhos do SESI e do SESC. Além disso, anos mais tarde, ela viria a participar do planejamento e capacitação de recreadores dessas instituições.

Ainda nos primeiros anos de atuação no Serviço de Educação Física, Recreação e Jogos do Departamento de Educação Complementar da Prefeitura do Rio de Janeiro, Ethel foi convocada a colaborar na preparação do material didático sobre recreação para professores do ensino de primeiro grau.

Essas iniciativas evidenciam o entrosamento, cada vez maior, de Ethel com as práticas recreativas, tanto no âmbito escolar como em outros domínios, desde parques de recreação infantil até o planejamento e formação de recreadores de instituições voltadas a atividades de cunho recreativo e cultural.

No entanto, Ethel tinha interesse também no campo da Psicologia, na área de Medidas e Avaliação.

2.2 Entrelaçamento da Psicologia e da Recreação na atuação profissional

Em 1946, Ethel participou de concurso público¹⁵ para o cargo de Técnico de Educação do Ministério da Educação e Saúde¹⁶. O edital – em cópia do Diário Oficial de dez. de 1946 em anexo – contemplava opções de especialidades, como Ensino Primário, Educação Física, dentre outras. Ethel optou pela Seleção e Orientação Profissional, do campo da Psicologia na área de Medidas e Avaliação.

Nesse mesmo ano, foi promulgada uma nova constituição do Brasil. E, de acordo com Romanelli (2006), o então Ministro da Educação, Clemente Mariani, baseado na doutrina elaborada pela Carta de 1946,

constituiu uma comissão de educadores com o fim de estudar e propor um projeto de reforma geral da educação nacional. Em 1948, esse projeto dava entrada na Câmara Federal, seguido de mensagem presidencial. Começa, então, um dos períodos mais fecundos da luta ideológica em torno dos problemas de educação,

¹⁵ Segundo Ethel, o concurso era para o preenchimento de 40 vagas e os cerca de 700 candidatos deveriam optar por uma especialidade, entre elas: Ensino Primário, Ensino Secundário, Ensino Superior, Educação Física, Seleção e Orientação Profissional. Ao final do concurso, do qual sua irmã Riva Bauzer também participou e conquistou a quarta colocação, Ethel obteve a quinta classificação.

¹⁶ O Ministério da Educação e Saúde, como era denominado até o ano de 1953, com a autonomia da área da saúde, passa a Ministério da Educação e Cultura – MEC (BRASIL).

luta iniciada no final da década de 1920, [...]. (ROMANELLI, 2006, p. 171) ¹⁷

Nomeada no ano de 1947, Ethel foi trabalhar no Departamento Nacional de Educação, por solicitação de Lourenço Filho, que “convidado em fins de 1946 pelo ministro Clemente Mariani, ocupava pela segunda vez, a partir de 1947, o cargo de diretor do Departamento Nacional da Educação.” (MONARCA; LOURENÇO FILHO, 2001, p. 39)

Ethel foi atuar na área da Psicologia, juntamente com um dos pioneiros nesse campo em nosso território, em um momento de grande investimento em projetos de educação no País.

Nesse ínterim, talvez por influência do trabalho com a Psicologia no MEC e do contato com Lourenço Filho, que havia sido seu professor e agora era o chefe imediato, Ethel foi cursar o Mestrado em Educação na *Northwestern University*, Illinois, na área de Medidas e Avaliação da Psicologia, orientada pelo doutor Edward Lester Clark, concluindo-o em 1949. Ethel teve ainda experiências de lazer, como a prática de patinação no gelo, *baseball* e o trabalho voluntário na biblioteca da universidade.

Ao retornar dos Estados Unidos, Ethel fez o curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com o intuito de lecionar no Ensino Superior. E no ano de 1951, concluiu o curso de Normalista Especializada em Educação Física Infantil na Escola de Educação Física e Desportos da mesma Universidade onde cursou Pedagogia.

O período de 1946 a 1951 na trajetória de Ethel foi marcado pela capacitação, especialmente em Medidas e Avaliação da Psicologia e Recreação, por meio da Educação Física Infantil. As duas áreas relacionavam-se, principalmente, na

¹⁷ Nos anos de 1920, segundo Antunes (2004), ocorreram as Reformas Estaduais da Educação que seguiram fundamentalmente os princípios da Escola Nova, realizadas por profissionais da Educação como Lourenço Filho, um dos pioneiros da Psicologia no Brasil.

congruência entre ensino e recreação, no contexto dos movimentos e princípios da Escola Nova, como aponta Antunes (2004), a Psicologia era um dos principais sustentáculos da prática pedagógica.

De acordo com Fontes (2006), Anísio Teixeira¹⁸ fora levado por Ernesto Simões Filho, o então ministro da educação do governo Juscelino Kubistcheck, para ocupar a direção da CAPES¹⁹ e do Instituto Nacional de Pesquisa Educacional (INEP), a partir de 1951 e 1952, respectivamente, até o ano de 1964. A convite de Anísio Teixeira, no início dos anos 50, Ethel foi para o INEP.

Em 1953, mesmo ano em que Ethel se casou com o médico Jorge de Almeida Cunha Medeiros²⁰, O INEP enfrentava mudanças, pois, segundo Nunes (2000), quando Anísio assumiu a direção, no ano anterior, o Instituto estava esvaziado de suas funções de estudo e pesquisas. A autora aponta ainda que, devido a dificuldades da máquina administrativa, Anísio Teixeira lançou, em 1953, campanhas de educação. Dentre elas, a Campanha de Levantamento de Inquéritos para o Ensino Médio e Elementar (CILEME), em nível nacional, e a Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME), a fim de estabelecer bases para a elaboração de manuais, que orientassem a prática dos professores em diferentes disciplinas.

Nesse período, sob a direção de Anísio Teixeira, houve no INEP a

criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPE) – órgãos encarregados de realizar estudos e pesquisas para dar subsídio aos governos na renovação das políticas públicas de educação. (XAVIER, 2008, p. 504.).

¹⁸ Segundo Fontes (2006), Anísio Teixeira sofreu resistência política que o levava ao exílio voluntário no interior da Bahia depois de ocupar, no período de 1931 a 1935, a Diretoria de Instrução na Prefeitura do Distrito Federal. E após o golpe militar em 1964, à exoneração do cargo de Reitor em exercício da Universidade de Brasília e à aposentadoria compulsória das funções ocupadas no MEC. “Este foi o preço pago pelas idéias de mudança professadas, pelas propostas pedagógicas propugnadas, pela ética e a moralidade por ele preservadas no exercício de seus papéis como educador e homem público.” (FONTES, 2006, p. 130).

¹⁹ Na época, Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

²⁰ Ethel e Jorge Medeiros tiveram duas filhas e um filho. Detalhes a este respeito podem ser vistos em Medeiros (2008, p. 6.).

De acordo com Xavier (2008), os CRPE foram criados para dar suporte ao Programa de Reconstrução Educacional da Nação e enfatizar a perspectiva do ajuste do sistema escolar aos imperativos de uma nova ordem política, econômica e social, no contexto brasileiro de mudança, na década de 50. A autora aponta que Anísio Teixeira retomava os princípios fixados no *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* de 1932, tais como:

A ênfase na organização de um sistema comum de educação pública e popular, orquestrado por diretrizes nacionais; a afirmação do papel da escolarização na consolidação da cultura e da identidade da nação; a defesa da descentralização administrativa da educação. (XAVIER, 2008, p. 505.).

Ethel, que outrora, fora estudante de uma instituição símbolo da Escola Nova, agora participava ativamente desse movimento como profissional de educação, estabelecendo vínculos tanto com a *Psicologia* quanto com a *Recreação*, e contribuindo para a produção de conhecimentos, que fundamentaram esta última temática, como será tratado a seguir.

2.3 O primeiro livro sobre recreação

Em 1953, Anísio Teixeira encarregou Ethel de elaborar um manual de recreação para a escola primária. Ela relata como nasceu sua primeira publicação sobre recreação: “Meu primeiro livro, *Jogos para Recreação na Escola Primária*, me seria pessoalmente “encomendado” por Anísio Teixeira, então meu Diretor no INEP”. (MEDEIROS, 2003, p. 24. Grifos da autora.).

O Dr. Anísio me mostrou a coleção de Guias de Ensino para a Escola Primária do INEP, uma série de livros, com cerca de 100 páginas cada um, dedicados a matérias como Linguagem, Música e Matemática. Encomendou-me um livro semelhante destinado à prática de jogos na escola primária. Comecei então a elaborar, com carta branca, o “livrão” (como seria mais tarde apelidado por seu volume e amplitude). (MEDEIROS, 2008, p. 14).

A formação e experiência de Ethel no campo da recreação podem ter contribuído para a decisão de Anísio de designá-la para esta tarefa. A formação no Instituto de Educação, à luz do ideário da Escola Nova e na Universidade do Brasil, em particular, a Especialização em Educação Física Infantil. E também a atuação como professora na escola primária e a vivência como recreadora no Departamento de Educação Complementar, onde ainda trabalhava.

Segundo Medeiros (1959), o principal objetivo desse manual era o de estimular o interesse pela introdução efetiva de atividades recreativas nas turmas do ensino primário. A autora sentenciava:

Este livro nasceu, então, das necessidades que pudemos sentir entre os professores de ensino primário, durante anos de trabalho de magistério e de pesquisa, nos cursos elementares e normais da Capital Federal e de alguns Estados. (MEDEIROS, 1959, p. XV e 1961, p. 11)

Medeiros e Machado (1960) fazem a mesma observação no livro *108 Jogos para Jardim de Infância*.

Na entrevista, ao ser questionada sobre essas necessidades, Ethel respondeu: *“Trabalhamos juntas em cursos para professores e assim pudemos ter uma melhor noção das suas necessidades na área de atividades recreativas para os pequeninos.”* (MEDEIROS, 2008, p. 17).

Medeiros (1959 e 1961) aponta que faltava na literatura brasileira sobre recreação a abordagem do “como fazer”. As necessidades eram causadas por dois grandes problemas identificados por Ethel no trabalho dos que defendiam a recreação. Um deles era a dificuldade de docentes e administradores de encarar as atividades recreativas como poderosas aliadas da escola, e o outro era a deficiência de material e preparo para a boa utilização prática.

Entretanto, Ethel percebeu que, naquela época, embora ainda persistisse a resistência à recreação no âmbito escolar, havia uma sensível mudança nesse panorama. A autora esclarece:

Recreação na escola?! Mas as crianças já brincam o dia inteiro... é comentário que ouvimos a todo instante. O fato, porém, é que a escola de hoje não vê nas atividades recreativas mera diversão e, sim, recurso valioso para o trabalho educativo. É que mudou a atitude dos educadores em relação às brincadeiras infantis, que eles não só passaram a aceitar, mas atualmente procuram estimular e organizar, para delas tirar proveito. (MEDEIROS, 1959, p. 3 e 1961, p. 23).

Para elaborar o livro, atendendo ao objetivo proposto, e suprir algumas das necessidades percebidas, Ethel folheou os livros da coletânea apresentada por Anísio Teixeira e solicitou a ele autorização para enviar cartas em nome do Ministério da Educação. Ela contatou serviços especializados em recreação, tanto no Brasil como no exterior, requisitando informações e material didático sobre jogos na escola para a elaboração de um guia de ensino de jogos.

Segundo Medeiros (1959) foram consultados materiais da literatura brasileira, dos EUA, Inglaterra, algumas províncias do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia, da França, Alemanha, Suíça e Uruguai. Ela descreve como foi o trabalho de consulta:

Quanto ao envio de material, os americanos e os canadenses foram os mais generosos. Os ingleses, os franceses e os alemães também me enviaram algum material. Outros nem sequer responderam. No nosso meio, obtive boa documentação de serviços de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. No Rio, visitei o SESC e outras instituições como o SESI. Enquanto ia recebendo o material, começava a analisar e comparar linhas de pensamento e ação. (MEDEIROS, 2008,p. 14).

Assim, Ethel entrou em contato com profissionais em território nacional e de outros países, ampliando e reafirmando sua rede de relacionamentos. Além de analisar práticas de recreação de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do SESC, e do SESI, foi conhecer e comparar novos contextos.

Após a etapa de elaboração do manual, Ethel disse em seu depoimento que “já enxergava com mais clareza o jogo como elemento de formação cultural” (MEDEIROS, 2008, p. 15). E forneceu importantes detalhes sobre a estrutura do Guia.

[...]. A primeira, teórica, examina as contribuições da recreação ao processo educativo, a partir da alegria, que lhe é inerente, e ilumina a vida de todos. A seguir, discute os fundamentos filosóficos e científicos da obra, analisa sua finalidade e ainda propõe uma metodologia de planejamento de jogos na escola, bem como da avaliação de seus resultados. Depois indica normas de segurança e de prevenção de acidentes, bem como medidas de primeiros socorros. Por fim, oferece um quadro-resumo de objetivos gerais e imediatos de programas de jogos organizados na escola. Nele, tais alvos estão grupados por série escolar, e classificados segundo três aspectos básicos do desenvolvimento na infância, a saber: Força e Coordenação Motora (domínio de habilidades neuromusculares e resistência física), Socialização e Conduta (ajustamento social, controle emocional e autodireção), Compreensão e Capacidade Criadora (entendimento de regras e habilidade de autoexpressão). Grande inovação àquele tempo.

A segunda parte descreve 550 jogos e 128 “penitências” (estas que na maioria eu inventei para animar os participantes, mas nunca os expor a novo insucesso). Cada atividade traz a indicação dos objetivos educacionais específicos a que pode servir, dos seus erros mais comuns (a prevenir) e de suas variantes em diferentes culturas. Para facilitar a escolha das atividades, elas estão grupadas por: faixas etárias a que mais interessam e se adequam, tipo de habilidade física predominante e grau de intensidade de sua movimentação.

A inovação mais relevante, porém, é um índice analítico, com entradas múltiplas segundo esses mesmos critérios, aos quais ainda acrescentei os de exigências de espaço ou de material. O propósito foi facilitar o planejamento do trabalho e ao mesmo tempo invalidar as objeções à prática de jogos organizados, que me faziam nas escolas, sob argumentos como falta de local e de material. Carência de um repertório apropriado de jogos e, o pior, “perda de tempo com brincadeiras”, ainda por cima “agitadas e barulhentas”... (MEDEIROS, 2008, p. 15.).

Percebe-se nessa estrutura a influência da Escola Nova, ao incluir a recreação no processo educativo, da área de Medidas e Avaliação no ensino, ao propor a avaliação dos resultados e da Psicologia desenvolvimentista, ao classificar os jogos de acordo com aspectos do desenvolvimento infantil. Verifica-se também a preocupação de Ethel em vencer a resistência à inserção de atividades recreativas no cotidiano escolar.

No início da obra, Ethel insere a seguinte citação:

Ensina-me a ser obediente às regras do jogo.
 Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido.
 Ensine-me a ganhar, se me fôr possível.
 Mas, se eu não o puder, acima de tudo,
 Ensina-me a perder. (Inscrições encontradas nas paredes da
 Biblioteca Real do Palácio de Buckingham citada por Medeiros,
 1959, p. VII e 1961, p. 7).

Parece que a intenção era advertir os leitores que a recreação é tratada nesse manual com seriedade, disciplina, moral, de acordo com as exigências da sociedade da época. E talvez, também, para facilitar a aceitação, em especial, pelos professores e diretores das escolas.

Foi possível perceber que a maior preocupação na elaboração desse livro não recaiu sobre a descrição das atividades, mas na defesa da recreação como aliada do processo educativo e desenvolvimento dos educandos. Com o apoio de bases teóricas, principalmente fundamentadas na Psicologia, Ethel defendeu a recreação como necessidade, trazendo o “*Father of the Playground Movement*”, que foi presidente da *National Recreation Association*, entre 1910 e 1937, Joseph Lee²¹:

O mais importante a compreender em relação à recreação é que ela não constitui luxo, e sim necessidade. Não é simplesmente uma coisa de que a criança gosta, mas algo de que precisa para crescer. É mais do que parte essencial da sua educação: é parte essencial da lei do seu crescimento, do processo através do qual ela avança para a idade adulta. (Joseph Lee citado por Medeiros, 1959, p. XV e 1961, p. 11).

Ethel utilizou também para a defesa da recreação como necessidade as palavras de Arnold Gesell, psicólogo desenvolvimentista americano, que estudou os aspectos

²¹ “É considerado, pelos autores norte-americanos, como ‘o filósofo do movimento pela recreação criadora’, o ‘líder mais experiente’ que contribuiu de maneira decisiva para a difusão deste movimento nos Estados Unidos.” (GOMES, 2003, p. 93). Mais informações a respeito de Joseph Lee podem ser encontradas em: *National Recreation and Park Association*. In: <http://www.nrpa.org/content/default.aspx?documentId=3544>.

maturacionais em desenvolvimento humano²² e o doutor Frances Ilg, uma autoridade no comportamento infantil²³:

... na vida de recreio, as crianças revelam-se da maneira mais transparente. Elas não brincam levadas por uma força exterior, mas por uma necessidade íntima [...]. Durante toda a infância, a brincadeira nunca deixa de ser ocupação importante. A natureza dá às crianças normais forte propensão para brincar, de maneira a assegurar o atendimento de determinadas necessidades básicas do seu desenvolvimento. [...]. (GESELL e Ilg. *The child from five to ten*. New York: Harper & Bros., 1946. E, GESELL e Ilg. *El niño de cinco e diez años*. Buenos Aires: Paidós, 1954. Citado por MEDEIROS 1959, p. 7 e 1961 p. 26-27).

Além de defender a recreação como aliada do processo educativo, do desenvolvimento dos educandos e como necessidade, Ethel escreveu sobre jogos e brincadeira.

Em Medeiros (1959 e 1961), os jogos foram apresentados como maneira “fácil” e “atraente” de oferecer exercício físico salutar e intenso aos participantes, que poderiam trazer

enormes benefícios, inerentes à atividade recreativa, como sejam: alegria; formas sadias e socialmente aceitas de explorar as próprias possibilidades e de descobrir o mundo a seu redor; oportunidades de se conhecer a si mesmo e aos outros; liberdade de expansão; prazer de criação e, notadamente, desafogo de dificuldades emocionais, de sentimentos confusos, de temores e fantasias, de conflitos e de agressividade, em situações onde não há o medo da reprovação do adulto. Brincando [...], as crianças aprendem [...], a VIVER EM SOCIEDADE. (MEDEIROS, 1959, p. XVII e 1961, p. 13).

Sobre a brincadeira, Ethel destaca que:

o ser humano desenvolve os seus poderes naturais por meio da brincadeira; por intermédio dela e através dos sentidos, a criança descobre o mundo que a rodeia, consegue dominar os próprios movimentos e aprende a exprimir e a comunicar as suas idéias pela

²² Informações sobre este autor podem ser vistas em: Arnold Lucius Gesell – Biografia. In: <http://www.claudia.psc.br/arquivos/Gesell.pdf>.

²³ Outros detalhes podem ser encontrados em: Dr. Frances L. Ilg. *Authority and Writer on Child Behavior*. In: <http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?sec=health&res=9A02EFD6163BF93BA15754COA967948260>.

linguagem. (W. STERN. *Psychology of early childhood*. New York: Henry Holt, 1930. Citado por MEDEIROS 1959, p. 6-7 e 1961 p. 26).

Ethel aborda ainda a atividade lúdica (MEDEIROS, 1961):

“A escola cuida sempre da instrução, controla continuamente a participação da criança nos cursos, suas respostas e reações. Mas ninguém presta atenção à atividade lúdica...” “Entretanto, um estudo aprofundado mostra-nos que os processos lúdicos, precisamente... exercem na vida psíquica da criança uma influência mais profunda do que o ensino: os obstáculos à recreação, especialmente são suscetíveis de provocar na criança reações neuróticas ou anti-sociais”. “O número de crianças solitárias ou que não brincam durante o recreio corresponde ao número de tragédias infantis profundas, pelas quais a escola é moral e pedagogicamente responsável”. (SCHNEERSOHN. *Jeu et nervosité chez les enfants*. Paris, Presses Universitaires de France, 1954 (p. 101 a 106). Citado por MEDEIROS 1961 p. 27.)

Essa citação não consta na edição anterior e, agora, inclui a seguinte observação: “Este livro trouxe valiosa contribuição aos trabalhos de LUDOTERAPIA, [...]” (MEDEIROS, 1961, p. 27).

Ethel chamou a atenção para as vantagens do jogo das atividades recreativas, e da brincadeira para o desenvolvimento humano. E no decorrer do texto, aponta a importância dessas atividades no ambiente de ensino para a prevenção de distúrbios sociais.

Dessa forma, a recreação foi defendida como uma necessidade do ser humano e como ferramenta ou meio de ensino, capaz de promover um desenvolvimento mais amplo e de poder contribuir para o processo de socialização dos alunos. A obra aponta ainda as possibilidades das atividades recreativas para além da escola, em consonância com o pensamento escolanovista e a psicologia desenvolvimentista.

A educação e a recreação teriam que servir ao propósito de desenvolvimento, preparação para o trabalho, para a produção, como indicam as palavras de Anísio Teixeira, citadas por Solon Fontes:

“A educação para o desenvolvimento, a educação para o trabalho, a educação para produzir substituirá a educação para a ilustração, para o ornamento [...]” (TEIXEIRA, 1994, p. 74, citado por FONTES, 2006, p. 175).

Fontes (2006) sinaliza que Anísio Teixeira comprova o caráter utilitarista da educação. Portanto, a recreação assume esse mesmo caráter.

Nunes (2000) assinala que nos anos 50, sustentava-se a ideia de que a educação era:

em boa parte, a solução para o aumento da produtividade e conseqüente desenvolvimento econômico, para a integração das populações marginais das grandes cidades brasileiras e instrumento de participação da vida democrática. (NUNES, 2000, p. 4)

Em relação, especificamente, às teorias de recreação circulantes nessa época, Ferreira (1959) reconhece a existência de divergências, mas também o empenho em encontrar motivações básicas do homem para explicá-las: (a) a teoria do excesso de energia, em que a recreação satisfaz à necessidade de liberação de energia, da válvula de escape, de compensação; (b) a teoria catártica, na qual a recreação seria uma válvula de segurança para emoções recalcadas, funcionando como instrumento de catarse, liberando o indivíduo; (c) a teoria recreacional, com a função restauradora perante o cansaço mental; (d) a teoria do relaxamento, baseada na anterior, defende que a movimentação dos grandes músculos esqueléticos é mais repousante para os indivíduos que utilizam, primordialmente, os pequenos músculos nas atividades diárias; (e) a teoria do instinto, na qual por meio do jogo e da recreação os instintos são modificados em favor da sociedade; (f) a teoria da recapitulação, a qual tem a recreação como meio de ajustamento para a personalidade; (g) a teoria da autoexpressão, que considera o homem como um animal ativo, cuja primeira necessidade é a atividade, e leva em conta para a escolha desta ou daquela prática, a estrutura física do organismo, a aptidão física e hábitos aprendidos.

Ethel produziu, então, o manual encomendado por Anísio Teixeira de forma a atender aos objetivos de uma educação voltada para a produção, para o trabalho,

para o desenvolvimento almejado. Devido ao seu envolvimento com a recreação além do ambiente escolar e estudo aprofundado sobre as teorias circulantes na época, ela procurou não restringir, nem excluir possibilidades.

Medeiros (1959) observou que, as atividades recreativas se caracterizavam pela atitude do indivíduo, pela disposição mental de quem a elas se entregavam, por livre escolha, em suas horas de lazer. E ressaltou que:

qualquer ocupação pode ser justamente considerada recreativa, desde que alguém a ela se dedique por sua vontade, em seu tempo livre, sem ter em mira outro fim que não o **prazer da própria atividade** e que nela encontre satisfação íntima e oportunidade de **recriar**. (MEDEIROS, 1959, p. 3-4 e 1961, p24. Grifos da autora.)

Embora o manual fosse destinado a tratar a recreação no âmbito escolar, Ethel a abordou de forma mais ampla. Ela utilizou o termo *lazer*, a expressão *tempo livre* e ressaltou aspectos que, ainda hoje, constituem as bases da compreensão do lazer: atitude, tempo, livre escolha e prazer. A autora reforçou a ideia da recreação como ocupação das horas de lazer e começou a sistematizar conceitos discutidos na literatura internacional, talvez por influência do material coletado em diversos países.

A publicação levou Acácio Ferreira (1959) a incluir Ethel no rol dos produtores intelectuais sobre lazer no Brasil na época, conforme observação feita por Gomes (2003)²⁴.

O livro *Jogos para recreação na escola primária*, de 1959, teve a edição revista e ampliada e ganhou novo título: *Jogos para recreação infantil*. A obra foi publicada em 1961 e uma terceira edição em 1962. Em 1964, a Editora Ruy Dias de Buenos Aires, publicou a tradução em quatro volumes com o título *Juegos de recreación*, adotada tanto na Argentina como em outros países da América Latina. E em 1965, a editora argentina convidou Ethel para preparar um livro de atividades lúdicas, que foi publicado em 1966 como o quinto volume da coleção, intitulado *La vida en El jardín de infantes*.

²⁴ Essa observação de Gomes (2003) já foi apresentada na introdução deste trabalho, na p. 3.

Portanto, o livro teve grande repercussão no Brasil e em outros países, devido à divulgação e distribuição para escolas pelo MEC; à venda das duas edições nacionais, da argentina; à estrutura e abrangência e a textos como os de Florestan Fernandes que divulgaram a obra.

Fernandes (1962) discorre sobre os manuais para o ensino no País, elaborados a partir das campanhas do INEP, lançadas por Anísio Teixeira, menciona o livro de Ethel e o trabalho de Nicanor Miranda:

[...]. Essas obras irão repercutir de forma criadora e profunda, alterando hábitos inadequados de ensino e introduzindo novos níveis de exigências e de aspirações entre os professores. Entre elas, cumpre ressaltar o trabalho da professora Ethel Bauzer Medeiros, técnica de educação e psicóloga, que escreveu o presente livro. Graças principalmente a Nicanor Miranda, São Paulo não esteve ausente no esforço de renovação, pelo qual a utilização da recreação como fator educativo abriu novas perspectivas às influências da escola primária no desenvolvimento da personalidade das crianças. Esse esforço, penoso para os raros educadores brasileiros que descobriram sua importância, atinge o seu clímax com esta obra, verdadeiramente um “compendio completo” para os professores de ensino primário. (FERNANDES, 1962, p. ?).

O autor participa das campanhas do INEP/CBPE²⁵, comandadas por Anísio Teixeira, para a descentralização do ensino, pois destaca a importância dos manuais como guias para o professorado de todo o território nacional, a relevância de Nicanor Miranda em favor da recreação como fator de educação e, principalmente, a contribuição da obra de Ethel como guia para os professores.

Além disso, o autor versa sobre o preconceito em relação à recreação nas escolas; a crise do folclore e a consequente ruptura no processo de crescimento e amadurecimento das crianças; as perspectivas inovadoras das diretrizes modernas, tendo em vista as publicações da época sobre jogos recreativos na escola primária.

²⁵ Nunes (2000) discorre sobre a luta de Anísio Teixeira pela escola primária pública no Brasil na conjuntura da década de 1950 e início da de 1960, quando Anísio assumiu a direção do INEP e escreveu *Educação não é privilégio* (1957) e trata, entre outros assuntos, das atividades do CBPE.

No entanto, após registrar que o livro escrito por Ethel Ihe parece ser uma das melhores iniciativas do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, assinala que:

se tivesse que fazer alguma restrição, sem nenhum intuito negativo, lamentaria o pouco interesse dispensado às atividades lúdicas espontaneas das crianças, principalmente à literatura existente no País sobre o folclore infantil e suas influências socializadoras. A comparação de situações poderia ter interesse científico, indicando provavelmente as vantagens da recreação escolar e sua premanente necessidade no meio social urbanizado. (FERNANDES, 1962, p. ?).

Apesar do grande valor da obra para os educadores e para o ensino por meio das atividades recreativas e de todo o material e serviços de recreação consultados por Ethel, para Fernandes faltou aprofundar as práticas e costumes do nosso povo.

Talvez a crítica de Fernandes (1962) tenha levado Ethel a discorrer sobre as práticas da cultura brasileira, desde a era Colonial, passando pelas grandes festas, pelo domínio da sociedade rural e pela influência européia, até os anos de 1970, no livro *O lazer no planejamento urbano*, de 1971, tendo, inclusive, utilizado como referência o livro *Mudanças sociais no Brasil. Aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira* de Florestan Fernandes, de 1960.

Mesmo assim, a obra *Jogos para recreação na escola primária* foi reconhecida como de grande importância para o momento de campanha em prol das transformações propostas desde a implantação da Escola Nova, na década de 1930, retomadas por Anísio Teixeira nos anos 50.

Devido à estrutura, linguagem, e conteúdo, a obra foi destacada por Vivaldi Moreira, antes de sua publicação, em carta (**imagens 02 e 03**) a Anísio Teixeira, em 1957: “Este trabalho é a melhor coisa que já li aqui, tanto sob o ponto de vista formal quanto ao metodológico.” E “Meu parecer é que se publique o trabalho o mais rápido possível.”.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA 16.9.57

Prof. Anísio,

Este trabalho é a melhor coisa que já li aqui, tanto sob o ponto de vista formal quanto ao metodológico.

A exposição é bem feita, em linguagem excelente. A divisão da matéria obedece a rigoroso critério didático e o material apresentado é riquíssimo, brevíssimo que original, como uma colheita de brinquedos das escolas. Em suma, não conheço a matéria na sua especificidade onde, creio que não há outra coisa no gênero.

Imagem 02. Primeira parte da carta de Vivaldi Moreira para Anísio Teixeira, datada de 16/09/1957.
Fonte: arquivo pessoal de Ethel Bauzer Medeiros.

2


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

A distribuição da matéria, obedecendo ao critério da idade, é o mais correto que me parece.

Não sei se é uma lacuna ou se faz parte de outro volume, mas não vi nenhuma indicação do Sr. Salda. E há tantos fatos bons e que completam a educação, quanto ao desenvolvimento da sociabilidade.

Meu parecer é, que se publ. que o trabalho o mais rápido possível.

Vivaldi Moreira

Imagem 03. Segunda parte da carta de Vivaldi Moreira para Anísio Teixeira, datada de 16/09/1957.
Fonte: arquivo pessoal de Ethel Bauzer Medeiros.

Paralelamente ao trabalho de elaboração do manual, Ethel ministrou o Curso de Recreação infantil²⁶ aos professores do Paraná, entre os dias 20 de julho e 2 de agosto de 1953, em Curitiba, patrocinado pelo Centro de Estudos Pedagógicos da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná. Segundo a matéria *Curso de recreação infantil aos professores* (O Estado do Paraná, Curitiba, 23 jul. 1953. p. ?), 176 professoras primárias de diversos grupos escolares de Curitiba e de outros estabelecimentos de ensino primário do Estado se inscreveram. O curso contou com a presença de pessoas de destaque, de autoridades estaduais, do Tenente Coronel Alcides do Amaral Barcelos²⁷, que respondia pela Secretaria de Educação e Cultura, da Chefe da Secção de Orientação Educacional do Centro de Pesquisas Educacionais, Leonor Lezan e da professora Carolina Delay, também do CEPE.

Mesmo antes da publicação e distribuição do manual de recreação elaborado por Ethel, ela teve a oportunidade de divulgar suas ideias a respeito do tema e contribuir para a capacitação de professores na inclusão de atividades recreativas no ambiente escolar.

É possível perceber, tanto no texto quanto na **imagem 04**, que ilustra a matéria, que a recreação interessava, primordialmente, as mulheres e a importância e formalidade dada a este acontecimento pode ser notada também nas **imagens 05 e 06** (em anexo).

²⁶ No encerramento deste curso, Ethel conheceu o correspondente da *National Recreation Association* of the USA, o professor Francisco Albizú. Esse encontro teve repercussão importante na vida profissional de Ethel. Esse assunto será tratado mais adiante.

²⁷ Segundo Dutra (2004), o tte. Cel. Alcides do Amaral Barcelos foi preso em 1964, sob a acusação de exercer militância política em partidos de esquerda, em que defendia as reformas governistas.



Imagem 04. Matéria do jornal O Estado do Paraná sobre o Curso de Recreação Infantil ministrado a professoras em Curitiba no ano de 1953.
Fonte: arquivo pessoal de Ethel Bauzer Medeiros.

O jornal *Gazeta do Povo* também publicou artigo sobre o evento²⁸, no dia 25 de julho de 1953, com o título *A recreação, outrora, era algo fundamentalmente oposto à educação... Elemento vitalizador do próprio processo de educação*, inspirado nas palavras de Ethel durante a entrevista concedida ao referido jornal. E trouxe a seguinte nota:

“Gazeta do Povo” ouve a professora Ethel Bauzer, que, atualmente, em nossa capital, a convite do Centro de Pesquisas Educacionais do Paraná e sob os auspícios do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação, ministra um “Curso de Recreação Infantil” – 180 inscritos e freqüência total às aulas diárias, atestado eloqüente do interesse que a acertada realização vem despertando – “Hoje em dia não há mais conflito entre a recreação e a escola” – O pensamento atual sobre o problema. (A recreação, outra, era algo fundamentalmente oposto à educação...” Elemento vitalizador do próprio processo de educação. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul. 1953. p. ?).

As informações acima evidenciam o patrocínio do INEP, destacam a importância atribuída ao curso e sugerem menor resistência à recreação na escola.

Em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, Ethel explicou que a recreação foi, por muitos anos, considerada oposta a educação, ou diferente dela. A primeira estaria relacionada a atividades físicas e a segunda, a atividades intelectuais. A recreação não se limitava a atividades físicas, mas se estendia a todos os setores de interesse humano; abrangia inúmeras atividades, as quais as pessoas se entregavam voluntariamente nas suas horas de lazer, independentemente da idade, poder aquisitivo, nível de conhecimento, de área rural ou urbana. E, talvez como estratégia para defender a recreação como meio de educar, Ethel disse ainda que: naquele momento, entretanto, não havia mais conflito entre a recreação e a escola; nenhum educador via no brinquedo infantil um desperdício de tempo ou uma atividade frívola; a recreação não era mais vista como fuga ao trabalho dos educadores para preencher vazios das horas de folga, mas como elemento vitalizador do próprio

²⁸ Na introdução do texto, ao apresentar Ethel, o repórter chama a atenção para a sua juventude, títulos alcançados e a premiação no Concurso de Literatura Infantil de 1952, pelo livro *Histórias de um quati ladino*. Além desse livro, Ethel escreveu uma cartilha baseada em princípios didáticos e de Psicologia Educacional para ensinar aos seus filhos a ler, e “aprender a fazê-lo com alegria (MEDEIROS, 2008, p. 7), o que marca a influência da metodologia da Escola Nova.

processo de educação e o educador moderno reconhecia a recreação como poderosa força educativa.

No final da entrevista, o texto de uma publicação da *National Education Association*, que resumia o pensamento da época sobre a recreação na escola foi citado:

Nenhuma dessas atividades (de recreação) merece atenção menor parte das escolas que estão sinceramente preocupadas com o ideal democrático de ajudar cada indivíduo a conseguir a auto-realização. Elas são atividades extra-curriculares, apenas no nome; duvidamos, na verdade, de que quaisquer elementos do currículo “regular” sejam mais verdadeiramente educativas do que as atividades associadas à recreação. O respeito formal por padrões falsos e nocivos conservou no passado as artes recreativas num lugar de inferioridade. É tempo de colocá-las no lugar de honra, à mesa da educação. (A recreação, outra, era algo fundamentalmente oposto à educação...” Elemento vitalizador do próprio processo de educação. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul. 1953. p. ?).

Ethel utilizou, no Curso de Recreação Infantil, em Curitiba, argumentos semelhantes aos empregados no livro que estava preparando e, declaradamente, fez campanha para a recreação se estabelecer na escola primária. Como estratégia, abordou sobre a relutância à recreação na esfera escolar como se esta não fosse mais significativa.

Ethel escreveu em seu relato de experiências:

Graduada Mestre em Educação pela Northwestern University, Illinois, em 49 (área de medidas), dois anos depois iria formar-me Normalista Especializada em Educação Física Infantil, pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Enriquecia assim a base das palestras e cursos para educadores, que ministrava em capitais do País. (MEDEIROS, 2003, p. 25.).

A Psicologia e a Recreação entrelaçaram-se no decorrer de sua formação e atuação profissional, desde o Instituto de Educação, pois de acordo com Antunes (2004), embora a Psicologia só tenha sido regularizada como profissão no Brasil em 1962, com a aprovação da Lei n. 4.119/62, o autor sinaliza que o Escolanovismo buscava na psicologia uma de suas mais importantes bases de sustentação. Em seu depoimento, Ethel conclui: “[...]. Portanto, para mim, recreação sempre foi uma necessidade, visão que só reforcei e ampliei quando comecei a estudar psicologia

evolutiva no Curso Normal.” (MEDEIROS, 2008, p. 11). Além da Psicologia e da Recreação estarem entrelaçadas em sua trajetória, as teorias da primeira fundamentaram a segunda.

Como já visto no decorrer do texto, as reformas pedagógicas e os princípios da Escola Nova tiveram sua fundamentação na psicologia²⁹, bem como muitas das teorias da recreação. Ethel utilizou textos de pensadores da psicologia para defender a recreação como uma necessidade básica do ser humano.

Dando continuidade ao trabalho com Anísio Teixeira, Ethel viria a atuar no CBPE e contribuir para implantação dos CRPE nas cidades de São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador. No início da década de 1960, devido à mudança da capital do País do Rio de Janeiro para Brasília e da conseqüente transferência do Ministério da Educação para lá, Ethel, no auge de sua carreira, pede demissão do cargo de Técnico de Educação do MEC. Essa decisão sugere sua preocupação em priorizar os papéis de esposa, mãe, e, sobretudo, a carreira do marido, que *“era cirurgião concursado do Hospital dos Servidores do Estado (no Rio), centro nacional de referência médica, onde trabalhava desde a sua fundação, em outubro de 1947.”* (MEDEIROS, 2008, p. 21).

É importante salientar que, nesse período, a atuação de Ethel no MEC ocorreu paralelamente ao trabalho no campo da recreação no Departamento de Educação Complementar da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Embora o contato de Ethel com a recreação como forma de educar tenha ocorrido, inicialmente, na infância e no estudo da psicologia no Curso Normal do Instituto de Educação, o vínculo com a recreação e a psicologia estabeleceu-se mais especificamente em meados dos anos 40, devido ao crescente envolvimento profissional nesses campos.

²⁹ Antunes (2006) discorre sobre a psicologia no Brasil no século XX e fornece detalhes a respeito da relação da Psicologia com a Pedagogia, o desenvolvimento científico, particularmente, no interior dos conhecimentos relativos à medicina e à educação.

Interessante notar que Ethel vivenciou dois momentos marcantes no processo de defesa e implantação dos ideais da Escola Nova, o primeiro na década de 1930, no período de formação no Instituto de Educação e o segundo, na década de 1950, na atuação no Ministério da Educação.

Em seu trabalho, como demonstrado anteriormente, transpareceram as influências da Escola Nova, da Psicologia (área de medidas e avaliação, educacional, e desenvolvimentista), da ideia norte americana sobre recreação e parques destinados a essa prática, que predominava no período em nosso país.

Fizeram parte de sua rede de relacionamentos profissionais que foram referência, tanto no campo da recreação, entre eles Nicanor Miranda, Arnaldo Sussekind, Frederico Gaelzer, como no da psicologia/educação, como Lourenço Filho e Anísio Teixeira.

CAPÍTULO III – AMPLIANDO O RAIO DE AÇÃO

Nesse capítulo, são abordados assuntos referentes ao ingresso de Ethel em associações de recreação e lazer em nível nacional e internacional, ao envolvimento com o planejamento urbano e políticas públicas e a algumas de suas publicações do período compreendido entre meados das décadas de 50 e 80. Essa contextualização é importante para a compreensão das influências recebidas, de suas produções intelectuais, das estratégias utilizadas, das representações e dos impactos no campo da recreação e do lazer.

3.1 Recreação, Lazer e Planejamento Urbano: Ampliando o raio de ação

Em 1953, por ocasião do Curso de Recreação Infantil, em Curitiba, Ethel conheceu o professor e desportista Francisco Albizú, que na época era o correspondente no Brasil da *National Recreation Association* dos Estados Unidos. No relato de experiências, Ethel descreve esse encontro:

No encerramento de um desses cursos, intitulado de “Recreação Infantil”, pelo Centro de Pesquisas Educacionais do Paraná, que o promovia, fui procurada por um conluente ilustre, o professor Albizú, correspondente da *National Recreation Association of the USA*. Queria mais informações sobre o meu trabalho, pois decidiria apresentá-lo àquela agremiação. Nossa conversa, que se alongou por horas, teria funda repercussão na minha vida profissional, especialmente no tocante à colaboração na criação de associações profissionais. (MEDEIROS, 2003, p. 25-26)

O professor Francisco Albizú foi, provavelmente, o responsável pelo primeiro contato de Ethel com a *National Recreation Association*. Em 1956, viria a ser convidada para participar do Congresso Internacional de Recreação da *National Recreation Association* realizado na Filadélfia, integrar o Conselho Consultivo Internacional e cooperar na criação da *International Recreation Association* (IRA). (MEDEIROS, 2003)

Em seu depoimento (MEDEIROS, 2008, p. 10), Ethel esclarece que “[...]. *O conceito de lazer viria bem depois, já quando fui à primeira reunião da International Recreation Association em Filadélfia, em 1956, quando conversei com grandes especialistas no assunto*”.

A afirmação sugere que o primeiro livro de Ethel ainda não discutia o lazer, pois embora tenha sido publicado em 1959, foi preparado antes de 1956. A obra, como visto no capítulo anterior, enfatizava a recreação.

Após a criação da IRA, Ethel foi eleita a primeira Diretora e reeleita para as diretorias seguintes, até 1976, conforme consta em Medeiros (2003). Ela colaborou na fundação da *World Leisure and Recreation Association* (WLRA), em substituição a IRA, e fez parte da vice-presidência até 1981, quando solicitou afastamento do posto.

[...]. Ainda iria colaborar com ardor no alargamento do seu âmbito e na reformulação de suas finalidades (entre elas, o apoio a pesquisas). E assim foi fundada a *World Leisure and Recreation Association*, para substituir a IRA. (MEDEIROS, 2003, p. 27).

Ethel participou da transformação de uma associação internacional de recreação em uma associação mundial, que iria abranger tanto a recreação como o lazer. Paralelamente, a sua atuação como vice-presidente da WLRA, ela colaborou na fundação da Associação Brasileira de Recreação (ABDR), em 1958, e da qual foi sua primeira presidente. Nos anos de 1980, cooperou com a implantação da *Asociación Latinoamericana de Tiempo Libre y Recreación* (ALATIR), da qual participou do corpo diretor como vice-presidente.

Entre os anos de 1950 e 1980, Ethel teve atuação destacada à frente de organizações de Recreação e Lazer no Brasil e no exterior, gerando visibilidade, produção e divulgação de conhecimentos no campo da recreação e do lazer.

Os livros *O lazer no planejamento urbano* (1971)³⁰ e *O município e a recreação* (1976) foram publicados nesse período. Foram escritos depois da participação de Ethel em dois projetos de planejamento urbano, entre o final da década de 1950 e o início da de 1960. Um deles para a futura capital do País e o outro para a construção do parque do aterro do Flamengo no Rio de Janeiro.

A preocupação com o lazer no planejamento urbano não foi por acaso. Ribeiro (2003) observa que, de 1955 a 1968, ocorreu a crise do modelo nacional-desenvolvimentista de industrialização e a implantação do modelo associado de desenvolvimento econômico. O grande afluxo de capitais estrangeiros colaborou para o desenvolvimento industrial e o governo de Juscelino Kubitschek criou o programa “50 anos em 5” para o progresso do Brasil, priorizando as questões das estradas, da energia, dos transportes e a construção de Brasília.

A urbanização intensificou-se nesse período e também nas décadas posteriores, no entanto, o lazer ainda não despertava grande interesse no País.

Camargo (2003) sugere que:

Os anos 1960 foram certamente os de crescimento urbano mais acelerado da história do país. Os 2 milhões de habitantes da capital paulista no censo de 50 quase triplicaram até o início dos anos 1970. A São Paulo da garoa foi substituída pela cidade da fumaça e da poluição. Neste contexto, algumas vozes começavam a levantar-se em torno de bandeiras como ecologia, combate à poluição, qualidade de vida. (CARMAGO, 2003, p. 36).

Pinto (2008) observa que o sistema de política social adotado, nos anos 60 e 70, era baseado nos princípios do mérito, ou seja, na posição ocupacional e de renda adquirida no nível da estrutura produtiva e da seletividade. A aliança entre as políticas de esporte, educação física e lazer, consagrou o campo da Educação Física como o principal difusor das políticas de lazer no Brasil. A autora revela que “essa estratégia política foi fundamental ainda para promover uma educação

³⁰ O livro *O lazer no planejamento urbano* teve uma segunda edição em 1975, utilizada neste trabalho.

corporal pactuada com educação para o lazer e orientada pelas necessidades do desenvolvimento capitalista”. (PINTO, 2008, p. 84).

O País precisava de cidadãos saudáveis, “ativos”, produtivos e, por isso, o poder público, era imprescindível a promoção do lazer. Sant’ Anna assinala que, nos anos de 1970,

criava-se o lazer como regra de certos prazeres e atividades como *verdades inerentes* ao nosso tempo: fazer ginástica, usar o tempo livre com atividades físicas e esportivas, cultuar a descontração e um certo tipo de corpo, saudável e produtivo, passaram a fazer parte dos padrões de normalidade estabelecidos socialmente. (Sant’ Anna, 1994, p.11).

De acordo com Medeiros (2003), por designação do MEC, Ethel passou a fazer parte da equipe responsável pela elaboração do projeto com vistas à recreação em Brasília quando o planejamento já estava praticamente pronto. Talvez por essa razão, ela quase não foi ouvida. Ethel foi convidada por Maria Carlota de Macedo Soares (Lota) para compor o grupo do Aterro do Flamengo, como explica Oliveira (1995, p. 100):

Em Nova York, Lota havia consultado um órgão internacional de recreação para que recomendassem um especialista. Para sua surpresa, recomendaram uma brasileira, Ethel Bauzer Medeiros. Ethel relutou quando Lota a convidou para integrar a equipe do Aterro. Já tinha gasto muito tempo de sua vida fazendo projetos para órgãos públicos para nada. Contudo, combinaram um encontro no dia 10 de janeiro.

Sobre os dois projetos, Ethel esclarece:

Quando eu fui chamada para o grupo do Parque do Flamengo, o local ainda era um aterro. Em Brasília, ao ser chamada, muito já tinha sido definido.

[...].

Uma coisa é você participar, desde o início do planejamento, de um projeto. Outra, muito diferente, é entrar mais tarde quando grande parte dos planos já foram feitos. Quando muito já está pronto, a única coisa que é possível é planejar como utilizar as instalações. (MEDEIROS, 2008,p. 2-3).

É possível que a designação de Ethel para integrar a equipe de elaboração do projeto para Brasília tenha sido tardia por preconceito em relação à participação de uma especialista em recreação e lazer neste tipo de intervenção. Ou ainda por julgar que a atuação desse profissional não tivesse importância no início do planejamento, e, apenas, na sua finalização, a fim de indicar instalação e utilização de equipamentos para a prática de atividades físicas³¹.

No caso do Parque do Flamengo, o fato de Lota ter solicitado a indicação de um especialista a um órgão internacional de recreação pode denotar desconhecimento da existência de profissionais qualificados no País ou descrédito, embora, na época, diversos serviços e parques de recreação já fossem realidade no Brasil, a exemplo dos citados no capítulo anterior. Ou ainda, poderia estar em busca de algo diferente do que havia no território brasileiro, uma nova concepção de parque.

Ethel hesitou em aceitar a proposta de integrar o grupo de planejamento do Parque do Aterro do Flamengo, talvez devido à negativa experiência na equipe de Brasília. Todavia,

Ethel convenceu-se quando conheceu o Barracão [...]. As pessoas eram um punhado de grandes profissionais, movidos a idealismo. Ethel sentiu-se particularmente cativada pelo gesto de Lota, pioneiro no país: chamar um educador desde o início do planejamento de um parque. (OLIVEIRA, 1995, p. 100).

A participação de Ethel nesse empreendimento, desde o começo dos trabalhos, foi de fundamental importância, já que a inclusão de uma especialista em recreação e lazer em um projeto de planejamento urbano para construção de um parque, em nosso País, foi uma inovação.

Segundo Oliveira (2006), a iniciativa da criação desse parque no Aterro do Flamengo surgiu no governo de Carlos Lacerda, que, em 1961, nomeou Maria Carlota de Macedo Soares para a Assessoria do Departamento de Parques da Secretaria Geral de Viação e Obras e a Superintendência de Urbanismo e

³¹ Com esta observação, eu não descarto a possibilidade de outros motivos para a designação tardia de Ethel para integrar a equipe do projeto para Brasília, que pode ter sido inclusive, burocrático.

Saneamento (SURSAN) e assumir a coordenação do planejamento do Parque do Flamengo. Na concepção de parque de Lota “estava implícita a tarefa de contribuir para melhoria da qualidade de vida, conter a ofensiva da especulação imobiliária e possibilitar a reconciliação dos cidadãos com sua cidade.” (OLIVEIRA, 2006, p. 3).

Se por um lado havia a intenção de investir na promoção de políticas públicas de lazer, condizentes com os interesses e objetivos governamentais, por outro, surgia a preocupação com a qualidade de vida dos habitantes dos grandes centros, devido ao crescimento urbano acelerado e intenso, responsáveis, em parte, por problemas como poluição, especulação imobiliária, entre outros.

Oliveira (1995, p. 100) destaca que:

Lota adiantou que não se tratava de um parque convencional, com chafariz, bancos, estátuas e brinquedos para as crianças. A proposta do parque era a de contribuir para melhorar a qualidade de vida, atuando como fonte de educação continuada. Ethel aceitou planejar os play-grounds do Aterro. Trabalharia por um ordenado simbólico.

A possibilidade de participar de um projeto inovador relacionado à recreação como elemento de educação pode ter sido outro motivo que contribuiu para Ethel integrar o grupo. Quando ela esteve envolvida na luta pela aceitação da recreação como meio de educar no âmbito escolar, ela já vislumbrava essa necessidade para além dos muros das instituições de ensino, para pessoas de todas as idades. Envolvida na construção do Parque do Flamengo, Ethel teria a oportunidade de ampliar sua atuação no campo da recreação e do lazer.

Em obra publicada a partir da experiência no projeto do Parque do Flamengo, Ethel relata que:

Quanto ao equipamento de recreação, combinou-se que seria desenhado pelo Grupo de Trabalho, de acordo com a programação do assessor, buscando-se inovar o material tradicionalmente oferecido. (MEDEIROS, 1975b, p. 224).

Portanto, a ideia era construir um parque com uma proposta inovadora, sob a orientação de uma especialista em recreação e lazer.

Como consultora de recreação e responsável pelos playgrounds, Ethel explicou aos arquitetos e ao paisagista, Roberto Burle Marx, como seria o parque.

A ideia do parque também levava implícito o projeto de criar um “parque vivo”. Assim o pretendia Ethel Bauzer Medeiros, especialista em áreas de recreação pública. Para atingir tal objetivo pediu aos membros do Grupo de Trabalho que definissem espaços específicos para as crianças, adolescentes, adultos e idosos. Sugeriu também que se evitasse sobrecarregar o espaço do parque com equipamentos. Pelo contrário, buscou a criação de muitas áreas sem atividades pré-definidas para que os usuários, especialmente as crianças pudessem sentir-se livres. (OLIVEIRA, 2006, p. 4).

Além disso, chamou a atenção para a segurança, devido à proximidade das pistas de alta velocidade. “A ideia era aproveitar bem o espaço entre as pistas, mas, garantir a segurança”. (MEDEIROS, 2008, p. 1.).

A intervenção de Ethel na construção dos *playgrounds* gerou o primeiro conflito no grupo formado por Lota. Roberto Burle Marx, que faria o jardim, “não gostou que a recreadora ficasse responsável pelos play-grounds. Não estava combinado que era ele que ia fazer?” (OLIVEIRA, 1995, p. 103). A autora aponta que, devido a Lota reafirmar que Ethel faria os *playgrounds* e Roberto o jardim, ele fez uma pública investida contra Lota e os Playgrounds no jornal Correio da Manhã no dia 14 de abril de 1966.

O motivo da desavença teria sido a responsabilidade pelos *playgrounds*, ou mesmo o preconceito de Roberto Burle Marx, já que não era comum a participação de especialistas em recreação e lazer em projetos de planejamento urbano, ainda mais, assumindo um papel de liderança.

Contudo, Ethel prosseguiu com a função na equipe, principalmente ao lado dos arquitetos. Na entrevista, ela não mencionou as tensões³² ocorridas no grupo, conhecido como “Butantã”, apontadas por Oliveira (1995). Apenas enfatizou a parceria com o arquiteto Affonso Eduardo Reidy: “[...] *um profissional talentoso com quem era um prazer trabalhar. Ele sabia muito bem que não bastava o aspecto estético. O funcional era essencial*”. (MEDEIROS, 2008, p. 2)

Oliveira (1995, p. 103) ressalta a admiração de Ethel pelo trabalho de Reidy: “Ethel trabalhava diretamente com ele, impressionando-se com sua facilidade em criar.”

A vivência com a educação pelas sensibilidades, tanto em família como no Instituto de Educação, pode ter contribuído para o apreço de Ethel pelo trabalho de Reidy, relacionado à arte, envolvendo a preocupação estética e funcional.

Reidy defende a importância de alinhar estética e funcionalidade³³:

É certo que o simples fato de uma construção atender a finalidades puramente funcionais não é condição suficiente para que mereça a designação de obra de arquitetura. Entretanto, não se pode dissociar da arquitetura o seu aspecto utilitário, aquele que lhe deu, inclusive, motivação. A arquitetura não pode ser considerada, apenas, uma escultura vazada. O seu ajustamento ao fim a que se destina não lhe tira, de forma alguma, a sua condição de ser essencial e fundamentalmente obra de arte. Mas o que realmente melhor a define e a caracteriza é a sua concepção espacial (REIDY, 1987, p. 182, citado por CONDURU, 2005, p. 27).

Ethel ressaltou duas providências tomadas por Reidy, uma, por atender pedido para “*que tivesse uma área para idosos e ele a reservou prontamente nos playgrounds. Num lugar abrigado, perto dos pequeninos*.” (MEDEIROS, 2008, p. 2). A outra,

³² Em outros trabalhos de planejamento com arquitetos e construtores, Ethel esteve envolvida em conflitos, como demonstra o trecho: “Ethel Bauzer Medeiros foi convidada a participar do planejamento de inúmeros prédios do Rio de Janeiro na qualidade de recriadora. Ela garante que enfrentou muitas discussões com os arquitetos e construtores.” (Recreação, o reconhecimento oficial de uma (antiga) necessidade humana, O Globo, 1976, p. ?).

³³ A atenção de Reidy em alinhar estética e funcionalidade parece estar de acordo com a Arquitetura Moderna brasileira, que tinha como pioneiros, além de Reidy, os arquitetos Flávio de Carvalho, Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

voltada à segurança, foi a criação de taludes para impedir o acesso das crianças às pistas de rolamento.

Ela lembrou também dos campos de futebol em dimensões não oficiais, propostos por Lota, com a intenção de evitar a prática profissional. Segundo Oliveira (1995, p. 101) “Ethel adorou.” No depoimento, ela justifica: “*A concepção é de oportunidades para todas as idades, porque é uma necessidade do ser humano*”. (MEDEIROS, 2008, p. 2).

A preocupação no momento não era apenas com a recreação infantil, mas promover lazer para todos os frequentadores do parque, independentemente da idade. O projeto estava de acordo com os objetivos governamentais, com a proposta de melhoria da qualidade de vida, como idealizou Lota, e com a possibilidade de saciar uma das necessidades do ser humano, como defendia Ethel.

Ethel sofreu resistência ao assumir o papel de liderança nessa equipe, mais especificamente ao incumbir-se da responsabilidade de planejar os *playgrounds*, como visto anteriormente. Mas também encontrou apoio, ouviu e foi ouvida, notadamente em sua relação de trabalho com Lota e Reidy.

Essas situações evidenciam o envolvimento de Ethel com profissionais renomados, com os quais trocou ideias e experiências. Apontam ainda o cuidado com a segurança dos usuários do parque, com a preocupação de assegurar a presença de adultos próximos às crianças. Ethel incentivava a vivência, o fazer e não apenas o assistir, devido à formação orientada por valores que estimulavam a participação, em uma época em que o lazer era “tratado como negação do erro, do ócio, ou ainda como o ‘negócio’ capaz de excluí-lo ou de tratá-lo”, como observou Sant’ Anna (1994, p. 20).

Portanto, as obras *O lazer no planejamento urbano* (1971) e *O município e a recreação* (1976) trazem as influências da Escola Nova e da Psicologia educacional e desenvolvimentista, as experiências como professora primária, recriadora e técnica de educação do MEC. Ethel já havia escrito um conceituado livro sobre

recreação na escola primária, estava envolvida com entidades do campo da recreação e do lazer em nível nacional e mundial e, ainda com questões relacionadas ao planejamento urbano. Outras preocupações foram contempladas em suas práticas, como a preservação de áreas livres para recreação nos centros urbanos e o crescimento indiscriminado.

Como já visto, essas preocupações surgiram nesse período no Brasil, devido à “corrida” pela industrialização, sedimentação do capitalismo, valorização do trabalho, da produção, da construção de estradas, da criação de infraestrutura para o desenvolvimento. Mas também as consequências do desenvolvimento despertavam receio.

Devido ao seu envolvimento em associações relacionadas à recreação e lazer em âmbito mundial, Ethel já conhecia os problemas urbanos dos países desenvolvidos, bem como, daqueles que se encontravam em via de desenvolvimento. Ela participava das discussões sobre o campo do lazer, ações em busca de melhoria da qualidade de vida e fomento de políticas públicas voltadas à recreação, como será visto adiante.

Em relação ao planejamento urbano vinculado ao lazer Ethel se posiciona:

[...], “é importante a reserva de áreas livres para recreação junto das cidades antes que elas encareçam. As pessoas precisam ter um lugar perto de suas casas onde possam se recrear, e não reservas enormes mas distantes. O lazer é um fenômeno diário, e não deve depender de um transporte falho ou de muitas horas livres para se realizar”. (As cidades precisam ter reservas de área livre, 1974, p.?).

O sacrifício de áreas verdes para a construção de complexos viários, viadutos e túneis é visto por Ethel como “uma luta entre o chamado progresso e a natureza. Esta sempre leva a pior. [...]” (As cidades precisam ter reservas de área livre, 1974, p.?).

“Mas alguma coisa ainda pode ser feito”, diz a técnica em lazer. “A reserva de áreas de recreação antes da exploração imobiliária chegar até ela é um ponto fundamental. Aí não cabem planos megalomaniacos de vários hectares de terreno em locais distantes e inacessíveis. O importante é a proximidade. Quando é que eu vou ter tempo de ir lá? Eu quero um parque ali na esquina onde passo todos os dias, não um Parque no Xingu, embora ele seja também

importante. **Não aceito essa conversa que o município tal tem tantos metros quadrados de áreas livres. Eu quero saber onde.** (As cidades precisam ter reservas de área livre, 1974, p.?. Grifos de acordo com o original.).

Ethel demonstra claramente sua posição frente ao avanço da exploração imobiliária e defesa de áreas para recreação próximas às residências, de fácil acesso aos moradores. E fica evidente a mudança de foco, antes na recreação como estratégia educativa e agora, na recreação como componente fundamental do lazer, o que não excluía seu potencial educativo.

A matéria da *Folha de Manhã*, de Porto Alegre, anuncia a publicação do livro *O município e a recreação*, que seria lançado em quatro meses e distribuído às cidades pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), como um manual de orientação aos projetos de recreação no planejamento urbano.

3.2 Participando do debate no campo do lazer

Na apresentação da obra *O lazer no planejamento urbano*, escrita por Kleber Nascimento, é possível perceber a preocupação com o planejamento e a organização do lazer diante do aumento do “tempo livre”, devido ao desenvolvimento tecnológico.

No entanto, Camargo (2003) revela que havia preconceitos em relação ao lazer nas décadas de 1960 e 1970. Em 1969, um evento promovido pelo SESC de São Paulo e pela Secretaria de Bem-Estar do Município, denominado *Seminário sobre o lazer: perspectivas para uma cidade que trabalha*, era “politicamente correto” por reconhecer implicitamente a primazia do trabalho e da utilidade. O autor considera esse Seminário um marco na introdução dos estudos do lazer, já que foi posto “no seu verdadeiro território intelectual: ao lado do trabalho.” (CAMARGO, 2003, p. 37).

A questão não é concordar ou discordar do autor em termos da introdução dos estudos do lazer no Brasil, mas perceber a luta a favor do reconhecimento da importância desse fenômeno.

Camargo (2003) observa que, na ocasião, já existia a preocupação com parques e suas funções higienista e educativa, com a degradação dos espaços urbanos, mas pensava-se no lazer como solução para outros problemas, uma vez que só tinha importância se considerasse o trabalho.

Temas como a urbanização, os transportes, a saúde, a poluição eram sempre prioritários. O lazer, quando discutido, estava em segundo plano. Segundo Camargo (2003), com base na teoria das necessidades de Maslow, as fisiológicas, de segurança, sociais, autorrealização, status, estima eram consideradas básicas, e o lazer, lamentavelmente, era tido como necessidade supérflua.

Em *O lazer no planejamento urbano*, Ethel apresentou o lazer “como o espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida.” (MEDEIROS, 1975b, p.3).

O conceito de lazer difundido por Joffre Dumazedier foi levado em conta na publicação de Ethel, uma vez que o autor consta nas referências bibliográficas. De acordo com o autor, a definição de lazer é:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976, p. 34).

Embora os conceitos apresentados tenham semelhanças, como situar o lazer fora das obrigações, Ethel classificou o lazer como um espaço de tempo, enquanto Dumazedier o qualificou como um conjunto de ocupações. Gomes (2008, p. 109) pondera que “o conceito formulado por Dumazedier restringe o lazer a determinadas atividades, assemelhando-se ao sentido de recreação construído, no Brasil, até mesmo nos dias de hoje.”

Em seu depoimento, Ethel chamou a atenção para as diferenças entre os pontos de vista de Dumazedier e dos especialistas norte-americanos e reafirmou o seu, com base na psicologia.

Notei que havia divergências. Só para exemplificar, uma conceituação de lazer popular na França (difundida pelo Joffre Dumazedier) via o lazer associado à sociedade industrial, enquanto que os especialistas norte-americanos o viam como algo inerente à condição humana. E, ainda, enquanto os franceses se referiam a “os lazeres (lés loisirs)”, que eram atividades prazerosas feitas durante o tempo de folga, os norte-americanos falavam em “o lazer (leisure)” como um tempo disponível para projetos pessoais, deixando para depois o estudo de seu preenchimento.

Com o passar do tempo, fui aprimorando este conceito e encontrando bases mais sólidas para essa conceituação como necessidade, ao estudar psicologia social e antropologia cultural.

Na minha visão (de psicóloga), era a necessidade de um tempo livre para cultivar projetos pessoais e, como dizia outro francês, Edgard Faure, “O tempo para aprender a ser”. Um tempo buscado desde a era das cavernas, quando as pessoas se reuniam em torno da fogueira para contar e ouvir histórias. (MEDEIROS, 2008, p. 11.).

Na publicação *Educação para o lazer*, de 1980b, Ethel discorda de Dumazedier, já que ele considera o lazer fruto da sociedade industrial. No seu livro *Lazer: necessidade ou novidade?*, de 1975a, ela defende o lazer como necessidade e, segundo Medeiros (2008), a obra foi escrita após um especialista da Suíça, em um seminário sobre recreação e lazer, ocorrido em uma colônia de férias do SESC, apresentar a visão de lazer como produto da sociedade industrial. Ethel questiona:

Será o lazer, como querem alguns, preocupação característica da sociedade industrial, que a ele recorre para contrabalançar a mecanização, a rotina e a impessoalidade da linha de fabricação em série? Ou corresponde a uma das necessidades básicas do ser humano, apenas mais aguçada nos nossos dias pelo ritmo veloz, as tensões e a insegurança do mundo moderno? (MEDEIROS, 1975a, p. 2).

Para responder aos questionamentos, Ethel utilizou a poesia:

“Se a poesia é um dos reflexos mais puros dos reclamos e aspirações de uma cultura, e se a linguagem que usa consegue uma

síntese elevada dos mistérios da nossa existência, ouçamos o que alguns poetas nos vêm dizendo, através dos tempos, sobre o lazer e a respeito de uma das formas tradicionais de o ocupar, a recreação.” (MEDEIROS, 1975a, p. 2)

Além de defender o lazer como um tempo e uma necessidade, sob influência norte-americana e com base na psicologia e antropologia, Ethel apontou a recreação como uma das formas de ocupá-lo. O reflexo da formação no Instituto de Educação – inspirada na metodologia da Escola Nova – torna-se evidente ao utilizar a poesia para divulgar suas ideias.

Em entrevista ao jornal *O Globo*, Ethel sustentou a defesa do lazer como tempo e recreação como uma alternativa para aproveitá-lo:

Lazer é o tempo livre. A recreação é uma opção do lazer. O que nos preocupa, portanto, é o uso do lazer, a utilização desse tempo livre com atividade criadora. (Recreação, o reconhecimento oficial de uma (antiga) necessidade humana, *O Globo*, 1976, p. ?)

Marcellino (1987) sinaliza que não há consenso entre os estudiosos do assunto e que duas grandes linhas de pensamento podem ser identificadas,

a que enfatiza o aspecto *atitude*, considerando o lazer como um *estilo de vida*, portanto independente de um tempo determinado, e a que privilegia o *aspecto tempo*, situando-o como *liberado* do trabalho, ou como *tempo livre*, não só do trabalho, mas de outras obrigações – familiares, sociais, religiosas – destacando a qualidade das ocupações desenvolvidas.” (MARCELLINO, 1987, p. 28-29).

Em relação aos autores brasileiros da década de 1970, Marcellino (1987) observa que os conceitos apresentados por Ethel e Renato Requixa não evidenciam as diferenças básicas verificadas entre as duas correntes citadas, mas ainda assim revelam pontos de vista distintos:

[...], Ethel considera o lazer como “... necessidade importante do homem, em todos os tempos e lugares, que varia apenas de intensidade e de forma de expressão, segundo o contexto físico, sócio-econômico e político-social de cada grupo...”, enquanto Requixa focaliza “... o desenvolvimento histórico da idéia de lazer, como fenômeno e processo,” baseando-se na “interdependência dos elementos do binômio trabalho-lazer” que, somente na civilização

industrial se apresenta, mas nitidamente diferenciado. (MARCELLINO, 1987, p. 33-34).

Enquanto Requixa considera o lazer fruto da sociedade moderna urbano-industrial, Ethel o admite como presente em todas as épocas, em *Lazer: necessidade ou novidade?* quanto em *O lazer no planejamento urbano*. Ela sustenta que o grande interesse pelo tema não é situação passageira, nem resulta de propaganda bem dirigida.

Reflete, sim, uma *necessidade básica* do homem, aparente em qualquer cultura, porém que o novo estilo de vida exacerbou. O nosso acelerado progresso material, a automatização que está a atingir todos os setores da atividade humana, o ritmo apressado da mudança social, a acirrada competição do dia-a-dia e, conseqüentemente, o maior desgaste dos nervos explicam o aguçamento desta exigência humana, que sempre existiu. A isto acrescenta-se o fato inegável da atual ampliação do lazer. (MEDEIROS, 1975b, p. 123).

Ethel participou do jogo no campo do lazer e elaborou argumentos, fundamentados, a princípio, nas mesmas bases teóricas dos conhecimentos adquiridos sobre a recreação, para defender seu ponto de vista perante visões contrárias.

Para Ethel, lazer, ou seja, o tempo depois de atendidas as necessidades de sobrevivência e cumpridas as obrigações, embora esteja presente em todas as sociedades, sofre modificações, pois “cada qual o preenche a seu modo, de acordo com um estilo de vida pessoal e segundo os costumes do grupo a que pertence.” (MEDEIROS, 1975b, p. 4).

Ethel observa que as possibilidades e preferências para vivenciar o lazer:

não se subordinam exclusivamente a atitudes pessoais, pois que o homem vive em sociedade. Além de traduzir os atributos dominantes de cada personalidade, revelam os modelos de comportamento que o próprio grupo cultural valoriza. (MEDEIROS, 1975b, p. 4).

Ethel conclui que as possibilidades e preferências para “ocupar” o lazer são muito amplas e a atitude diante do “tempo livre” sofre influência individual e coletiva. Dessa

forma, ela relaciona o lazer à cultura, quer dizer, dependente de hábitos, valores, normas do contexto social.

Ethel também chama a atenção para o interesse de sociólogos e antropólogos sobre a utilização desse tempo e para a observação dos psicólogos a respeito das pessoas, das diferenças e motivações em momentos de lazer. A autora recorre a Allport “a melhor chave para se penetrar numa personalidade é a hierarquia dos interesses de um indivíduo... Quando conhecemos a *ordo amoris* de alguém, então, sim, nós conhecemos tal pessoa” (ALLPORT citado por MEDEIROS, 1975b, p. 4).

O posicionamento de Ethel indica a interdisciplinaridade, a possibilidade de intervenção multiprofissional no campo do lazer e a sua crescente importância na atuação do psicólogo.

Segundo Medeiros (1975b, p. 4), “juntamente com a oportunidade de ser livre, cada pessoa (ou grupo) também desfruta no seu vagar da possibilidade de destruir essa tão sonhada liberdade”. Por isso, educadores e administradores despertam-se para a “boa utilização” das horas de folga, pois tomam

como sua a responsabilidade de cuidar que o tempo disponível seja utilizado não apenas de maneira prazerosa para cada cidadão, porém de modo construtivo para a sociedade. Porque ocupam posição de liderança e reconhecem como seu dever cuidar que os interesses pessoais sejam atendidos, dentro de clima social salutar, promovem medidas destinadas a transformar o lazer em *força social positiva*.” (MEDEIROS, 1975b, p. 5).

A posição de Ethel pode ter origem em dois fatores: um deles, a educação recebida, tanto no núcleo familiar – no qual a disciplina, o trabalho e as obrigações vinham em primeiro lugar – como no âmbito escolar: ambos valorizavam as atividades recreativas, mas tinham, primordialmente, a função de educar, como salientado no primeiro capítulo. O outro, a carga de responsabilidade social depositada no lazer na época. De acordo com Sant’Anna (1994), diversas instituições sociais e setores da administração pública buscavam tornar o “tempo livre” capaz de responder, não somente aos interesses das atividades lúdicas e do descanso, mas também e,

principalmente, aos interesses de caráter econômico, moral, político, institucional. Isto por que:

Ele se transforma numa problemática social e institucional que pede o domínio de regras e de análises extrínsecas à gratuidade das brincadeiras e do lúdico. Ele se transforma no lugar onde pode nascer tanto o erro, a irregularidade, como o bem, a salvação social e individual. (SANT'ANNA, 1994, p. 20).

Talvez por este motivo, Ethel tenha reforçado a ideia do emprego do lazer como responsabilidade do administrador, diante do crescimento dos grandes centros.

[...] e o rápido desenvolvimento urbano das últimas décadas aguçaram nos responsáveis pelo bem-estar da coletividade a consciência do potencial do lazer. [...]. Foi assim configurando-se para eles nova responsabilidade, qual seja, a de promover o uso adequado da folga, que por isto começou a merecer mais atenção no planejamento urbano. (MEDEIROS, 1975b, p. 54).

Segundo Marcellino (1987), a abordagem do lazer apresentada por Ethel é “funcionalista”, altamente conservadora e busca a “paz social”, a manutenção da “ordem”.

[...]. Nesse sentido, Ethel observa a descoberta do lazer pelos que “... detém alguma parcela de responsabilidade no bem estar público.” Pondera que, as atividades de lazer “.. ao canalizarem tensões e descargas da agressividade, contribuem para reduzir as transgressões da ordem social, funcionando como válvulas de segurança da sociedade.” (MARCELLINO, 1987, p. 38).

Mas ressalva que os autores mencionados no seu texto

[...], não manifestam apenas valores “funcionalistas” com relação ao lazer. Pelo contrário, os dois autores mais representativos – Requixa e Ethel –, assim como outros, também destacam valores de desenvolvimento pessoal e social nas atividades de lazer. [...].(MARCELLINO, 1987, p. 38-39).

Observa-se que em seus textos, como visto em fragmentos aqui expostos, Ethel apresenta abordagem funcionalista, assistencialista e utilitarista, mas não se restringi a elas e trata o lazer de forma ampla, como inserido em um grande sistema, levando em consideração a complexidade do ser humano e das sociedades. Ela

defende o lazer como necessidade humana, fenômeno diário, que sofre influências individuais e coletivas e, ao versar sobre o tema, leva em conta as diversas possibilidades para o indivíduo e os grupos sociais. Marcellino (1987) pondera que:

Pode-se classificar como “*utilitarista*” a redução do lazer à função de recuperação da força de trabalho, ou sua utilização como instrumento de desenvolvimento. Ethel destaca os ganhos das entidades, pelo uso da recreação organizada “com o abrandamento dos problemas de relação entre empregados e destes com a administração, lucrando ainda com a maior estabilidade dos seus funcionários (o que lhe reduz os gastos com recrutamento, seleção e treinamento de novos servidores)”. Em síntese, o que denomino de visão “utilitarista”, procura justificar a atenção para o campo do lazer por parte dos empregadores, ressaltando “... os resultados psicológicos e as conseqüências econômicas”, em termos de retorno para as empresas, ou ainda, para os países subdesenvolvidos, como forma de contribuição para o progresso social. (MARCELLINO, 1987, p. 37-38).

Talvez esta tenha sido a abordagem mais apropriada para chamar a atenção para o lazer no panorama de um país como o Brasil em busca de desenvolvimento entre as décadas de 1960 e 1970.

No entanto esse aspecto não era o único assinalado por Ethel, e nem ao qual ela atribui maior importância, pois no 1º *Encontro Estadual Sobre Lazer e Recreação* do Rio Grande do Sul, em 1974, ao questionar: Para que o Lazer?, ela respondeu:

Este “para que” baseia-se em dois princípios:
1) para ajudar o homem a se afirmar como pessoa;
2) para conscientizá-lo de que é membro participante de um grupo. (MEDEIROS, 1974, p. 28).

No mesmo texto, Ethel utiliza a escala de Maslow, na qual ele dispõe, em ordem hierárquica, uma série de necessidades do homem. Para evidenciar a utilidade do lazer, ela inverte a hierarquia apresentada, colocando a última necessidade em primeiro lugar, da seguinte forma:

e) necessidade de criação – quando o homem se realiza como pessoa, ele precisa criar. Neste estágio, todas as outras necessidades passam a ter valor secundário. Ele esquece de comer, ele não liga se é entendido ou não, o nome dele não tem

importância. A criação é a mais importante utilização do lazer. Este estágio tem muito a ver com a recreação. [...]. (MEDEIROS, 1974, p. 28).

Embora a inversão da escala de necessidades de Maslow tenha sido uma estratégia inovadora para a época Ethel apresenta, como visto nesse capítulo, uma visão hierarquizada das necessidades da vida humana. Segundo Elizalde (2004) a teoria de Maslow, que sustenta a noção de necessidades básicas, ainda que tenha sido a mais conhecida a respeito das necessidades humanas implica uma visão reducionista.

Ethel atribuiu ao lazer a mesma lógica da recreação: embora seja uma necessidade humana, pode ser utilizada em favor da educação, do convívio em sociedade, do desenvolvimento.

Vale ressaltar que Ethel, em suas publicações, faz referência a um grande número de autores, de diversas nacionalidades e defende o lazer com uma abordagem sem foco definido em uma única base científica.

O pensamento de Ethel em relação ao lazer e à recreação, mais especificamente quando trata da recreação no âmbito escolar e de parques infantis, é resultante da influência da Escola Nova, que orienta toda a sua produção. Mas é reflexo também do seu contato com autores e profissionais brasileiros, que discutiam e atuavam na área, como visto no capítulo anterior. No depoimento, Ethel enumera os profissionais de recreação e lazer e as publicações, que lhe trouxeram aprendizado:

[...] meu predileto e aquele com quem mais aprendi foi Johann Huizinga, autor de Homo Ludens, com uma belíssima visão filosófica e científica do papel da atividade lúdica na cultura. Joseph Lee, nos Estados Unidos, com sua visão de parques e recreação e Charles Bright-Bill, com sua seleta coletânea de textos escolhidos. Na Espanha, Ortega y Gasset, com uma obra que medita sobre a opressão da técnica e a rebelião das massas e Sebastian De Grazia, que li em inglês sob o título "Of time, work, and leisure", um livro encantador que discute o papel desses três ingredientes da nossa vida. Na França, Jean Fourastié, com seu excepcional livro Des Loisirs: pour quoi faire? e Joffre Dumazedier, com seus livros Vers une civilisation du loisir? e Regards neufs sur le sport. (MEDEIROS, 2008, p. 17.).

Nota-se que Ethel utilizou obras “clássicas” e importantes do campo do lazer, com pontos de vista diferentes e, até mesmo, contrários.

Ethel considera o lazer, num aspecto mais amplo, tentando abarcar diversas épocas, esferas, sobretudo “no contexto brasileiro, porque o problema quase não tem merecido atenção na nossa literatura técnica. [...]” (MEDEIROS, 1975b,p. 54).

Ethel aborda o lazer e a recreação, de acordo com o seu ponto de vista de psicóloga e educadora, como necessidade básica do ser humano e também destaca os valores de desenvolvimento pessoal e social das atividades de lazer, como reconheceu Marcellino.

Ethel descreveu uma conjuntura dinâmica e complexa, que valoriza e organiza o lazer, já que

o lazer ocupa situação de relevo na trama social, impondo-se o planejamento cuidadoso das comodidades para a sua boa utilização. A exemplo do que sucede nos demais setores da vida, hoje tão complexa, ele também precisa de organização. [...]. (MEDEIROS, 1975b, p. 55).

Em *O lazer no planejamento urbano*, a autora afirma que compete à comunidade “providenciar espaço, instalações e serviços, para que os seus membros possam fruir o novo vagar, enriquecendo a própria vida, dentro de um clima de bem-estar social” (MEDEIROS, 1975b, p. 97). Com a mobilização de recursos disponíveis, “articulando as iniciativas de entidades privadas, de órgãos públicos e de particulares, de modo a assegurar oportunidades que seriam impossíveis a cada qual em separado.”

Na seqüência, Ethel cita as palavras de Donald Howard:

[...]. As pessoas tendem a se tornar uniformizadas, estereotipadas, guiadas pelo grupo, suscetíveis de manipulação em massa e de arregimentação. A sociedade está sendo dirigida para um lazer caracterizado por espectadorismo passivo e satisfações obtidas sem esforço por consumidores... O lazer e a recreação são vistos como

comodidades que se compram e não como experiências a viver. Agimos como se o modo de comprar mais lazer fosse trabalhar mais. A forma de se ocupar o lazer está-se transformando em critério importante de status social.” (HOWARD citado por MEDEIROS, 1975b,p. 56).

Ethel demonstra em seus textos uma preocupação com a ocupação e organização do lazer, critica a passividade, a manipulação das massas e retoma a valorização da experiência, do fazer. E aponta a eventual perda de tempo de lazer por mais trabalho.

Conforme Ethel, “[...] não raro o homem trabalha com o pensamento voltado mais para os momentos de liberdade” (MEDEIROS, 1976a, p. 13), devido ao grande aumento de horas livres de que o homem passou a dispor.

Conquistadas de início pela máquina, foram sendo depois aumentadas por lei de proteção ao trabalho, que começaram limitando a jornada de trabalho e fixando a idade para seu início e término, para irem aos poucos garantindo o repouso semanal remunerado e as férias anuais. (MEDEIROS, 1976a, p. 13).

Parece uma contradição, ora elucidar a possível perda de tempo de lazer por mais trabalho, ora afirmar que o homem trabalha com o pensamento voltado mais para os momentos de liberdade. Mas não quer dizer, necessariamente, que esse pensamento esteja relacionado ao uso desse “tempo de liberdade” para o lazer. Esse pensamento poderia estar direcionado a outro trabalho, já que “[...] uma enquete realizada em 12 países revelou que 25% das pessoas procuram outro emprego para preencher o seu tempo livre. (MEDEIROS, 1974, p. 27).

A jornada de trabalho foi reduzida legalmente, no Brasil, mas em vez do tempo livre ser usufruído como lazer, tornava-se uma oportunidade de assumir outra atividade produtiva. Sant’Anna (1994) também atentou para a situação:

O aumento da jornada de trabalho à revelia da lei, somado ao arrocho salarial, que pressionou o trabalhador a usar seu escasso tempo livre com outro tipo de trabalho para poder completar seus parcos vencimentos, são fatores que à primeira vista parecem não combinar com toda a preocupação e o enfoque dados ao lazer nesses anos. (SANT’ANNA, 1994, p. 27).

Para a Sant'Anna, havia a impressão de um contrassenso, de um lado a crescente redução do tempo livre, do outro, o estímulo cada vez ao lazer. Para Ethel, era prioridade investir em educação para o lazer, a fim de valorizar o tempo livre e vivenciá-lo, ao invés de transformá-lo em mais trabalho, ou em “ócio”, visto como algo nocivo na época.

Ethel considera o aumento do número de horas livres uma conquista, que os sujeitos deveriam aprender a aproveitar e não as reduzir a ócio, que aqui, não se refere ao ócio clássico dos gregos³⁴, “[...] significa inação, ausência de atividade, tempo desocupado. E este vazio fica bem nítido quando o comparamos com a palavra *negócio*, que vem de *nec + otium*.” (MEDEIROS, 1976a, p. 16).

A negação do “ócio” por Ethel deve-se à conotação negativa que o conceito representava naquela época. Sant'Anna (1994) adverte:

Se em momentos e sociedades mais antigas, já se atribuiu um sentido nobilizante e positivo ao ócio, contrariamente, em nossos dias, é mais comum entendê-lo como sinônimo de vadiagem, preguiça, inutilidade, tédio, improdutividade, imoralidade e até mesmo doença. Melhor ainda, determinadas práticas sociais foram denominadas ócio e este foi tomado como um problema carente por soluções a serem produzidas pela administração pública e empresas particulares. Soluções que podem estar tanto nas técnicas de disciplina do trabalho como naquelas de organização dos usos do tempo livre. Neste último caso, estamos tratando com a produção institucional de formas de diversão, de descanso, cultura e evasão, que ao mesmo tempo em que instituem uma distinção entre práticas ociosas – negativas – em nome de práticas de lazer, procedem à criação do ócio como o erro a ser corrigido pelos programas de lazer. (SANT' ANNA, 1994, 20-21).

Ethel sofria a influência do pensamento do momento, além disso, trabalhava em órgãos públicos, responsáveis por campanhas, orientações e elaboração de políticas públicas de lazer.

³⁴ Gomes (2008) discorre sobre o ócio remetendo-se ao termo grego *skholé* e faz uma correlação com o lazer, para reflexão sobre o processo de construção histórica deste último. E Marcellino (1987) distingue ócio de ociosidade. Para o autor, o primeiro significa uma opção de lazer e o segundo refere-se ao “nada fazer socialmente produzido”.

Diante da previsão do aumento do percentual da população mundial vivendo nas cidades, Ethel ressalta:

O planejamento urbano exige, assim, atenção cada vez maior, sendo para ele convocadas equipes de especialistas, que trabalham juntos com sociólogos, educadores e recreadores, entre tantos outros profissionais. (MEDEIROS, 1975b, p. 60).

Ethel chamava a atenção para a importância e a necessidade da formação de equipes multiprofissionais, para lidar com um problema que se mostrava complexo e exigia urgência de ações. E advertiu:

A revolução tecnológica trouxe ao homem mais lazer (condição que não se deve identificar com ócio), [...]. Mas agora o defronta outra opção: entre vagar e esforço, isto é, entre trabalhar após o horário (ou num segundo emprego), a fim de poder comprar mais e desfrutar de melhor padrão de vida, ou satisfazer-se com nível menor, porém viver descansado, cumprindo o horário regular, agora reduzido. A questão da jornada de trabalho apresenta-se hoje em novos termos, a saber, em razão da escolha entre padrão de vida e gênero de vida, entre o desejo de consumir mais e o de ter poucas obrigações. O problema passou a ser o de achar o ponto de equilíbrio entre folga e ocupação. (MEDEIROS, 1975b,p. 61).

Na obra *O lazer no planejamento urbano*, Ethel analisou o lazer como uma necessidade em relação às transformações sociais e uma condicionante para o planejamento urbano:

Neste período de intensa renovação e de planejamento integrado para o desenvolvimento, no qual inclusive se busca prevenir as dificuldades do crescimento desordenado comum nos antigos núcleos urbanos, é fundamental reservar espaço adequado para a recreação pública, antes que a urbanização encareça demais o terreno. Antecipando necessidades do futuro próximo, quando haverá mais cidades, e os seus habitantes aumentarão em número, tendo maior poder aquisitivo e vagar, urge prever as conseqüências sociais da dilatação do lazer, destinando-lhe áreas e acomodações e educando as novas gerações para o utilizar. (MEDEIROS, 1975b, p. 69).

Ethel demonstrou preocupação com o planejamento urbano e, em particular com a educação para o lazer frente às questões futuras das sociedades, uma vez que “o

progresso acelerado vem multiplicando os problemas de ajustamento dos indivíduos e dos grupos.” (MEDEIROS, 1975b, p. 79)

Em seu empenho em prol do lazer, em um país em busca do desenvolvimento, no qual os sujeitos viviam em um sistema que valorizava o mérito, parece haver uma incompatibilidade entre defender o lazer como um tempo de livre escolha, e, ao mesmo tempo, como um meio de educação que promovesse o desenvolvimento da sociedade.

E, além de abordar, entre outras, questões relativas ao conformismo social, à solidão em meio à massa, exploração mercadológica, medicalização das atividades físicas e destruição da natureza, criticou a substituição da experiência direta por relatos alheios; censurou uma onda de propagandas que buscava arremessar os sujeitos à uniformidade; denunciou a perda cada vez maior da espontaneidade e independência para a escolha. E desabafou: “O homem apreende as mensagens e as julga compreender (ou tê-las examinado), porém a pouco e pouco se vai submetendo à pressão (mesmo porque não foi educado para criticar)”. (MEDEIROS, 1975b, p. 83).

Diante de tal complexidade, Ethel apresentou uma proposta de Carta do Lazer em *O lazer no planejamento urbano*, para “ser criticada pelos estudiosos, para revisão e ampla divulgação.” (MEDEIROS, 1975, p. 118). Essa proposta servira de base para a que foi apresentada, em 1976, na conferência da ONU. Como vice-presidente da WLRA, Ethel participaria ativamente da elaboração da proposta, aprovada na Conferência Mundial da ONU “HABITAT”, que “ressaltava ‘a importância crescente da *necessidade básica* de lazer e recreação’, e os extraía da vaga designação ‘outros serviços sociais’, na qual estavam submetidos.” (MEDEIROS, 2003, p. 27)

Ethel abordou o lazer de forma ampla, contemplando aspectos individuais, sociais, econômicos, educacionais, e ainda os preceitos da psicologia. E apontou a recreação organizada como uma das soluções para o problema da expansão do lazer na sociedade pós-industrial.

A recreação seria uma forma de atender as necessidades individuais, sociais, educacionais e contribuiria para manter as pessoas ocupadas, utilizando o lazer.

Ethel destacou o lazer como fator de crescimento social e econômico, de forma estratégica, com o intuito de defendê-lo numa sociedade que valorizava o trabalho e “corria” em direção ao desenvolvimento. *O lazer no planejamento urbano* foi, sem dúvida, sua publicação mais importante neste sentido no Brasil.

Em relação à pesquisa em Lazer na década de 1970, Camargo (2003) qualifica como produtivo o livro *O lazer no planejamento urbano* de Ethel Bauzer Medeiros; a publicação de *Lazer e cultura popular e Sociologia empírica do lazer* de Joffre Dumazedier; três livros da Biblioteca Científica do SESC dirigidos por ele: *A teoria sociológica da decisão e valores e Conteúdos culturais do lazer* de Joffre Dumazedier; e *Sugestões de diretrizes para uma política de lazer* de Renato Requiça, “todos constituindo ainda hoje referência de estudo.” (CAMARGO, 2003, p. 41). Essa relação evidencia, novamente, que Ethel figura entre os nomes mais importantes no campo do lazer da década no Brasil.

Ethel estava envolvida também em campanhas em prol do lazer e da recreação, especialmente em países ditos em via de desenvolvimento. Em um boletim da WLRA, considerou que o lazer emergia como uma oportunidade privilegiada para esses países (MEDEIROS, 1976b). Ela advertiu que o ímpeto implacável por mudanças poderia minar o planejamento de longo alcance, portanto, esses países deveriam estar atentos tanto às necessidades quanto aos riscos do lazer. Nesse sentido, indicou a formulação imediata de políticas públicas de lazer como parte específica da política nacional para o desenvolvimento, considerando a situação particular desses países, as contribuições do lazer para a autorealização, para a integração social e para o progresso econômico.

As atitudes de Ethel, nesse período, revelam que ela usou a estratégia de colocar o lazer como fator de desenvolvimento, expôs a urgência da elaboração de políticas públicas e investimento em educação para o lazer.

3.3 Recreação como veículo de educação para o lazer

No período entre 1970 e 1980, segundo Melo (2006), iniciavam-se as discussões mais sistematizadas relativas à recreação e ao lazer no meio acadêmico e em organizações governamentais e surgiam iniciativas mais estruturadas de elaboração de políticas públicas. Esta pesquisa evidencia que Ethel participava ativamente das discussões sobre a temática.

Ainda em 1976, foi publicado o livro *O município e a recreação*. Na apresentação (MEDEIROS, 1976a, p. 6-7), o diretor do IBAM, Diogo Lordello de Mello, declara: “A recreação é considerada aqui como um serviço público essencial à saúde da população”, como objetivo de “ajudar o homem a escapar das opressões e automatismos da vida moderna e a integrá-lo de forma mais sadia e participativa na sociedade.”

A educação para o lazer estava no cerne das preocupações de Ethel. A autora questiona: “Há, portanto, vagar e existe material para torná-lo agradável. Que falta ao homem para ser feliz?” (MEDEIROS, 1976a, p. 13) e, em seguida, revela:

Primeiro, ele precisa de educação para usar construtivamente o seu vagar. Livre para empregá-lo a seu gosto, não raro o desperdiça, pondo-se a “matar o tempo”, pois jamais lhe ensinaram como aproveitá-lo. Família e escola preocupam-se tanto em especializar para o trabalho – e com razão – que se esquecem de ampliar horizontes, enriquecer vivências e desenvolver hábitos de participação ativa em ocupações prazerosas, destinadas apenas aos momentos de folga. Cedo a arte de viver degenera no negócio de sobreviver, no qual, paradoxalmente, as pessoas vão-se consumindo, dizendo-se a “ganhar a vida”.

[...] muitos aproveitam bem o lazer em atividades que lhes dão alegria e contribuem para uma vida mais feliz, outros buscam entretenimentos prejudiciais, seja para si próprios, seja para os outros. [...]. (MEDEIROS, 1976a, p. 14).

Em um período no qual a educação era comprometida com o trabalho, com o desenvolvimento, como já discutido anteriormente, a educação para o lazer deveria preparar os sujeitos para utilizá-lo de forma a evitar prejuízos individuais ou coletivos. E, principalmente, contribuir para o desenvolvimento.

Diante do conflito entre a educação para o trabalho e para o lazer, reaparece a incongruência do dever de defender o lazer, mas que contribua para o desenvolvimento do indivíduo e da coletividade.

De acordo com a matéria *Recreação, o reconhecimento oficial de uma (antiga) necessidade humana*, no jornal *O Globo*, em 1976, a recreação, por reconhecimento da ONU, acabava de ser promovida à necessidade básica do homem. Em entrevista, Ethel afirmou: “acredito ser a recreação o melhor veículo na educação” e sinalizou que o lazer poderia ser canalizado para uma atividade laborativa, tornando-se, assim, um “tempo de construção”. Eram necessárias opções de lazer, para que não fosse roubado por outros apelos, e também a preparação de líderes ou “animadores sócio culturais”, pela educação sistemática para o lazer.

Portanto, para Ethel, a educação para o lazer envolvia diversos elementos, como a recreação como veículo principal de educação; a criação de hábitos de participação ativa em ocupações prazerosas; a valorização do uso construtivo do lazer; a oferta variada de opções; formação de animadores e educação continuada.

Embora Ethel tenha preservado as influências da Escola Nova e os valores da infância, ela buscava constante atualização e incluía novos ingredientes em suas produções intelectuais. Surgia “o papel dos animadores sócio culturais”, a fim de “estimular, por meio de participação ativa e deliberada, as mais variadas iniciativas sócio culturais na comunidade”. Ela esclarece que a formação dos animadores “tem que ser extremamente flexível” e atuação “necessariamente discreta, sendo mais um ‘mediador das atividades’”. O melhor animador será, então, o que ‘desaparece’ quando cada grupo assume, ele mesmo, o prosseguimento das atividades” (MEDEIROS, 1980b, p. 50). Ethel explica que animação busca apoiar, facilitar, dar alma às ações do grupo.

É interessante notar que esse “papel” dos animadores, apresentado por Ethel, é muito semelhante ao do professor segundo a metodologia da escola ativa, que, tendo a recreação como aliada, deve estimular a participação do estudante.

Ethel caracteriza a recreação como uma das formas mais construtivas de ocupar o lazer e a difere de ócio³⁵:

a recreação abrange tudo o que realizamos por prazer, depois de cumpridas as obrigações de trabalho, escola, saúde, higiene, vida cívica e doméstica. Caracteriza-se, portanto, como ocupação de escolha voluntária, cultivada nos momentos de folga, unicamente pela alegria que sua prática oferece. Como a própria palavra indica, ela nos oferece oportunidades para *criar de novo* o mundo à nossa volta, servindo assim para renovar-nos corpo e alma. (MEDEIROS, 1976a, p. 15).

Logo, a recreação varia de pessoa para pessoa, compreende ampla gama de atividades e é definida não pelo tipo de ocupação, mas pela a disposição de cada pessoa, pela atitude mental de quem a cultiva. A autora adverte: “[...] não precisa ser útil nem trazer ganho ou atingir nível artístico. Basta a satisfação de sua prática, desde que obtida em clima de aprovação do grupo.” (MEDEIROS, 1976a, p. 15).

Como o objetivo é educar para o lazer, Ethel não estabelece um local específico para sua prática, mas lembra que o importante é a atitude mental. Quando trata da recreação, valoriza a vivência prática, a experiência do fazer, reportando-se à influência da Escola Nova e à metodologia da escola ativa.

Em *O município e a recreação*, Ethel esclarece que a recreação não engloba o trabalho, que visa a frutos, preza o colher e exige obediência a horário. Ainda assim, em muitos casos, recreação e trabalho entrelaçam-se e, em outros, o passatempo transforma-se em meio de vida.

Ao distinguir recreação e diversão, a autora observa:

Se a recreação pede participação ativa – pois que solicita o espírito criador – a diversão oferece apenas o desvio das atividades habituais. A idéia é apenas entreter, usando algo diverso da rotina, por meio de afastamento da trilha diária. (MEDEIROS, 1976a, p. 16).

³⁵ Como já demonstrado anteriormente, a respeito da publicação Medeiros (1975b).

Ethel reafirma o valor da participação favorecida pela recreação.

Medeiros (1976a) sinaliza que o crescente prestígio da recreação na época foi devido a sua relação com a necessidade humana de autoexpressão, à procura de recreação por pessoas de todas as idades, e à busca de identidade. A organização e prática estavam favorecidas e serviços de recreação foram criados em diversos âmbitos, como hospitais, asilos, orfanatos, escolas, prisões, empresas e igrejas. A recreação poderia contribuir para os aspectos físicos, sociais, intelectuais, emocionais e, ainda, para a valorização do homem. As práticas, resultantes de planejamento e organização de atividades salutaras e diversificadas de recreação, eram utilizadas como poderoso veículo de aproximação social e vinham “integrando com sucesso programas públicos destinados a minorar problemas sociais.” (MEDEIROS, 1976a, p. 29).

A recreação aqui referida é funcional e direcionada a um fim social pelo poder público e, para alcançar seus objetivos, as políticas públicas de lazer deveriam garantir condições para o planejamento, a implementação e a manutenção.

Medeiros (1976a) aponta três premissas básicas de uma boa programação para o lazer por meio da recreação: a infraestrutura direta, como locais, instalações e equipamentos, e indireta, como serviços de transporte, iluminação, água, esgoto, proteção, entre outros; profissionais especializados para planejar, oferecer, controlar, amparar e estimular atividades de lazer, que atendam toda a comunidade, durante o ano inteiro; educação sistemática para o aproveitamento construtivo do lazer.

Esse posicionamento de Ethel demonstra preocupação com a organização do “setor” do ponto de vista profissional.

A educação para o lazer era tão imprescindível que outros serviços deveriam estar ao seu favor. Seguindo essa filosofia, em 1980, Ethel escreveu a introdução do livro *In celebration of play*, organizado por Paul Wilkinson e que contou com a participação de profissionais envolvidos no esforço internacional para promover

*play*³⁶. No texto *Play in human settlements: an integrated approach*, Ethel afirma que a obra a determinação e a solidariedade que elevam as esperanças de uma sociedade mais humana. Ela situou o *play* diante de problemas e outras dimensões da sociedade humana; observou que o *play* não era visto com a devida seriedade; pois era tido como fundamentado em ideias visionárias, mas que significava fator importante para a sobrevivência.

O trabalho de Ethel em favor da recreação na educação para o lazer e da estruturação de políticas públicas teve repercussão tanto no Brasil como em outros países, como mostra os dois exemplos a seguir.

Em 1980, a convite do Governador João Castelo, Ethel, ainda como vice-presidente da WLRA, foi a São Luis do Maranhão para estruturar a Secretaria de Lazer. O convite, que virou notícia *Professora veio a São Luis para estruturar Secretaria de Lazer*, no jornal *O Imperial*, pode representar um resultado positivo das campanhas da época.

Ainda nesse ano, de acordo com o Boletim Informativo do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil³⁷ (ano 1, p. 9, mar. 1980), Ethel havia sido eleita secretária do *Balkan-ji-Bari-Internacional*, entidade relacionada ao bem-estar da criança e do adolescente, sediada na Índia.

No entanto esses são temas ainda inexplorados e podem gerar outras pesquisas.

Ethel publicou textos para defender seus pontos de vista, participou de debates no campo da recreação e do lazer, envolveu-se em uma ampla rede de relacionamentos e dedicou-se à defesa da Recreação e do Lazer como necessidade básica do ser humano. Instituiu a recreação como uma opção de lazer, mas também como uma forma de educação, tanto no suporte à formação escolar quanto em benefício do indivíduo e da sociedade.

³⁶ Esta palavra não foi traduzida por Medeiros (1980a) ter sido escrito diretamente em inglês.

³⁷ Esse boletim anunciava as mulheres do ano de 1979 em diversas áreas e Ethel foi eleita a Mulher do Ano em Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Finalmente, [...], a representação escrituraria é “plena”; preenche ou oblitera as lacunas que constituem, ao contrário, o próprio princípio da pesquisa, sempre aguçada pela falta.

(Michel de Certeau, 2007, p. 94)

Essa pesquisa sobre a história de vida de Ethel com foco em sua formação e atuação profissional procurou responder às questões: Como ocorreu o despertar de Ethel pela temática da recreação e do lazer? Como a sua formação profissional vinculou-se ao campo do lazer? Quais teorias, autores e profissionais a influenciaram? Quais foram suas produções, estratégias, representações e seus impactos neste campo?

O primeiro contato de Ethel com a recreação ocorreu ainda na infância, tanto no âmbito familiar, como no escolar. Seus pais, imigrantes europeus, sob inspiração iluminista, valorizavam a educação pelas sensibilidades. No Instituto de Educação do Rio de Janeiro, iniciou sua formação escolar nos anos de 1930. Sob o comando de Anísio Teixeira e de Lourenço Filho, orientados pelos ideais iluministas e defensores da Escola Nova, o Instituto promovia o “fazer lúdico” como meio educativo.

A formação profissional teve início também no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, uma referência na habilitação de professoras para o ensino primário.

A psicologia educacional e desenvolvimentista era a principal base teórica da Escola Nova e da Recreação, temas que despertavam o interesse de Ethel desde a conclusão do Curso Normal no Instituto de Educação. Essas disciplinas também faziam parte do bacharelado em Psicologia, cursado na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

No entanto, o vínculo profissional no campo da recreação começou a se configurar em meados da década de 1940, quando atuou como recreadora no Parque de Recreação Darcy Vargas.

Neste período, Ethel deu início a uma nova etapa de capacitação profissional, pois passou a pesquisar e estudar materiais relativos a serviços de recreação. Consultou a bibliografia norte-americana, do SESC, do SESI, das prefeituras de São Paulo e Porto Alegre e a coletânea de “200 Jogos Infantis”, elaborada por Nicanor Miranda.

Sob novas influências, Ethel passou a colaborar na preparação de material didático sobre recreação para professores do ensino de primeiro grau. Envolveu-se, cada vez mais, com a recreação, tanto no âmbito escolar, como em outros domínios, desde parques de recreação infantil até o planejamento e formação de recreadores de instituições voltadas a atividades de cunho recreativo e cultural.

O lazer passou a integrar os interesses de Ethel em meados dos anos de 1950, por ocasião do seu ingresso em associações profissionais de recreação e lazer.

O vínculo profissional de Ethel ao campo do lazer instituiu-se após nomeação como diretora da *International Recreation Association* (IRA), que, com sua colaboração, foi transformada em uma associação mundial de recreação e lazer, a *World Leisure and Recreation Association* (WLRA). Ethel participou também de equipes de planejamento urbano, principalmente no projeto de construção do Parque do Flamengo.

As teorias que mais influenciaram a formação e a atuação profissional de Ethel foram as da psicologia educacional e desenvolvimentista, que embasavam as práticas da Escola Nova. E os autores e profissionais foram Anísio Teixeira e Lourenço Filho, no âmbito do Instituto de Educação e do Ministério da Educação e Saúde; Nicanor Miranda, Arnaldo Sussekind e Frederico Gaelzer, em relação aos serviços de recreação existentes no País; Francisco Albizú, que intermediou o contato de Ethel com as associações profissionais de recreação; Maria Carlota de Macedo Soares, pelo convite para atuação no planejamento urbano, desde o início,

do projeto de construção do Parque do Flamengo; Joseph Lee, para sustentar a recreação e o lazer como uma necessidade humana.

Ethel publicou livros tanto na área da recreação e do lazer como da psicologia. A obra *Jogos para recreação na escola primaria* (1959), seria, a princípio um manual para professores de escolas primárias guiarem suas práticas de recreação como forma de educar. O livro foi considerado um compêndio, com o qual Ethel defendeu a recreação como necessidade humana. O *Lazer: necessidade ou novidade?* (1975), foi escrito para defender, por meio da poesia, o ponto de vista do lazer como necessidade humana. *O lazer no planejamento urbano* (1975) e *O município e a recreação* (1976), trataram o lazer de forma mais ampla, contemplando aspectos individuais, sociais, econômicos e educacionais e apontaram a recreação como uma das soluções para o problema da expansão do lazer na sociedade pós-industrial.

Ethel participou de campanhas em favor da recreação, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, e do lazer, sobretudo nos anos de 1970. Envolveu-se na formulação e implantação de políticas públicas de lazer; defendeu o lazer e a recreação como necessidade básica do ser humano; recreação como forma de ocupação do lazer, como veículo de educação para o lazer e como meio de educação e desenvolvimento.

As estratégias utilizadas por Ethel no campo da recreação e do lazer foram o investimento na capacitação continuada, com busca autônoma de conhecimento por meio de pesquisas, estudos e contatos com outros profissionais; participação em associações profissionais de recreação e lazer; a divulgação do conhecimento adquirido por meio de publicações, palestras, cursos, aulas, entrevistas; a utilização de pressupostos que evidenciaram a marca da Escola Nova em suas ações, como, por exemplo, a valorização da poesia e jogos.

Ethel envolveu-se em sua trajetória de vida em uma ampla rede de relacionamentos; venceu barreiras de nível hierárquico, intelectuais e geográficas; conquistou posições de destaque e liderança; tomou decisões; abraçou mais do que uma profissão; enfrentou preconceito por ser mulher, latino-americana; conviveu com

profissionais renomados; difundiu ideias com sua produção intelectual e obteve reconhecimento por suas realizações.

Enfim, esta pesquisa pretendeu contribuir para a construção de conhecimento, sobretudo com base na história de vida de alguém que alcançou projeção no campo da recreação e do lazer.

As entrevistas de Ethel, contidas neste trabalho, são riquíssimas e indicam inúmeras outras possibilidades de pesquisa.

Remetendo-me a Certeau, asseguro que além de tudo que foi registrado nesse texto a respeito de Ethel Bauzer Medeiros, muito ainda ficou por dizer. Mas já que o texto tem que chegar ao final, encerra-se aqui essa dissertação. No entanto, a pesquisa, sempre aguçada pela falta, pode e deve continuar, pois ainda há lacunas a serem preenchidas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Zilah Mattos Totta: síntese da educação e do educador**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 321-344, out. 2007.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A psicologia no Brasil no século XX: desenvolvimento científico e profissional. In: MASSIMI, Marina; GUEDES, Maria do Carmo. **História da Psicologia no Brasil: novos estudos**. São Paulo, EDUC, Cortez, 2004.

As cidades precisam ter reservas de área livre. **Folha da Manhã**. Porto Alegre, RS, 09 de dez. 1974.

“A recreação, outrora, era algo fundamentalmente oposto à educação...” Elemento vitalizador do próprio processo de educação. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 25 jul. 1953. p. ?

Arnold Lucius Gesell – Biografia. In: <<http://www.claudia.psc.br/arquivos/Gesell.pdf>>. Acesso em: 30/09/2008.

Boletim Informativo, ano 1, p. 9, mar. CNMB, 1980.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. O MEC. In: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=171>. Acesso em: 03/2009.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. A pesquisa em lazer na década de 70. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira. (Org.). **Coletânea do IV Seminário “O lazer em debate”**. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHAMON, Carla Simone. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869-1913)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CONDURU, Roberto. **Razão em forma: Affonso Eduardo Reidy e o espaço arquitetônico moderno**. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo EESC-usp. Fev., 2005.

Curso de recreação infantil aos professores. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 jul. 1953. p. ?).

Dr. Frances L. Ilg, Authority and Writer on Child Behavior. In: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?sec=health&res=9A02EFD6163BF93BA15754C0A967948260>>. Acesso em: 30/09/2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUTRA, José Carlos. A revolução de 1964 e o movimento militar no Paraná: a visão da caserna. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, 22, p. 195-208, jun. 2004. In: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rsp/article/view/3669/2926>>. Acesso em: 13/01/2008.

ELIZALDE, Antonio. **Desarrollo humano y ética para La sustentabilidad**. 1ª ed. Buenos Aires: Cacid, 2004.

FELLER, Nivia. **A influência da família e da escola na formação do comportamento das mulheres da elite e da classe média do Vale do Itajaí/SC entre 1920 e 1960**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade Regional de Blumenau, 2002.

FERNANDES, Florestan. **Resenha bibliográfica**. Suplemento Literário. São Paulo, fev. 1962.

FERREIRA, Acácio. **Lazer operário**: um estudo de organização social das cidades. Salvador: Livraria Progresso, 1959.

FONTES, Solon Santana. **Anísio Teixeira, um educador iluminista: premissas da modernidade no Brasil (1924 – 1970)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-graduação/UFBA, Salvador, 2006.

GARCIA, Janaína A. B. Mulheres exemplares: vidas contadas no anuário das senhoras de 1953. **Revista História Hoje**. São Paulo, n. 5, 2004. ISSN 1806.3993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. p. 13-26. In: GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita

Alice. (ORG.). **Garimpendo memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação/UFMG, Belo Horizonte, 2003.

_____. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2. ed. ver. e ampl. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. **Lazer no Brasil**: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

I personaggi, ramo primogênito. In: <<http://www.qdangelo.it/personaggi.htm>>. Acesso em: 11/12/2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; SIMAN, Lana Mara de Castro. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**, O que você precisa saber sobre. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Sonia Maria de Castro Nogueira. **Instituto de Educação do Rio de Janeiro: imagens de um lugar de memória da educação nova**. (s.l.), (s.d.).

Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, 1932. In: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>>. Acesso em: 11/03/2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

MEDEIROS, Ethel Bauzer; MACHADO, Edvete R. da Cruz. **108 jogos para jardim de infância**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. Reminiscências de uma educadora: mais de meio século de trabalho em recreação e lazer. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira. (Org.). **Coletânea** do IV Seminário “O lazer em debate”. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2003.

_____. **Jogos para recreação na escola primária (subsídio a prática da recreação infantil)**. Rio de Janeiro: INEP, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1959.

_____. **Jogos para recreação infantil**. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): Fundo de Cultura, 1961. 2v.

_____. **Juegos para recreación**. Buenos Aires: Ed. Ruy Diaz, 1964.

_____. O lazer no mundo atual. In: **1° Encontro estadual sobre lazer e recreação**. CELAR em notícias, ano 1, nº 3, maio, 1974.

_____. SESC; SEMINARIO SOBRE LAZER: (2.: 1975. Petropolis). **Lazer : necessidade ou novidade?**. Rio de Janeiro: SESC, 1975a. 1v

_____. **O lazer no planejamento urbano**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas, 1975b. 253p. ((Cadernos de administração publica. Administração geral:82)).

_____. **O município e a recreação**. Rio de Janeiro: IBAM, 1976a.

_____. **The needs for planning for leisure in developing countries**. In: WLRA BULLETIN, jan.-fev., 1976b, vol. XIX, nº. I. p. 3.

_____. Play in human settlements: na integrated approach. In: WILKINSON, Paul F. (Ed). **In celebration of play**. London: Croom Helm, 1980a. p. 31-42.

_____. Educação para o lazer. **Boletim de intercâmbio**, Rio de Janeiro (3) : 37 – 54, jul./ setembro 1980b.

_____. **Medidas psico & lógicas: introdução à psicometria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

_____. **Entrevistas concedidas por Ethel Bauzer Medeiros em sua residência a João Franco Lima**, nos dias 04, 06, e 07/08/2008. Em anexo, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MELO, Victor Andrade de. Animación (sócio)-cultural: um ponto de vista desde Brasil. In: VENTOSA, Victor Pérez (coord.). **Perspectivas actuales de la animación sociocultural**. Madrid: Editorial CCS, 2006. p. 73-87.

MIRANDA, Cybelle Salvador; CARVALHO, Ronaldo Marques do. **Dos mosaicos às curvas**: a estética modernista na arquitetura residencial de Belém. 2° Seminário DOCOMOMO N-NE, jun. 2008. In: <WWW.docomomobahia.org/AF_Cybelle%20Miranda%20e%20Ronaldo%20Carvalho.pdf>. Acesso em 02/2009.

MIRANDA, Nicanor. **Origem e propagação dos parques infantis e parques de jogos**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1941.

MONARCHA, Carlos; Lourenço Filho, Ruy. (Org.). **Por Lourenço Filho: uma biobibliografia**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

National Recreation and Park Association. In: <<http://www.nrpa.org/content/default.aspx?documentId=3544>>. Acesso em: 30/09/2008.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 73, dezembro, 2000.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. **Parque do Flamengo: instrumento de planificação e resistência** (1). Texto Especial 394, dez., 2006. In: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp395.asp>>. Acesso em: 18/09/2007.

OLIVEIRA, Carmem L. **Flores raras e banalíssimas**. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva de. Da meia-luz dos instintos à plena claridade da inteligência, A escolarização da música em Minas Gerais (1920-1930). In: VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. (Org.). **História de práticas educativas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PAULILO, André Luiz. **A estratégia como invenção**: as políticas de educação na cidade do Rio de Janeiro entre 1922 e 1935. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: História e Historiografia da Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Políticas públicas de lazer no Brasil: uma história a contar. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Políticas públicas de lazer**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Professora veio a São Luis para estruturar Secretaria de Lazer. **O Imperial**, p. 7, jul. 1980.

Recreação, o reconhecimento oficial de uma (antiga) necessidade humana. “A recreação é o melhor veículo para educar”. **O Globo**, p. (?), 29, jul. 1976.

REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 18ª ed. rev. e amp. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. Coleção memória da educação.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 30ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2006.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. **Os médicos italianos em São Paulo, 1890 – 1930 – um projeto de ascensão social**. 1996. In: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/r13/rosar.doc>. Acesso em 11/12/2008.

SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de. **O prazer justificado: história e lazer**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SANTOS, Antônio Cesar Almeida. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. In: <<http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/palestra-fontes-orais.pdf>>. Acesso em 14/02/2007.

SANTOS, Jorge Artur dos. **Os intelectuais e as criticar as práticas esportivas no Brasil (1840-1947)**. Dissertação. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Memória, cultura e poder na Sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. In: FARIAS FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Bragança Paulista, São Paulo: Universidade São Francisco, 2000. (Coleção memórias da educação).

SOUZA, Rita de Cássia. Atividades e instituições escolares: trabalho para o corpo, educação para a mente. In: VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. **História de práticas educativas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SUSSEKIND, Arnaldo. **Recreação Operária**. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, 1958.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes; BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair. A multideterminação do humano: uma visão em psicologia. p. 167-178. In: TEIXEIRA, Maria de Lourdes; BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair. **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILAS, Fabián. La recreación y el tiempo libre: situación, desarrollos y propuestas desde el Uruguay. In: FERNÁNDEZ, J. F. T.; MONTOYA, A. F. O.; BEDOYA, V. A.

M. (Org.). **El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina:** Problematizaciones y desafíos. Medellín, Colombia: Editorial Civitas, 2005.

XAVIER, Maria do Carmo. Educação e desenvolvimento no projeto do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais (1956-1966). In: VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. **História de práticas educativas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

WAICHMAN, Pablo A. A respeito dos enfoques em recreação. **Revista Educação Física**, p. 22-31, 2004.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes.; ISAYAMA, Hélder Ferreira. (Org.). **Lazer, recreação e educação física.** Belo Horizonte: Autentica, 2003.

APÊNDICE

Entrevistas com Ethel Bauzer Medeiros

1

Entrevista com Ethel Bauzer Medeiros, 2008. Transcrição revista pela entrevistada.

A história do começo das entrevistas

Esta entrevista é parte da pesquisa intitulada Ethel Bauzer Medeiros: trajetória no campo da recreação e do lazer, que tem como objetivo geral investigar a história de vida de Ethel Bauzer Medeiros com foco na sua trajetória profissional e acadêmica.

Foi solicitado a Ethel que na primeira parte da entrevista ela contasse sua história de vida, desde seus pais até o período de sua formação e atuação profissional.

Logo após, Ethel concedeu a primeira entrevista.

Primeira entrevista (em 04 /08 /2008)

Ethel: seja bem-vindo, João. Estou à sua disposição. Até já separei material de apoio para a nossa conversa.

João: Bom!

Ethel: Como você pediu, vou começar pela história da minha vida. Não sei se vou dar conta, pois é uma caminhada longa, que já se aproxima dos 84 anos. Um longo passado de estudo e trabalho, que nas últimas semanas procurei rememorar e documentar, para comentá-lo com você. Confesso que tive dificuldade nisso, pois nunca fui dada a me demorar sobre o que passou (e que não posso alterar). O que posso é reexaminá-lo, para tirar alguma lição. Vivo mais o presente, no qual consigo mexer, e assim melhorar o amanhã. Para mim o passado é “algo a meditar, e não a repetir”, como dizia Mário de Andrade.

Uma vida de mil e um interesses e ocupações, pontilhada por cursos (que fiz e que dei), conferências, apresentações de trabalho em congressos aqui e no exterior, publicações, concursos públicos, participação em grupos de trabalho, entre eles, o que planejou a construção e a implantação do Parque do Flamengo (aquele belíssimo parque urbano de recreação junto à Baía de Guanabara, com um milhão de metros quadrados numa área central do Rio de Janeiro). Você reparou que ele tem campos de futebol...

João – Eu já vi uma planta e passei por ele..., não vi totalmente, mas na planta...

Ethel – No parque há dois playgrounds, que pedi para ficarem em áreas rebaixadas porque o parque todo se situava junto a uma pista de alta velocidade. A idéia era aproveitar bem o espaço entre as pistas, mas garantir a segurança das crianças. Por isto o Dr Reidy planejou situar os



playgrounds em taludes, para impedir que alguma criança saísse correndo atrás de uma bola perdida em meio a pistas de rolamento. Todos os campos de futebol têm dimensões não oficiais, você sabia?

João – É de propósito? No Parque do Flamengo?

Ethel – É de propósito para não irem profissionais treinar, é para todos jogarem bola, profissional não disputa. A concepção é de oportunidades para todas as idades, porque é uma necessidade do ser humano.

No dia da inauguração do Parque, eu fiquei delirante, fui lá e as crianças brincando onde eu tinha sonhado. É difícil sonhar, acompanhar e ver pronto, eu tive essa felicidade.

João – E quem é que trabalhava com a senhora nas questões da recreação no Parque do Flamengo?

Ethel – Basicamente, quem era minha interlocutora direta era Lota de Macedo Soares.

João – Como era o nome dela, mesmo?

Ethel – Maria Carlota de Macedo Soares. Depois de conversarmos, ela me pedia para procurar um ou outro arquiteto. Em princípio, eu trabalhei mais com Affonso Eduardo Reidy, um profissional talentoso com quem era um prazer trabalhar. Ele sabia muito bem que não bastava o aspecto estético. O funcional era essencial.

Por exemplo, pedi muito que tivesse uma área para idosos e ele a reservou prontamente nos playgrounds. Num lugar abrigado, perto dos pequeninos.

Mais um marco na minha carreira foi o convite para eu planejar facilidades materiais para a recreação da futura capital do país, Brasília.

João – Isso, na Nova Capital Federal a senhora se queixa que já estava pronto. No Parque do Flamengo a senhora já conta que teve uma participação.

Ethel – Quando eu fui chamada para o grupo do Parque do Flamengo, o local ainda era um aterrado. Em Brasília, ao ser chamada, muito já tinha sido definido.

João – Então, eu queria que a senhora fizesse um pouco essa comparação entre o trabalho na Capital Federal e o do Aterro do Flamengo.



Ethel – Uma coisa é você participar, desde o início do planejamento, de um projeto. Outra, muito diferente, é entrar mais tarde quando grande parte dos planos já foram feitos. Quando muito já está pronto, a única coisa que é possível é planejar como utilizar as instalações.

Ah, esqueci! Ainda outro marco importante na minha vida foi a preparação do livro de Jogos para a Recreação na Escola Primária. Dr. Anísio me encomendou um livro de jogos para uma série de guias de ensino para a escola primária. Todos os livros da série tinham cerca de 100 páginas cada um. Colhi tanto material e fiquei tão entusiasmada que entreguei um manuscrito de 2100 páginas. Depois de impresso, ficou com 763 páginas. Você sabe de que livro estou falando?

João – Eu sei ... Inclusive ele foi publicado fora da coleção.

Ethel – São tantos os marcos importantes, que vou tentar dar mais uns exemplos. São convites para a participação em grupos, nacionais e internacionais, que fundaram a International Recreation Association, a World Leisure and Recreation Association, a Associação Brasileira de Recreação e a Asociación Latino-Americana de Tiempo Libre y Recreación (associações profissionais de cujo Corpo Diretor participei intensamente) e assim por diante. E tudo paralelamente à minha vida familiar. Enfim, uma vida de muitos desafios, mas também de muitas alegrias (entre elas, João, a alegria de participar deste seu projeto). De muito estudo e trabalho em dois campos profissionais: um, da Educação e da Psicologia (no magistério e na pesquisa), e outro, da Recreação e do Lazer (onde comecei como simples adepta, passei a prestar serviços voluntários em escolas elementares e, por fim, trabalhei como profissional, em um parque, centros de formação de recreadores, equipes de planejamento de programas públicos de lazer e recreação, assessoria à formulação de políticas públicas de lazer e na estruturação de seus serviços, em assessorias a programas de qualidade de vida em grandes empresas e assim por diante). Mas você, que já leu boa parte do que publiquei, certamente já está familiarizado com as linhas básicas da evolução de minhas preocupações, idéias, e ideais.

Me esqueci de falar que fui do grupo que fundou a Associação Brasileira de Recreação, em 1957. A minha cronologia está toda em zig-zag.

João – Eu tenho o cronograma do seu relato de experiência. Acho ótimo do jeito que a senhora está fazendo.



Ethel – Você não saiu da Bahia para vir até aqui só para por em ordem uma cronologia, não é?

João – As datas nós encontramos. Pode ficar tranqüila

Ethel - Nasci na cidade do Rio de Janeiro, em 18 de dezembro de 1924, filha de imigrantes europeus, muito cultos, que, tangidos pela Primeira Guerra Mundial, tinham vindo buscar a paz em outro continente. Meu pai, Samuel Bauzer, um médico russo, brilhante e estudioso, fluente em várias línguas e apreciador das artes. Minha mãe, Maria Coppola Bauzer, uma condessa italiana, que até emigrar tinha uma vida confortável, e só havia trabalhado como voluntária da Cruz Vermelha, e que havia conhecido meu pai quando ele cursava a Escola de Medicina de Nápoles, muito famosa na época.

Corajosos, atravessaram mares e um oceano ainda minados, para ir viver num país distante, onde não conheciam ninguém, nem mesmo a língua. Haviam escolhido vir para o Brasil, por vê-lo como um “país do futuro”. E com a vantagem de não ter aqueles invernos rigorosos, que tinham de enfrentar.

E aqui, longe de parentes e amigos, com os quais só conseguiam contato por correio marítimo (àquela época muito demorado), construíram uma família. Uma família pequena e unida, onde, sozinhos, criaram os três filhos, todos cariocas, num clima de companheirismo pautado por princípios éticos, de muito trabalho e disciplina. Vida difícil de imigrantes, mas imigrantes que também cultivavam o estudo, a arte e atividades recreativas, que viam como parte natural da vida. E parte importante, por constituir fonte de alegria, bem-estar e crescimento. Pais amorosos e dedicados, que com seu exemplo ensinaram os filhos a gostar de estudar, trabalhar com amor, valorizar atividades culturais e reservar tempo para se recrear. Lições de vida que foram transmitindo aos filhos sem palavras, e que da mesma forma procurei repassar a meus filhos. A propósito, veja que ensinamento lindo aprendi com eles, e depois tratei de pôr em prática na minha segunda família: brincar com os filhos é muito mais importante do que lhes dar brinquedos.

E deste modo, cresci em meio a livros e objetos de arte, música erudita tocada ao piano por meu pai, passeios junto à natureza (freqüentemente na Floresta da Tijuca e em excursões ao Alto da Boa Vista, ambos relativamente perto da nossa casa), visitas ao Museu Nacional e outras ocupações prazerosas, que aos poucos fui incorporando aos meus hábitos. Um gosto que, mais tarde, seria reforçado por meu marido, um médico com sólida formação musical no Conservatório Nacional de



Música, que tocava lindamente música clássica ao piano e amava a literatura.

Eu era a caçula dos três filhos. Fomos alfabetizados pela mãe, que lia muito, e tinha prazer de nos inculcar o mesmo gosto. Desde nossos primeiros meses, cantarolava versinhos e continas para nós, nos estimulando a folhear livrinhos ilustrados, com os quais começamos a “biblioteca” do nosso quarto. Mais tarde iria acompanhar de perto nossa vida escolar e, junto com meu pai, ajudar-nos nos estudos..

Todos os filhos estudaram em escolas públicas, do curso Primário ao Superior. Meu irmão, no Colégio Militar e, em seguida, na Escola Naval, onde começou sua carreira na Marinha de Guerra, na qual atingiu o posto de Contra-Almirante. Mais tarde, já na Reserva, retornou à escola e se formou em Economia.

Eu e minha irmã cursamos o Instituto de Educação, escola pública modelar, criada dentro do “Movimento da Escola Nova”, propugnado por educadores do porte de Anísio Teixeira (defensor dessa nova filosofia de educação), Lourenço Filho (pioneiro dos estudos de Psicologia em nosso meio) e Florestan Fernandes (sociólogo, com uma visão do papel maior da escola na sociedade e na cultura). Uma instituição magnífica, com corpo docente de primeira grandeza e facilidades materiais excelentes -- que incluíam salas especiais para música, desenho e trabalhos manuais, laboratórios de História Natural, de Física e de Química, um grande auditório para solenidades e comemorações (com palco e cadeiras especiais), mas também usado para aulas de canto coral (e, nas férias, para concorridas sessões do “Clube de cinema”). Tinha também um ginásio coberto, amplo e bem equipado, complementado por um terreno enorme, com acomodações para atividades externas de educação física, como pista de atletismo e de corrida com barreiras, quadras de esporte, caixas de salto, trave de equilíbrio e outras instalações, onde aprendi a gostar, e muito, de praticar exercícios físicos.

Uma escola admirável, na qual minha irmã e eu nos formamos professoras primárias (ela em 1937, eu em 1942), num curso de oito anos inesquecíveis, cinco de ginásial, um de Complementar e dois de Normal. E eu, ainda tive a sorte de passar mais três anos, pois nele tinha entrado aos sete anos, quando fui matriculada na sua escola primária. Uma escola primária maravilhosa, cujo currículo incluía a prática regular de atividades recreativas organizadas pelos professores, entre elas “jogos dirigidos”, dramatizações e danças folclóricas.

Nesse Instituto aprendi a gostar de educação física, em especial do salto em altura e em distância, mas sobretudo da corrida com barreiras, que vivia treinando. Foi uma paixão pouco correspondida, que hoje percebo



como simbólica do meu futuro estilo de viver, sempre em busca de desafios, para os superar com garra e perseverança.

Num tempo em que poucas mulheres faziam curso superior, eu e minha irmã prosseguimos nossos estudos, ingressando na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, onde nos graduamos Bacharel e Licenciado em Pedagogia. E ainda fizemos muitos outros cursos, só que isto é outra história, que contarei adiante, ao comentar minha formação escolar. Essa é a que eu chamo da minha “primeira família”.

João: Bom. E a “segunda família” (como você a chama) ?

Ethel: Foi uma família parecida com a “primeira”, igualmente muito unida, que construí com um médico, igualmente estudioso e amante de música e literatura. Aos 28 anos casei-me com Jorge de Almeida Cunha Medeiros, cirurgião torácico, que se especializou nos Estados Unidos, onde trabalhou como “Fellow surgeon” no Seaview Hospital, em New York, e continuou sua especialização como “Observer” em outros grandes centros cirúrgicos (em Boston, Philadelphia e Minneapolis). Uma união bem sucedida que vai completar 55 anos em novembro de 2008. Uma família na qual criamos as duas filhas e um filho, num clima de carinho, respeito mútuo e amor à verdade, princípios que continuamos a cultivar com os dois netos. Coerentes com o que pensávamos sobre a educação dos filhos, dela cuidamos pessoalmente, nunca recorremos a babás. Meus pais, sempre solícitos e presentes, nos ajudavam muito, embora não morássemos juntos. Além disso, no primeiro ano de vida de cada filho, eu tirava alguns meses de licença sem vencimentos.

Meu marido é o companheiro de todas as horas, amigo que sempre me apoiou e ajudou nas atividades domésticas e profissionais, tanto no magistério quanto no papel de “conferencista-viajante”, a perambular pelo país e o exterior (cheguei a passar uma semana na Índia...). Uma professora com mania de escrever e publicar livros, artigos, verbetes de enciclopédias e de dicionários, prefácios e cartas, aos quais dedicava parte considerável do seu tempo. E que até escreveu um livro para crianças -- “Histórias de um coati ladino” --, que acabou ganhando o primeiro prêmio num concurso público nacional.

A propósito, quero lhe contar que criei uma cartilha especialmente para os filhos. Uma cartilha inovadora e divertida bem humorada, elaborada com base em princípios didáticos e de Psicologia Educacional. Um livrinho que gira em torno de interesses da infância e vai graduando as dificuldades lentamente. Tem até o cuidado de prevenir erros frequentes, como a troca de consoantes homorgânicas (como **d e t**, **f e v**, **p e b**, **j e g**)



e dificuldades com as diferentes funções do x. Recheado de rimas engraçadas, continas, versinhos, adivinhas, jogos com desenhos, “casos” curiosos, aventuras (uma na cozinha, mostrando como fazer um doce) e até poemetos de Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Ascenço Ferreira. Tudo com dificuldade cuidadosamente graduada, que vai crescendo devagarinho. Sempre com a preocupação de evitar insucessos, cuida de reapresentar vários contextos, palavras cuja leitura já foi dominada. Um primeiro livro de estudo, com tantas brincadeiras, que mais parece de recreação. É que o seu alvo é muito mais do que o de ajudar a aprender a ler (e a escrever, é claro). É ajudar a aprender a fazê-lo com alegria, e assim ir tomando gosto pela leitura. Um objetivo que ele parece ter alcançado, pois nossos filhos e netos se tornaram grandes leitores.

Todas essas iniciativas estimuladas e apoiadas pelo meu marido, pai dedicado e carinhoso, também amante do estudo e das artes, e que também sempre participou intensamente da criação dos filhos, hoje todos professores e pesquisadores concursados, com Mestrado, Doutorado e Pós-Doc (feito no exterior, com bolsa de estudos), a integrar o corpo docente de universidades públicas. A primogênita, na Unicamp (Instituto de Computação), o filho, na Universidade Federal de Minas Gerais (Escola de Engenharia) e a caçula, na Universidade Federal Fluminense (Instituto de Matemática). Porém o melhor de tudo, é que todos são nossos amigos incondicionais!

João: Bom !

Ethel: Está bom assim? Ainda falta falar da minha formação escolar e da minha vida profissional, não é?

João: Está bom! Mas a senhora não está cansada?

Ethel: Ainda não! Vamos voltar à minha formação escolar.

Aos 5 anos fui alfabetizada em casa, por minha mãe, que me ensinou a gostar de ler e escrever. Sempre estudei em escolas públicas, do primeiro ao terceiro grau. Como eu já disse, num tempo em que poucas mulheres faziam curso universitário (e muito menos pós-graduação) graduei-me Bacharel e Licenciado em Pedagogia, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Quanto ao Mestrado, fui cursá-lo no exterior, visto ainda não ser oferecido em nosso meio. Até hoje, prestes a completar 84 anos, ainda estudo diariamente, pela alegria de aprender e para me manter atualizada. Como adverte aquele antigo ditado chinês: “quem não aprende todo dia, todo dia fica um pouco para trás”.

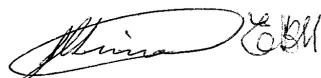


Aos 6 anos entrei na escola primária e aos 7, já sabendo ler, escrever e fazer as quatro operações aritméticas, fui matriculada na 3ª série da Escola Primária do Instituto de Educação, criada em 1932 na capital do país (então o Rio de Janeiro), por educadores do porte de Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Nela tive o privilégio de estudar por onze anos (até concluir o Curso Normal), e posteriormente de ser professora (de início no curso primário e depois no Curso Normal, onde lecionei Recreação e, mais tarde, Psicologia).

E assim, vivi anos a fio o cotidiano da “Escola Nova” --- movimento que revolucionou conceitos e práticas de nossa educação formal, notadamente pela grande atenção às necessidades e interesses dos educandos e o respeito às suas diferenças individuais, a preocupação constante com atividades culturais e o aproveitamento do fazer lúdico como veículo de educação. Foi uma experiência marcante, que principiou na Escola Primária, onde “jogos dirigidos”, dramatizações e danças folclóricas faziam parte regular das atividades. E continuou ao longo dos 5 anos de Ginásio, 1 ano do Complementar (cujas animadas sessões de cinema, no seu grande auditório, me deixaram saudade) e 2 anos do Curso Normal, em que a disciplina Recreação fazia parte da formação para o magistério, preparando as professorandas para pô-la em prática no âmbito escolar.

Era uma escola ímpar, com excelente infra-estrutura material e ensino de alta qualidade, ministrado por um corpo docente de primeira linha. O Instituto atraía numerosos candidatos. A questão era ser aprovada no disputadíssimo exame de admissão para o Ginásio (com provas escritas e orais) e alcançar as médias exigidas ao longo de todos os seus cursos, nas provas mensais, parciais e finais, com padrões rigorosos de desempenho. De outro lado, os que concluíam todos os seus cursos eram logo nomeados “professores primários” do ensino público da capital do país.

Instalado num edifício majestoso de três andares, num terreno amplo, e com salas de aula espaçosas em torno de um pátio central muito amplo, tinha ótimas acomodações e instalações funcionais para tudo: desde a grande biblioteca até salas especiais para várias atividades. Havia salas para: música (com piano de cauda e carteiras confortáveis), desenho (com pranchetas individuais ajustáveis) e trabalhos manuais (com instrumental variado e bancadas), além de laboratórios bem equipados de Química, de Física e de História Natural. E ainda oferecia um grande auditório para celebrações e solenidades (com cadeiras especiais e palco com lindas cortinas), ginásio coberto (com aparelhos como barras e escadas), campo de esportes (com pista de atletismo, quadras de esportes, caixa de saltos de altura e distância, trave, e outras facilidades, como um excelente



gabinete médico, banheiros confortáveis um corredor, escaninhos). Tudo isso funcionava em dois turnos, bem e com muita disciplina.

Depois de me formar professora primária e cumprir o período obrigatório de ensino em zona suburbana do Rio, voltei ao Instituto para trabalhar na sua Escola Primária, da qual só saíria para trabalhar em um parque municipal de recreação. Mas voltaria, anos depois, para lecionar Recreação no Curso Normal, e posteriormente, Psicologia (após ser selecionada num concurso público, com provas escritas, de aula e de títulos...)

Após o Bacharelado em Pedagogia pela FNF, fiz o Mestrado nas “Áreas Correlatas de Educação e Psicologia”, na Northwestern University, Illinois (universidade muito reputada) Nela estudei e aprendi muitíssimo, e defendi trabalho experimental de medidas e avaliação, em prova oral sobre minha dissertação. A propósito, durante o curso, trabalhei como voluntária na sua deslumbrante biblioteca, comecei a aprender a patinar no gelo e tentei (sem sucesso) jogar baseball. Foi um curso de altíssimo nível e que me deu oportunidades de crescimento profissional e pessoal excepcionais. Meu orientador, Dr. Edward Lester Clark, era um dos mais antigos professores da universidade e com ele eu fiz vários cursos. Tornou-se tão meu amigo que, anos depois veio ao Brasil com a mulher e a filha, esteve no Rio e nos visitou em nossa casa, fotografou nossos filhos. Mais tarde, anos depois quando se aposentou, entre os milhares de alunos que teve, me escolheu para enviar um caixote de livros básicos nos cursos que fiz com ele. Ser escolhida entre tantos alunos foi uma honra enorme. Até hoje a filha e a neta dele se correspondem comigo.

De volta ao Brasil, concluí a Licenciatura em Pedagogia na FNF e voltei à graduação, para fazer um curso de um ano na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, e, em 1951, me formar “Normalista Especializada em Educação Física Infantil” na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Vinte e poucos anos mais tarde, ainda faria na França, um extraordinário curso intensivo de especialização em “Planejamento e Avaliação de Sistemas Educacionais”, oferecido pela UNESCO a 18 pesquisadores, selecionados em diferentes países. Ministrado por conferencistas e pesquisadores de renome, alguns vindos da Inglaterra, Estados Unidos e Israel, foi uma experiência altamente enriquecedora, inclusive pelo intercâmbio com os colegas, todos de alto nível. E esse curso intensivo ainda me valeu convites para participar de publicações internacionais. Por fim, já em vésperas de me aposentar, cursei um excelente Ciclo de Estudos



de Extensão de Gestão Ambiental, com conferencistas excepcionais e colegas de elevado gabarito, com os quais muito aprendi .

Agora, João, acho que chega, não é?

João : Agora uns pontos é que eu quero ouvir mais.... Só umas coisinhas pontuais ... Depois é só detalhe

Ethel: Acho que agora acabei esta primeira parte. Veja o que mais quer saber e comece a fazer suas perguntas.

Segunda entrevista (em 06/08/2008)

Questões para Ethel

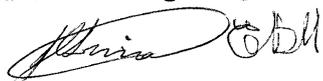
A seu pedido, todas as questões foram lidas antes da gravação. E disse que gostaria de respondê-las recontando alguns trechos da sua trajetória, pois, queria explicá-los melhor.

Questão 1) Quando e como a senhora passou a acreditar ou ver o lazer e a recreação como necessidades?

Em princípio, na minha infância, quando aprendi com meus pais a importância da recreação. O conceito de lazer viria bem depois, já quando fui à primeira reunião da International Recreation Association em Filadélfia, em 1956, quando conversei com grandes especialistas no assunto.

João – bom.

Ethel – Na minha infância, meu pai fazia questão de que todos reservassem tempo para atividades recreativas, que considerava parte importante e natural da vida. Passeava conosco, contava-nos histórias, tocava música para nós e nos lia poesias. Já minha mãe, muito atarefada com os afazeres domésticos, e sempre dando atenção e carinho aos filhos, costumava repetir “primeiro a obrigação, depois a diversão”. Era uma pessoa muito disciplinada, mas que gostava de brincar com os filhos mas sempre dentro deste conceito. Lembro-me até agora de uma das brincadeiras de que eu mais gostava, era com um “ratinho” branco que ela inventava dando nós num lenço de linho e que fazia correr e saltar em seus braços e mãos, a fazer travessuras e fugir do gato. Tenho pena de não ter aprendido com ela



essa façanha, porque poderia tê-la repetido com os meus filhos e netos. Portanto, para mim, recreação sempre foi uma necessidade, visão que só reforcei e ampliei quando comecei a estudar psicologia evolutiva no curso normal.

Quanto ao lazer, como disse, custei mais a incorporá-lo às minhas preocupações. Entre nós, era até um termo mais de especialistas, sobretudo de sociólogos. Na medida em que fui participando de congressos internacionais e conversando com participantes de vários países que trabalhavam nesse tema, passei a consultar a bibliografia especializada. Notei que havia divergências. Só para exemplificar, uma conceituação de lazer popular na França (difundida pelo Joffre Dumazedier) via o lazer associado à sociedade industrial, enquanto que os especialistas norte-americanos o viam como algo inerente à condição humana. E, ainda, enquanto os franceses se referiam a “os lazers (les loisirs)”, que eram atividades prazerosas feitas durante o tempo de folga, os norte-americanos falavam em “o lazer (leisure)” como um tempo disponível para projetos pessoais, deixando para depois o estudo de seu preenchimento.

Com o passar do tempo, fui aprimorando este conceito e encontrando bases mais sólidas para essa conceituação como necessidade, ao estudar psicologia social e antropologia cultural.

Na minha visão (de psicóloga), era a necessidade de um tempo livre para cultivar projetos pessoais e, como dizia outro francês, Edgard Faure, “O tempo para aprender a ser”. Um tempo buscado desde a era das cavernas, quando as pessoas se reuniam em torno da fogueira para contar e ouvir histórias.

Questão 2) Como e porque a senhora escreveu o livro Lazer: necessidade ou novidade?

De todas as minhas publicações, creio que foi a mais inovadora e uma das que tive mais prazer de elaborar.

Um livreto de apenas 16 páginas, que o SESC- RJ publicou em 1975, logo após um seminário sobre recreação e lazer. Uma reunião de especialistas, realizada no ambiente acolhedor da sua colônia de férias, em Nogueira –RJ. A palestra inicial foi feita por um especialista vindo da Suíça, que defendeu a visão de lazer como produto da sociedade industrial. Por discordar muito dessa percepção, procurei o Diretor Regional do SESC, que também participava da mesa, e perguntei se lhe interessaria publicar um texto meu, defendendo a outra posição – a do lazer como



necessidade humana. Imediatamente, ele concordou; voltei para o Rio e me pus a trabalhar.

Visto que os poetas cantam (e contam) o seu tempo, fui procurar em meu arquivo de trechos de poesias citações capazes de documentar com isenção essa maneira de ver. Gosto tanto de poesia e a considero um meio excelente de tocar o coração das pessoas para convencê-las a ver as coisas de outra maneira, que tenho um largo arquivo de citações de meus autores prediletos, todos poetas. Uso esse recurso com frequência nos meus textos, inclusive na área de medidas e avaliação em Educação e Psicologia.

João – O livro está aqui

Ethel – Então depois eu autografo para você. Já viu quantos versos lindos tem no livro?

João – Já – no livro todo...

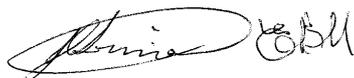
Ethel – Aquela da Cecilia Meireles que começa assim “Não te fatigues tanto...”

João – Essa citação a senhora colocou em Medidas.

Ethel – Pois é. Aproveitei todos esses documentos que já tinha, arrumei-os em ordem cronológica e elaborei um texto destinado a mexer no olhar dos leitores. E assim, o texto final documenta com isenção a perenidade da busca do lazer, ao longo de toda a história da humanidade. Assim, enquanto versos belíssimos encantam os leitores, vou provando que o lazer é parte relevante da condição humana e vou aliciando novos defensores.

Também utilizo poesias em palestras. Vou contar um caso muito expressivo do poder de comoção da poesia, que me aconteceu numa convenção de empresa, em Paranaguá, quando um dos garçons que serviam o lanche veio me procurar assim que concluí minha palestra sobre qualidade de vida. “Acho que a senhora vai gostar de uns versos que aprendi, e que têm tudo a ver com a sua palestra”. Fiquei entusiasmada, pois tocara o coração dele, que nem fazia parte da platéia, e me dispus a ouvi-lo. Recitou-me então o seguinte haikai (que decorei na hora, de tão emocionada que fiquei):

“O discípulo pediu ao mestre para ouvir o poemeto que tinha composto. Era assim: “Libélula vermelha/corto-lhe as asas/Pimenta.” E o mestre o



corrigiu - Não, meu amigo, o haikai ficaria melhor deste modo: “Pimenta vermelha /Dou-lhe asas/ Surge uma libélula”. “

Quer coisa mais linda, João?

João – Com certeza

Ethel - Outro exemplo: finda a minha palestra para um grande grupo de operários da Volkswagen, um deles me pediu que esperasse um pouco, até ele me trazer o seu “caderno de poesias”. Quando me mostrou esse caderno, manuscrito, cheio de versos, meus olhos se enxeraram de lágrimas. Eram poesias que ele escrevera.

Uso poesias até em aulas para chegar mais perto das pessoas, conquistar sua atenção e induzi-las a perceber outros aspectos da questão. Não é “perfumaria”, algo supérfluo que só serve de enfeite, como alguns pensam. A poesia co-move quem a ouve. É algo de muito sério.

A propósito, lembro outro livro em que usei muitas citações de poesias: “*O município e a recreação*”, publicado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal, em convênio com uma das Secretarias da Presidência da República. Conhece esse Instituto?

João – Já ouvi falar...

Ethel – É uma maravilha, uma instituição que se ocupa de Administração Municipal e dá cursos especiais de formação de pessoal administrativo de alto nível, para prefeituras

Por falar em livros que gostei muito de escrever, lembro especialmente “*O lazer no Planejamento Urbano*”, publicado pela Fundação Getúlio Vargas, em convênio com a Fundação Ford. Adotado em cursos de arquitetura, esgotou duas edições (1971 e 1975). Nele defendo a visão do lazer como necessidade básica do ser humano, tornado fenômeno de massa e, portanto, a clamar por cuidados especiais de toda a sociedade, sobretudo de seus governantes, por sua extensão a cada vez mais segmentos da população. De privilégio de poucos e mera questão pessoal, estava passando a direito de muitos, assegurado por leis trabalhistas, e, conseqüentemente, alçado a responsabilidade social.

João – Eu também tenho este livro



Questão 3) Anísio Teixeira a incumbiu de preparar um manual para orientar a recreação na escola primária, este trabalho deu origem ao livro Jogos para Recreação na Escola Primária e foi publicado também com o título Jogos para a Recreação Infantil. Então, o que guiou os estudos de 1 ano e meio para sua elaboração, como foi o processo de levantamento do material nos centros de educação dos países que buscou colaboração, de que forma as experiências nas duas áreas em que trabalhou contribuíram nesta investida?

Desde 1947, eu era Técnica de Educação, concursada, do MEC e trabalhava no Departamento Nacional de Educação dirigido pelo Professor Lourenço Filho. Em 1953, o Dr. Anísio me convidou para trabalhar com ele no INEP. Como já te contei, ambos lideravam o Movimento da Escola Nova, que entre outras características prestigiava as atividades recreativas como veículo de educação. Tinham, até, criado no Curso Normal do Instituto de Educação uma disciplina específica sobre Recreação da qual eu posteriormente seria professora.

O Dr. Anísio me mostrou a coleção de Guias de Ensino para a Escola Primária do INEP, uma série de livros, com cerca de 100 páginas cada um, dedicados a matérias como Linguagem, Música e Matemática.

Encomendou-me um livro semelhante destinado à prática de jogos na escola primária. Comecei então a elaborar, com carta branca, o “livrão” (como seria mais tarde apelidado por seu volume e amplitude).

João – A senhora já estava envolvida com a recreação?

Ethel – Há muito tempo, mas como voluntária. Eu fiz duas carreiras paralelas. Uma de Psicóloga e outra por gosto, como voluntária na área de Recreação.

Vou lhe contar como foi o processo para preparar o livrão. De início folhee os outros livros da série. A seguir, pedi ao Dr. Anísio uma autorização para enviar uma carta circular em papel timbrado, para serviços especializados no Brasil e no exterior, pedindo informações e material didático sobre jogos na escola e explicando o meu propósito de elaborar um guia de ensino de jogos. Escrevi para muitos países e recebi muitas e boas respostas. Quanto ao envio de material, os americanos e os canadenses foram os mais generosos. Os ingleses, os franceses e os alemães também me enviaram algum material. Outros nem sequer responderam. No nosso meio, obtive boa documentação de serviços de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. No Rio, visitei o SESC e outras instituições como o SESI. Enquanto ia recebendo material, começava a analisar e comparar linhas de pensamento e ação. Fiquei encantada! Demorei-me



nesse estudo, principalmente na classificação dos objetivos gerais e específicos visados pelas atividades. Montei um grande quadro-resumo de todos eles, classificando-os de vários modos. Nessa fase do trabalho, já enxergava com mais clareza o jogo como elemento de formação cultural. A seguir, redigi a parte teórica, com a sua fundamentação científica e técnica. Por fim, organizei a coletânea de jogos, assinalando seus objetivos específicos e suas semelhanças e diferenças em várias culturas.

Deliberadamente escrito do modo mais simples que consegui, compreende duas partes. A primeira, teórica, examina as contribuições da recreação ao processo educativo, a partir da alegria, que lhe é inerente, e ilumina a vida de todos. A seguir, discute os fundamentos filosóficos e científicos da obra, analisa sua finalidade e ainda propõe uma metodologia de planejamento de jogos na escola, bem como da avaliação de seus resultados. Depois indica normas de segurança e de prevenção de acidentes, bem como medidas de primeiros socorros. Por fim, oferece um quadro-resumo de objetivos gerais e imediatos de programas de jogos organizados na escola. Nele, tais alvos estão grupados por série escolar, e classificados segundo três aspectos básicos do desenvolvimento na infância, a saber: Força e Coordenação Motora (domínio de habilidades neuromusculares e resistência física), Socialização e Conduta (ajustamento social, controle emocional e autodireção), Compreensão e Capacidade Criadora (entendimento de regras e habilidade de autoexpressão). Grande inovação àquele tempo.

A segunda parte descreve 550 jogos e 128 “penitências” (estas que na maioria eu inventei para animar os participantes, mas nunca os expor a novo insucesso). Cada atividade traz a indicação dos objetivos educacionais específicos a que pode servir, dos seus erros mais comuns (a prevenir) e de suas variantes em diferentes culturas. Para facilitar a escolha das atividades, elas estão grupadas por: faixas etárias a que mais interessam e se adequam, tipo de habilidade física predominante e grau de intensidade de sua movimentação.

A inovação mais relevante, porém, é um índice analítico, com entradas múltiplas segundo esses mesmos critérios, aos quais ainda acrescentei os de exigências de espaço ou de material. O propósito foi facilitar o planejamento do trabalho e ao mesmo tempo invalidar as objeções à prática de jogos organizados, que me faziam nas escolas, sob argumentos como falta de local e de material, carência de um repertório apropriado de jogos e, o pior, “perda de tempo com brincadeiras”, ainda por cima “agitadas e barulhentas” ...

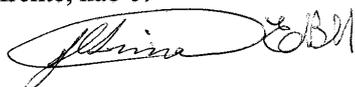


O “livrão” deu muito trabalho, mas valeu a pena, pois teve excelente acolhida. Esgotada a edição do MEC, que o distribuiu a todas as Escolas Normais do país, a obra teve duas edições comerciais (1961 e 1962), publicadas pela Editora Fundo de Cultura, no Rio de Janeiro. Dois anos depois, a Editorial Ruy Diaz, de Buenos Aires, traduziu-a para o espanhol e a publicou com um Prefácio elogioso de Enrique C. Romero Brest, renomada autoridade argentina em Educação Física, sob o título de “*Juegos de Recreación*”, com 4 tomos ilustrados em cores e encadernados. E em 1965, ainda me valeria o convite da mesma editora para preparar um livro de atividades lúdicas, destinado a pré-escolares, que a Ruy Diaz traduziu e intitulou “*La vida en el jardín de infantes*”, publicando-o em 1966, como o 5º tomo de uma nova edição, do “*Juegos de Recreación*, ampliada e com luxuosa encadernação em couro branco. Minha maior alegria, porém, foi ver a obra adotada em muitos países da América Latina.

Como você vê, as minhas duas áreas de trabalho (Psicologia e Recreação) se entrelaçaram nesse trabalho, que julgo marcante na minha trajetória profissional.

Questão 4) Quais os profissionais mais admirados e porque? Quais os mais próximos?
Quais as idéias compartilhadas? Quais as idéias opostas ou rejeitadas?

No Brasil, cito precursores notáveis como Nicanor Miranda, com seu primoroso trabalho em parques infantis da capital de São Paulo; Frederico Gaelzer, professor de Educação Física que instalava equipamentos nas praças públicas para atividades lúdicas de Educação Física; o professor Francisco Albizú, desportista veterano que, já nos anos 50, era o correspondente no Brasil da National Recreation Association dos Estados Unidos. Vale ainda destacar Arnaldo Sussekind que, no Ministério do Trabalho, criou em 1940 o Serviço de Recreação e Assistência Cultural aos Trabalhadores, e, no SESC, Ubiratan U. Correa (Diretor do Departamento Regional do Rio de Janeiro), que desenvolveu muito a parte de teatro amador e outras atividades artísticas, e Renato Requiza (Diretor do Departamento Regional de São Paulo), que criou e implantou grandes centros de recreação e lazer em todo o estado de São Paulo. Anos depois, a extraordinária professora Zilah Totta, que criou e deu vida ao CELAR (Centro de Estudos de Lazer e Recreação) em Porto Alegre, abrindo o terreno para cursos de pós-graduação. Posteriormente, na mesma linha, Christianne Luce Gomes, cujo trabalho deu grande impulso à pós-graduação na UFMG. Eu admiro muito a capacidade dela de tocar as coisas para frente, não é?



João – É verdade

Ethel - Fora do Brasil, meu predileto e aquele com quem mais aprendi foi Johann Huizinga, autor de *Homo Ludens*, com uma belíssima visão filosófica e científica do papel da atividade lúdica na cultura. Joseph Lee, nos Estados Unidos, com sua visão de parques e recreação e Charles Bright-Bill, com sua seleta coletânea de textos escolhidos. Na Espanha, Ortega y Gasset, com uma obra que medita sobre a opressão da técnica e a rebelião das massas e Sebastian De Grazia, que li em inglês sob o título “Of time, work, and leisure”, um livro encantador que discute o papel desses três ingredientes da nossa vida. Na França, Jean Fourastié, com seu excepcional livro *Des Loisirs: pour quoi faire?* e Joffre Dumazedier, com seus livros *Vers une civilisation du loisir?* e *Regards neufs sur le sport*.

João – E os mais próximos, quem eram

Ethel - Os mais próximos são a Zilah Totta e Frederico Gaelzer e Dr. Ubiratan Correa, de cujas idéias compartilho.

João – E quais as idéias opostas?

Ethel - No curso desta entrevista já fui mencionando aqueles de quem divirjo, como por exemplo Dumazedier. Acho que te respondi tudo, não é, João?

João – Respondeu muito bem

5) O livro 108 Jogos para Jardim de Infância, escrito com a participação de Edvete R. Machado, traz a seguinte observação: “este livro destina-se a atender, em parte, às necessidades que sentimos entre professores de jardim de infância, por ocasião dos cursos sobre atividades para pré-escolares, que ministramos sob o patrocínio da Organização Mundial de Educação pré-escolar (OMEP)”. Então, qual é sua relação com Edvete? E, quais eram essas necessidades?

A Edvete foi uma das melhores professoras de jardim de infância que tive o privilégio de conhecer como colega no Instituto de Educação e na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Trabalhamos juntas em cursos para professores e assim pudemos ter uma melhor noção das suas necessidades na área de atividades recreativas para os pequeninos. Tínhamos tanto em comum que nos tornamos grandes amigas e a convidei para ser madrinha da minha filha caçula. A propósito, até a convenci a ir



estudar nos Estados Unidos na renomada Northwestern University, em Illinois, onde fiz meu “Mestrado em Áreas Correlatas de Educação e Psicologia (Master of Arts in Correlated Areas of Education and Psychology)”.

6) No livro *Medidas Psico&Lógicas*, você diz que: “O conceito que cada um faz de si repercute fortemente em seu comportamento. Agimos mais segundo o que cremos ser do que conforme o que de fato somos”. Então, qual o conceito que você, Ethel, faz de si, o que você, Ethel, crê ser?

Nunca tinha pensado nisto, mas para agradá-lo, vou apontar alguns grandes traços que me parecem característicos de minha maneira de pensar e agir, a saber: grande e prazerosa dedicação à família, espontaneidade, gosto pelo estudo (até hoje estudo diariamente pelo menos uma hora e meia), amor ao trabalho, autonomia e coragem para enfrentar desafios (não foi à toa que aos 12 anos escolhi, nas aulas de Educação Física, corrida com barreiras), inventividade, garra e perseverança, bom humor e alegria.

João – Bom.

Ethel – Agora, João. Vamos rever alguns pontos da minha história, que talvez não tivessem sido bem aclarados. No tocante à minha visão de recreação como parte natural do dia-a-dia, devo-a a meus pais, na infância, como contei na história da minha primeira família.

Com o correr dos anos, já professora primária, passei a usar a recreação na sala de aula. Inventava atividades lúdicas para os alunos gostarem de aprender a ler. E era tão bom que a maioria costumava passar de ano. Minha filosofia mudara. Antes eu visava apenas alegrar as crianças. Agora já aproveitava a alegria para ensinar. Passei a ver a escola de outro jeito. A enxergar nos jogos alguma coisa mais além do prazer e da aprendizagem de regras. Favorecia no domínio de habilidades, conhecimentos e socialização.

Mudei o olhar, mudei o fazer. Passei a planejar cuidadosamente cada sessão de jogos, tendo em mente objetivos educacionais bem nítidos. Cada vez recorria mais ao lúdico para educar meus alunos – e meus filhos. A recreação ajuda em qualquer idade.

Agora só falta abordar minha trajetória profissional no campo da Recreação e Lazer.

Comecei a lidar profissionalmente com recreação, quando, entre nós, merecia pouca atenção. Era “coisa de criança” e algo supérfluo para os demais, sempre atarefados. Como que um domingo tentando se intrometer



nos “dias úteis”... Na escola, então, nem cabia, pois era lugar de “ocupações sérias”. Quanto ao lazer, nem sequer fazia parte do vocabulário usual. Era assunto de uns poucos especialistas.

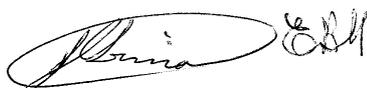
Entretanto, habituada desde a infância a cultivar atividades lúdicas, sempre as vi como parte normal da vida de todos -- importante por sua alegria no fazer e por suas contribuições à saúde, ao desenvolvimento e à educação. Por isto, assim que comecei a lecionar (numa escola pública de um subúrbio carioca), cuidei de inclui -las em minhas aulas. E com tal gosto, que logo no primeiro mês de trabalho, o pai de um aluno meu da 1ª série foi pedir à Diretora que transferisse o filho para “outra turma”. Isto porque “o menino (de sete anos) chegava em casa alegre demais” -- sinal de que “boa coisa não devia estar fazendo”... E isto na capital do país, em 1943 ...

Cerca de ano e meio depois, concluído o período obrigatório de magistério em área suburbana, fui designada para a Escola Primária do Instituto de Educação. Com alegria, voltei a esse centro, onde tivera o privilégio de estudar por onze anos. Só que a essa altura já me preparava para ser professora no segundo grau, estudando para o vestibular do curso de Letras Anglo-Germânicas, da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. Trabalhava até o meio dia, e à tarde estudava em casa. À noite aprendia alemão com meu pai, que também me ajudava a melhorar meu inglês e progredir no latim. E assim, passei nas provas escritas e orais do vestibular.

Muito animada, principiei o 3º grau (à época cursado por poucas mulheres), mas logo me deparei com a dificuldade de conciliar meus horários de trabalho e estudo. Morava na zona sul da cidade, lecionava a manhã inteira na zona norte e tinha aulas no centro, a maioria à tarde, porém algumas de manhã. Aprovada em 1º lugar no vestibular, quase não tinha tempo para estudar. Vivia exausta, a correr, e o pior, a acumular atrasos e faltas, que tentava compensar com trabalhos extras. Desolada, completei o 1º semestre e tranquei a matrícula. Só não abri mão de meus sonhos.

João – Quanta dificuldade!

Ethel - Inconformada, sai à procura de outro caminho. Consultando a família, amigos e colegas, cheguei a uma solução: pedir transferência na Faculdade e no trabalho. Na Faculdade, para o curso de Pedagogia, cujas matérias ampliavam e aprofundavam o que eu já gostara de estudar no



Curso Normal (sobretudo Psicologia). E com a vantagem de só ter aulas à tarde.

No trabalho, pedi para ser transferida para o Departamento de Educação Complementar, que compreendia os Serviços de “Educação Musical” e de “Educação Física, Recreação e Jogos” (denominação estranha, que retira os “jogos” da “recreação”...), e também um amplo Parque de Recreação, na zona sul da cidade, anexo a uma escola primária municipal. A idéia era ser designada para esse Parque, onde eu trabalharia bem mais perto de casa e teria um horário flexível, concedido aos que davam plantão nos fins-de-semana e feriados.

Achada a saída, pus-me em campo. Na Faculdade, a transferência foi relativamente simples. Prevista no Regimento Interno, apoiou-se no meu histórico escolar, em especial no vestibular, bem como no fato de eu já exercer o magistério (e no Instituto de Educação).

Na Secretaria de Educação, porém, logo de saída, encontrei forte oposição da minha Diretora na escola primária. Para superá-la, tive de pedir audiência ao Diretor do Departamento de Educação Complementar, o médico Pedro Poppe Gyrão, que me acolheu cordialmente e escutou com simpatia os meus motivos. Após algumas perguntas-chave, falou-me do seu interesse em contar com mais um professor plantonista no Parque, e me abriu a porta para trabalhar em recreação. E assim, em 22 de maio de 1946, a professora primária Ethel Bauzer, com quase quatro anos de experiência no ensino de 1º grau, foi designada para o Parque de Recreação Darcy Vargas.

Atenuadas as dificuldades de distância (que antes me obrigavam a cruzar duas vezes diariamente a cidade -- e de bonde ...) e conciliados os horários de trabalho e estudo, “vesti minhas novas camisas”. Apliquei-me às matérias do curso de Pedagogia e tratei de me capacitar profissionalmente para o trabalho em recreação. Com a ajuda dos colegas do Parque, comecei a aprender a lidar com meu novo público -- de várias idades, da primeira infância ao fim da adolescência e, em parte, oriundo de uma comunidade carente da vizinhança.

Sempre muito mais interessada no “porque” e no “para que”, cuidei de buscar fundamentação teórica (científica e filosófica) para o trabalho em recreação. O “como”, que a muitos parecia a preocupação central, seria simples decorrência desses fundamentos.

Passei a freqüentar as bibliotecas dos Ministérios da Educação e Cultura e do Trabalho e também a biblioteca do Instituto Brasil /Estados Unidos -- todas a poucas quadras da Faculdade. Nelas consegui material excelente, inclusive documentação do trabalho do SESC (então mais voltado para atividades físicas e recreativas) e do SESI (mais preocupado com desportes, excursões, espetáculos de cinema e de teatro, artesanato). A par disto, em contatos pessoais, obtive material das Prefeituras de São



Paulo (onde Nicanor Miranda desenvolvia primoroso trabalho em Parques Infantis) e de Porto Alegre (em que Frederico Gaelzer promovia atividades desportivas em praças públicas).

Nesse ínterim, soube que o MEC programava um concurso público, nacional, para quarenta vagas de Técnico de Educação. Sua realização caberia ao DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público), órgão de elevado nível técnico, conhecido por seu rigor e lisura, e cujas funções incluíam a seleção do funcionalismo da União. Na sua biblioteca, igualmente perto da Faculdade, consegui informações mais precisas sobre o concurso e posteriormente seu Edital, que especificava as opções de especialidade e os programas das respectivas disciplinas.

Junto com a minha irmã (que já trabalhava em Pedagogia), comecei a me preparar para essas provas. Juntas, entramos num grupo de estudos à noite, formado por egressos da Faculdade. Um concurso muito difícil, atraiu setecentos candidatos em todo o país.

João – É, a senhora falou.

Ethel – O concurso demorou muito a sair, e ainda deixou intervalos de semanas entre uma prova e outra. Concluído esse longo processo e homologados os seus resultados, os aprovados (entre eles minha irmã e eu) tiveram de se unir para conseguir nomeação, pois todas as vagas continuavam ocupadas pelos interinos. Finalmente nomeada em 1947, fui trabalhar no Departamento Nacional de Educação do MEC, a convite do seu Diretor, o professor Lourenço Filho. Nele integrei durante anos a equipe de construção de testes nacionais de inteligência e de escolaridade. Posteriormente, a convite de Anísio Teixeira, Diretor do INEP, fui ser Coordenadora da seleção para as Bolsas de Estudo oferecidas pelo MEC, e mais tarde encarregada de planejar e instalar Centros Regionais de Pesquisa do INEP. Anos depois, o mesmo Diretor do INEP me transferiu para o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, onde trabalhei até pedir demissão do cargo de Técnico de Educação, já que o MEC fôra transferido para a nova capital do País, e o meu marido era cirurgião concursado do Hospital dos Servidores de Estado (no Rio), centro nacional de referência médica, onde trabalhava desde a sua fundação, em outubro de 1947.

Também nesse meio tempo, candidatei-me a uma das bolsas de estudos de pós-graduação nos Estados Unidos, oferecidas pelo Institute of International Education. Aprovada nas suas provas escritas e orais, comecei no ano seguinte o curso de “Mestrado em Áreas Correlatas de Educação e Psicologia” na Northwestern University, Illinois, que conclui em 1949.

De volta ao Brasil, e sempre em busca de aperfeiçoamento nas minhas duas áreas de trabalho, retornei à Universidade do Brasil, agora para uma



graduação na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, onde em 1951 me formei “Normalista Especializada em Educação Física Infantil”.

João – Ah, com certeza!

Ethel - Deste modo, estudando com afinco e trabalhando com gosto, fui evoluindo de voluntária entusiasta até profissional qualificada em recreação. Me dediquei tanto a essa capacitação e ao seu efetivo exercício, que em pouco tempo a Chefia do Serviço de Educação Física, Recreação e Jogos me chamou para colaborar na preparação do material didático de recreação, destinado a professores do ensino de 1º grau. Enquanto isso, também participava ativamente do planejamento e capacitação de recreadores (trabalho que anos depois iria fazer para o SESC/ RJ e para o SESI/Departamento Nacional).

E assim, ganhando experiência e estudando continuamente, fui sendo convocada a compartilhar meus conhecimentos e vivências, fazendo palestras, dando cursos, integrando mesas-redondas e painéis em congressos, nacionais e internacionais, nos quais defendi ardentemente meus pontos de vista.

João – É, ontem a senhora falou nisso...

Ethel - Com o correr dos anos, fui ampliando o alcance desse trabalho de divulgação e de atração de mais adeptos para a causa da recreação e do lazer (e mais tarde da sua contribuição à qualidade de vida), fui publicando trabalhos que, bem aceitos, me valeram convites de diversas entidades, em muitas capitais do país. Vale lembrar que essas publicações foram não só revelando o desdobramento de meus horizontes e meu campo de atuação, mas sobretudo minha evolução conceitual e filosófica, junto com a atualização constante do meu embasamento científico e metodológico.

Em resumo, minha trajetória profissional, em recreação e lazer evoluiu da simples promoção de jogos organizados na escola primária, no início dos anos 40 (quando ela ainda era vista como “lugar de estudo e não de brincadeiras”), até à promoção do lazer como fator de relevo na qualidade de vida, por constituir necessidade básica do ser humano e oportunidade ímpar de desfrutar a liberdade de escolha. Tempo para crescer, desenvolver-se e, em atividades ao ar livre (como caminhadas em parques florestais e áreas de preservação, trekking, acampamentos ou ecoturismo) reaproximar-se da natureza, cada vez mais afastada dos aglomerados humanos. O lazer como espaço privilegiado para alargar horizontes, dominar novos conhecimentos e habilidades, ampliar contatos sociais,



cultivar atividades criadoras, exercer a cidadania. Enfim, tempo para aprender a ser e a conviver, inclusive com o meio ambiente, tão necessitado de respeito, proteção e conservação.

Ao longo desse percurso, de mais de meio século, cuidei sempre de me manter atualizada, tanto no relativo aos fundamentos científicos do meu trabalho, quanto à multiplicação das opções para aproveitar o tempo livre, propiciadas por avanços tecnológicos. Tudo, porém, com a precaução de sempre ressaltar as vantagens das atividades “re-creativas” sobre as de mera diversão, que aos poucos vão reduzindo pessoas a meros ouvintes ou espectadores. Transforma tudo em espetáculo de profissionais, para massas que pagam para ser divertidas. Nessa busca crescente por diversões comerciais, o amadorismo (com suas alegrias ao alcance de todos) vai sendo desencorajado

Acho que te expliquei minha trajetória, não?

João – Hunrum, explicou. A senhora já explicou até a questão da necessidade, não é? Quer dizer, como a senhora começou a acreditar, ou ver a recreação e o lazer como necessidade.

Ethel – Exatamente. Daí minha insistência constante na urgência de educar as pessoas, desde cedo, para um aproveitamento salutar do lazer, no qual as atividades recreativas predominem. E a par disso, urgência do estabelecimento de políticas públicas (e posteriormente empresariais) de lazer, por entendê-lo como necessidade básica do ser humano, a clamar por cuidados especiais da sociedade, sobretudo de suas lideranças. Medidas tanto mais urgentes quanto a constatação de que o lazer, antes privilégio de poucos, transformara-se em fenômeno de massa, visto que estendido por leis trabalhistas a cada vez mais segmentos da população. E assim, de mera questão pessoal, passara a direito de muitos, e, conseqüentemente, uma nova responsabilidade social. São políticas públicas de lazer para orientar seu planejamento (inclusive reservando áreas livres) e promover a implantação de uma infra-estrutura material (de acomodações, instalações e equipamento) para a população se recrear. Em resumo, uma série de providências urgentes, acompanhadas pela formação de profissionais dessas áreas, para estimular e orientar a população no sentido de um aproveitamento salutar e construtivo do próprio lazer. Expliquei tudo o que você queria ?

João – Explicou, inclusive aquela parte de usar poesia para tornar a leitura agradável e tocar o coração eu vi na introdução do seu livro Medidas Psico&lógicas.



Ethel – Agora vou te mostrar outra coisa. É um trabalho de que muito me orgulho. Ele é o primeiro capítulo de uma coletânea chamada “In celebration of play”, de 22 trabalhos de autores de vários países, editada em 1980 por Paul Wilkinson, e publicada pela Croom Helm, Londre. Este trabalho, que intitulei “Play in human settlements: an integrated approach.” é o melhor trabalho que já escrevi. Não existe tradução.

João - Bom

Ethel – E isso aqui é meu livro de provas objetivas, que acho que você não conhece. É um livro que ensina a fazer provas objetivas, teve dez edições.

João – Eu fui atrás dele, eu o vi na biblioteca da UFMG. A senhora deve estar cansada, não?

Ethel – Nós já estamos terminando.

João – Aí eu não sei se a senhora quer fazer hoje, ou na próxima vez que eu vier. Falar assim, como foi essa mulher, latino-americana, lembra que a senhora me falou? Como foi ser essa profissional, com tanta profissão, com tanta atividade, esposa, mãe?

Ethel – Precisa bom humor!

João – Bom humor!

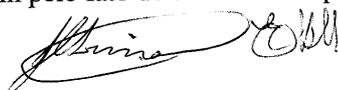
Ethel – O humor é uma grande arma contra o preconceito.

Terceira entrevista (07/08/2008)

Nesse dia, estava combinado de eu retornar a casa de Ethel para recolher as fotos para escanear e textos para fazer cópia, mas ela quis responder de forma melhor a respeito da sua condição de mulher latino-americana.

João – Então é aquilo que eu falei, não é? Como foi a senhora, mulher, trabalhar no meio de tantos homens com uma representação tão forte, diante desses órgãos todos em que foi diretora, vice-diretora, na Fundação Getúlio Vargas, tudo isso e ainda ser a mãe de família, a esposa?

Ethel – É algo com que me habituei. Havia realmente muito mais preconceito do que há hoje. Hoje as mulheres estão se unindo e vencendo alguns preconceitos, mas havia preconceito não só contra a mulher, mas também pelo fato de eu ser de um país dito subdesenvolvido. Hoje isto é



chamado de emergente, o que eu acho ainda pior, porque significa que nunca acabou de nascer, ainda está emergindo.

Eu tinha que me afirmar discutindo de igual para igual, e até me felicitaram sobre isso em um congresso. O principal é você ter confiança no que acredita e defender isso.

João – Bom.

Ethel – João, vou comentar a importância da simplicidade, que admiro e cultivo.

João – Então, me fale né? Sobre essa questão do ser simples que a senhora me falou

Ethel – Ser simples é muito difícil, porque o simples vai se despojando até chegar à essência das coisas. É muito mais fácil complicar. É preciso ter grande domínio do assunto em causa, perceber o que é essencial, abandonar o assessorio. A propósito, vou lhe dar um artigo meu sobre isto. Nele cito até poetas que sabem ser simples, mas eloqüentes como Fernando Pessoa, quando resume algo em três palavras: “O essencial é saber ver”. E também o Mário Quintana – sou admiradora dele – que define o conceito de cidade grande como “Cidade grande: dias sem pássaros, noites sem estrelas”. Isso é uma beleza!

Algo semelhante você pode observar, por exemplo, numa piscina: o iniciante faz uma marola terrível, enquanto o campeão desliza na água sem nenhum movimento excessivo, não tem um só movimento parasita. Uma cambalhota de palhaço é uma beleza. O grande atleta simplifica o que é importante.

Infelizmente há a cultura do complicar. Há umas pessoas que pensam que, falando difícil, se tornam importantes. Simplificar é uma arte que exige muito esforço, mas é indispensável.

João – Bom

Ethel - Em resumo, tive, digamos assim, várias carreiras paralelas, mas entrelaçadas:

a de filha, esposa, mãe e avó; e duas carreiras de magistério (do ensino elementar ao de pós-graduação) e de pesquisa, nas áreas de Psicologia (Medidas e Avaliação) e de Recreação, Educação Física e Lazer .

Publiquei 17 livros (dois com premiação nacional) e quase uma centena de artigos técnicos (muitos em inglês, alguns em francês e espanhol). Fui Co-fundadora, entusiasta e ativa, de 4 Associações profissionais: a International Recreation Association; a World Leisure and Recreation Association (desdobramento da IRA, com ampliação do foco, ambas com sede em New York; a Asociación Latinoamericana de Tiempo Libre y



Recreación, com sede inicial em Santiago, Chile, e depois rotativa; e a Associação Brasileira de Recreação, sediada no Rio nos vinte anos em que se manteve em atividade.

Em todas as minhas carreiras, atuei com alegria e dedicação (levo tudo a sério). Acho que me sai bem, e até muito mais do que podia imaginar, receber reconhecimento internacional do meu trabalho, a começar pela tradução para o espanhol do meu 1º livro (publicado na Argentina e adotado em outros países da América Latina). E também a série de convites que fui recebendo para participar de trabalhos no exterior. *Ebl*


João Francisco Lima.

ANEXO

Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente documento, eu, Ethel Bauzer Medeiros, brasileira, casada, Carteira de Identidade nº 515156, emitida pelo Instituto Félix Pacheco, residente na cidade do Rio de Janeiro, declaro ceder a João Franco Lima, sem quaisquer restrições quanto a seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade dos direitos autorais única e exclusivamente da transcrição das gravações por mim revista e retificada, que documenta em 26 páginas, rubricadas por mim e por João Franco Lima, o depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a ele na cidade do Rio de Janeiro, nas datas; 04, 06 e 07 de agosto, num total de 03 horas e 25 minutos gravados.

O senhor João Franco Lima fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, para fins estritos e exclusivos da elaboração de sua Dissertação de Mestrado, a mencionada transcrição, no todo ou em parte, editado ou não, bem como a permitir o acesso de terceiros para fins idênticos, com a única ressalva da sua integridade e a indicação de fonte e autor.

Rio de Janeiro, 29 de novembro de 2008



Ethel Bauzer Medeiros

Cronologia de Ethel Bauzer Medeiros:

1. Ethel nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 18 de dezembro de 1924.
2. Foi alfabetizada pela sua mãe aos 05 anos de idade (1929/1930).
3. Em 1932 ela foi matriculada na 3ª série da Escola Primária do Instituto de Educação (modelo), da Prefeitura do antigo Distrito Federal, com 07 anos de idade.
4. Entrou para o ginásio, ainda no Instituto de Educação, em 1934 (com 09 anos de idade), que foi concluído em 1939 (com 15 anos de idade).
5. Faz o curso complementar em 1940, também no Instituto de Educação.
6. De 1941 a 1942 faz o curso Normal do Instituto de Educação (dos 16 aos 18 anos de idade).
7. Começou a atuar como professora primária 1942.
8. No ano de 1943 (com 18-19 anos de idade) ingressou por meio de vestibular no curso de Letras Anglo-Germânicas, mas, devido à dificuldade de conciliar horários de trabalho e estudo, pediu transferência e fez o Bacharelado em Pedagogia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
9. Em 22 de maio de 1946 ela começou a trabalhar no Parque de Recreação Darcy Vargas.
10. Em 23 de dezembro de 1946 (com 22 anos de idade) foi aprovada no concurso para o cargo de Técnico de Educação do Ministério da Educação e Saúde. Nomeada em 1947, foi trabalhar no Departamento Nacional de Educação do MEC.
11. 1948 – Ano da Declaração Universal dos Direitos Humanos (pela ONU)
12. Em 1949 (com 24-25 anos de idade) concluiu o curso de Mestrado em Educação pela Northwestern University, Illinois, na área de medidas.
13. 1949-1950 – (dos 24 aos 26 anos de idade) fez o curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com intenção de lecionar no Ensino Superior.
14. No ano de 1951 (com 27 anos de idade) concluiu o curso de Normalista Especializada em Educação Física Infantil (com duração de um ano),

na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil.

15. Casa-se com Jorge de Almeida Cunha Medeiros em novembro de 1953, com 28 anos de idade.
16. Em 1953 Ethel é convidada por Anísio Teixeira para trabalhar com ele no INEP, e encomenda a ela um manual para orientar a recreação na escola primária.
17. No ano de 1956 ela (com 31-32 anos) Integra o conselho consultivo Internacional da Associação Nacional de Recreação dos EEUU; Cooperou para a criação da International Recreation Association e é eleita sua primeira Diretora, e reeleita até 1976.
18. EM 1958 Ethel fez parte do grupo que fundou a Associação Brasileira de Recreação (ABDR), da qual foi eleita sua primeira Presidente.
19. No ano de 1959 foi publicado o seu livro Jogo para recreação na escola primária: subsídio à prática da recreação infantil. No mesmo ano foi convocada para assessorar o planejamento de locais e equipamentos públicos para fins de lazer e recreação na futura capital federal..
20. Entre os anos de 1962 e 1965 ela (dos 36 aos 40 anos de idade) atuou como assessora de recreação do grupo de trabalho de urbanização do aterro da Glória-Flamengo para a criação do parque do Flamengo.
21. Nos anos 1970 realizou palestras avulsas e um curso do CELAR (no Rio Grande do Sul).
22. Nos anos 1980 Cooperou na fundação da Asociación Latinoamericana de Tiempo Libre y Recreación (ALATIR), foi um dos primeiros Vice-Presidentes. Em 1981 retirou-se da Vice-presidência da WLRA.

o venho de novo fazer mais correções...
de 7 horas da tarde...
Ministério Superior...
Medidas...
Anuladas...

16776 Segunda-feira 23

DIÁRIO OFICIAL (Seção I)

Dezembro de 1946

EDITAIS E AVISOS

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO

Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento

CONCURSO PARA PROVIMENTO EM CARGOS DA CLASSE INICIAL DA CARRERA DE TÉCNICO DE EDUCAÇÃO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

C. 154

Faço público para conhecimento dos interessados, que é o seguinte o resultado final do concurso acima referido.

N.º Insc.	Estado	Nome	M. final
138	DF	Hilda Fernandes de Mota	82,61
139	DF	Dagmar Furiado Monteiro	82,30
14	DF	José Carlos Nequeira Ribeiro	77,51
120	DF	Riva Bauzer	77,42
47	DF	Ethel Bauzer	77,16
56	DF	José Roberto Moreira	77,11
62	DF	Edoardo de Azevedo	76,97
61	DF	Ézio Garibaldi	76,97
118	SP	Odeete Lourenço	76,05
68	DF	Yesis Iliá Y Amoebo	76,05
1	DF	Cleante Rodrigues de Siqueira	75,08
31	SP	Tulvio Carlos Memmocchi	75,08
126	DF	Maria José Cardoso Corte Imperial	75,08
60	DF	Elza Rodrigues	72,78

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

Diretoria de Aeronáutica Civil

INTIMAÇÃO POR EDITAL

Por se encontrar em lugar incerto não sabido, fica intimado a comparecer à Diretoria de Aeronáutica Civil, do Ministério da Aeronáutica, para a publicação do presente Edital, o Sr. Lus Carlos Chagas, para receber a guia de recolhimento da multa que lhe foi imposta pelo Sr. Diretor de Aeronáutica Civil, de Cr\$ 2.000,00

MINISTÉRIO DA FAZENDA

Recebedoria do Distrito Federal

Seção do Preparo da Arrecadação

EDITAL DE INTIMAÇÃO

Processo n.º 292.138, de 1946: Pelo presente Edital fica intimada a firma "Empresa de Carne Verde Histensada Ltda.", a pagar no prazo

84	DF	Irabemith Gomes Pereira	72,88
104	DF	Paulo Afonso da Rocha Pinto Júnior	70,85
70	DF	Zenaldo Cardoso Schultz	70,85
15	PE	Hildemar Fals Barbosa	70,55
67	DF	Neusa da Silva Fetal	69,82
138	DF	Dilvah Freneco Macedo	69,02
196	DF	Emilia do Nascimento	68,98
54	DF	Cláudio Ramalho	68,84
53	RS	Cláudio Silveira	68,85
138	SP	Carlos Santos Silveira	68,28
83	DF	Benirah Torretis Pereira Azem	67,72
59	SP	Teresinha de Jesus Negreiros Feneado	67,72
178	SP	Carlos Alvarenga	67,04
138	SP	Leina de Encellega	66,97
118	DF	Luiz Conrado da Fonseca	66,82
177	DF	Nhamibachy Caralaté Amortim	66,28
43	SP	Enio Viterbo	65,91
51	SP	Dulce de Godol Alves	65,84
107	SP	Maria de Lourdes Duarte Gonçalves	65,23
65	PE	Eneldi Raposo Alvares de Andrade	64,68
17	MG	Rejane Otília da Costa	62,31
149	SP	Nice Camargo Barioni	62,28
39	SP	Dinah Martins de Sousa Campos	62,21
155	SP	Mamante Torres	60,00

D. S. A. do D. A. S. P., em 18 de dezembro de 1946. — Walter de Toledo
Piaz, Diretor de Divisão

Benedetto Mariano da Silva	Rua José Adnet — Rua Miguel Couto, 11, 2.º andar — 1945 — 1946
Visconde de Inhamaia	115 — 1946
Benjamin Natskissel	Rua Urugulana, 12 — 1945 — 1946
Boris Fevsner	Praça Tiradentes, Alvim, 35-37 — 1944 a 1946
Catlan & Davy	Rua da Constituição, 4 — 1945 — 1946
Charles Schreiber	Rua 1.º de Março, 107 — 1944 a 1946
Chitlis Lapidação Ltda.	Rua São Bento, 19, 1.º andar — 1945 — 1946
Christab S. A.	Rua Aristides Kaufman — Rua do

Técnico do Ministério I

Total de candidatos ao mais elevado cargo técnico do Ministério I Educação e Cultura: 700 (setecentos)
A mais pequena das quantidades (2) é a dos candidatos a nomear (2).
Nota: Para a seleção de candidatos para o cargo de Técnico do Ministério I, a pagar no prazo de 30 dias, a partir da publicação do presente Edital, o Sr. Lus Carlos Chagas, para receber a guia de recolhimento da multa que lhe foi imposta pelo Sr. Diretor de Aeronáutica Civil, de Cr\$ 2.000,00

Des 82
Arrecadação e Suficiência
Arrecadação e Suficiência
Arrecadação e Suficiência



*Imagens 05 e 06. Ethel Bauzer Medeiros (com vestido claro quadriculado, a quinta pessoa da direita para a esquerda, na foto 05, e a terceira da direita para a esquerda na foto 06) em Curso de Recreação Infantil, Curitiba 01/08/1953.
Fonte: arquivo pessoal de Ethel Bauzer Medeiros.*